



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS

RAÍCE ADRIELLE RIBEIRO MARTINS

A (DES)CONSTRUÇÃO DO EVANGELHO DE CRISTO:
análise do discurso crítica no romance de José Saramago

São Luís-MA
2024

RAÍCE ADRIELLE RIBEIRO MARTINS

**A (DES)CONSTRUÇÃO DO EVANGELHO DE CRISTO:
análise do discurso crítica no romance de José Saramago**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras – Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Área de concentração: Teoria Literária

Linha de pesquisa: Literatura, Memória e Subjetividade.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola de Jesus Soares Santana

São Luís-MA
2024

Martins, Raíce Adrielle Ribeiro.

A (Des)construção do evangelho de Cristo: análise do discurso religioso cristão na obra de José Saramago. / Raíce Adrielle Ribeiro Martins. – São Luís (MA), 2024.

116p.

Dissertação (Mestrado em Letras/PPGLETRAS) Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola de Jesus Soares Santana.

1. (Des)construção. 2. Evangelho. 3. Análise tridimensional. 4. Discurso. I.Título.

CDU: 226:821.134.3

RAÍCE ADRIELLE RIBEIRO MARTINS

**A (DES)CONSTRUÇÃO DO EVANGELHO DE CRISTO:
análise do discurso crítica no romance de José Saramago**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão.

Aprovada em: 17 / 06 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fabíola de Jesus Soares Santana
Doutora em Letras – Área de concentração: Linguística
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Profa. Dra. Veraluce da Silva Lima
Doutora em Ciências da Educação
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Andrea Tereza Martins Lobato
Doutora em Ciência da Literatura
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos são a Deus, pelo processo de (des)construção ao longo desta jornada, pois a partir da análise crítica dos evangelhos sob a perspectiva de José Saramago, pude entender a verdadeira essência da fé. Entendi que não precisamos nos afastar do conhecimento para servir a Cristo, pois Ele mesmo nos convida a fazer diariamente uma análise crítica de nós mesmos, pois, quando nos (des)construímos, somos capazes de construir um novo mundo para nós e para aqueles a quem amamos.

Ao agradecer, gostaria de retomar as palavras de Antoine de Saint-Exupery: “Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. As histórias que percorremos, conseguimos pelo apoio de muitas pessoas. Assim, aproveito para agradecer a toda minha família pelo apoio, em especial minha mãe, Lene, e meu marido, Charlison, por sempre darem condições necessárias e amor incondicional para a realização dos meus sonhos.

Aos meus amigos de hoje e de sempre Ana Flávia, Sabrina e Suelma e aos meus colegas de mestrado pela linda experiência no decorrer do curso. Aos professores de cada disciplina por todo o aprendizado e ao professor Douglas pelos conselhos valiosos. Agradeço imensamente a professora Dra. Fabíola pelo carinho, incentivo e confiança de sempre, bem como a CAPES por financiar e apoiar a pesquisa científica. À UEMA e a todos que fizeram parte desta linda história, seja direta ou indiretamente, meu eterno carinho, obrigada!

*Todo aquele que pratica o mal odeia a luz e não vem para a luz para que as suas obras
não sejam reprovadas.
(João 3:18)*

*É preciso sair da ilha para ver a ilha.
José Saramago (1998)*

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar como ocorre a (des)construção do discurso religioso cristão na obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago. Nessa perspectiva, pretende-se analisar os elementos discursivos, a prática social e a prática textual da obra de modo a entender como se configura a (des)construção dos discursos baseados nos evangelhos canônicos. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo-interpretativo. Para embasamento teórico, baseia-se na Análise do Discurso Crítica a partir do modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001, 2003). A priori, a análise foi feita considerando a descrição estrutural do gênero textual do evangelho (narrativa histórica), da descrição dos tipos de discursos, das camadas intertextuais e interdiscursivas encontradas na prática discursiva e da descrição dos elementos temáticos que constituem o evangelho, ressaltando as ideologias e hegemonias presentes. Os resultados desta pesquisa indicam que existem fatores que contribuem para a (des)construção do evangelho saramaguiano, tais como a recriação da história canônica de Jesus e dos personagens emblemáticos da cultura cristã. No âmbito textual, observa-se que o texto adquire características estruturais, gramaticais, organizacionais e vocabulares próprias, configurado sob uma perspectiva oral. Quanto à prática discursiva, o autor vale-se de discursos embasados na Bíblia Sagrada como forma de críticas e ironias às contradições e incoerências no discurso religioso. No âmbito social da análise, são evidenciadas ideologias pautadas em questões sociais importantes, como: martírio, sacrificial, o papel da mulher na sociedade, sexualidade, nudez e o celibato. Além disso, a crítica construída no texto enfatiza o processo hegemônico estabelecido pela cultura conservadora cristã ao perpetuar doutrinas discriminatórias e preconceituosas. Assim, esta análise contribui para uma reflexão mais ampla sobre as representações do discurso religioso na obra de José Saramago, promovendo transformação social numa realidade construída sob comandos tradicionais.

Palavras-chave: (des)construção; evangelho; análise tridimensional; discurso.

ABSTRACT

The present research aims to analyze how the (de)construction of Christian religious discourse occurs in the work *The Gospel According to Jesus Christ* (1991), by José Saramago. From this perspective, we intend to analyze the discursive elements, social practice and textual practice of the work in order to understand how the (de)construction of discourses based on the canonical gospels takes place. As for the methodology, it is a bibliographical research of a qualitative-interpretative nature. For theoretical basis, it is based on Critical Discourse Analysis based on Norman Fairclough's three-dimensional model (2001, 2003). A priori, the analysis was carried out considering the structural description of the textual genre of the gospel (historical narrative), the description of the types of discourses, the intertextual and interdiscursive layers found in the discursive practice and the description of the thematic elements that constitute the gospel, reskipping the present ideologies and hegemonies. The results of this research indicate that there are factors that contribute to the (de)construction of the Saramago gospel, such as the recreation of the canonical story of Jesus and the emblematic characters of Christian culture. In the textual scope, it is observed that the text acquires its own structural, grammatical, organizational and vocabulary characteristics, configured from an oral perspective. As for discursive practice, the author uses speeches based on the Holy Bible as a form of criticism and irony regarding contradictions and inconsistencies in religious discourse. In the social scope of the analysis, ideologies based on important social issues are highlighted, such as: martyrdom, sacrifice, the role of women in society, sexuality, nudity and celibacy. Furthermore, the criticism constructed in the text emphasizes the hegemonic process established by conservative Christian culture by perpetuating discriminatory and prejudiced doctrines. Thus, this analysis contributes to a broader reflection on the representations of religious discourse in José Saramago's work, promoting social transformation in a reality built under traditional commands.

Keywords: (de)construction; gospel; tridimensional analysis; discourse.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
AD	Análise do Discurso
ADC	Análise do Discurso Crítica
AD1	Análise do Discurso 1
AD2	Análise do Discurso 2
AD3	Análise do Discurso 3
AIE	Aparelho Ideológico do Estado
AT	Antigo Testamento
CECEN	Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais.
FATEC	Faculdade de Teologia e Ciências
FD	Formação Discursiva
NT	Novo Testamento
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001, p. 101)	
48	

LISTA DE TABELA

Tabela 1 — Categorias de análise do modelo tridimensional baseado em Resende (2004) e Fairclough (2001).....	
49	

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DA (DES)CONSTRUÇÃO À RESSIGNIFICAÇÃO	16
2.1 JOSÉ SARAMAGO: O homem que se fez escritor	20
2.2 EVANGELHOS SAGRADOS	28
3 NO COMEÇO ERA O DISCURSO: princípios teórico-metodológicos	38
3.1 A ANÁLISE DO DISCURSO	38
3.1.1 A Análise do Discurso Crítica	42
3.1.2 O modelo tridimensional de Norman Fairclough	48
4 “E QUE HAJA LUZ”: análise d’O Evangelho de Cristo	51
4.1 ANÁLISE TRIDIMENSIONAL DO EVANGELHO DE CRISTO	53
4.1.1 A dimensão textual	54
4.1.2 A dimensão da prática discursiva	79
4.1.3 A dimensão da prática social	95
5 CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	113

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, a igreja teve um grande papel na imposição de valores e crenças. Essa ideia pode se manifestar de diversas formas, desde a imposição de doutrinas rígidas até a influência política e social que restringe a liberdade individual e coletiva. No decorrer da história, a instituição religiosa se apropriou de discursos conservadores fundamentados na Bíblia como uma ferramenta de justificação das injustiças sociais, da manutenção de estruturas de poder hierárquico e da perpetuação de preconceitos e discriminações, limitando a evolução dos valores sociais e a promoção da equidade.

Diante disso, pode-se considerar que o autoritarismo da igreja e os discursos conservadores impactam negativamente a sociedade, reforçando desigualdades e limitando a liberdade de expressão e de pensamento. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que essas questões são complexas e geram debates polêmicos por envolver a religiosidade em discussões sociais importantes. Portanto, deve-se compreender os modos pelos quais o discurso religioso se apresenta, uma vez que ele é utilizado como aparelho ideológico do Estado e, conseqüentemente, como um instrumento de alienação e controle social.

José Saramago, em sua obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, (des)construiu uma visão que contribui para a uma reflexão mais ampla sobre as representações do discurso religioso, em especial da figura central dos evangelhos, Jesus Cristo, ao apresentá-lo de forma distinta das Escrituras e suscitar discussões importantes.

A (des)construção da narrativa cristã e do Jesus das Escrituras, sob a ótica de um ateu, que busca apresentá-lo, fugindo do estigma do divino, mais próximo da frágil condição humana, suas falhas, incita debates sobre a ideologia cristã e o discurso religioso em uma cosmovisão que naturaliza a verdadeira identidade de Cristo e sua humanidade pecadora a partir de um cenário que nega sua transcendência e onipresença.

Nesse contexto, esta pesquisa baseia-se na perspectiva da Análise do Discurso Crítica aplicada à obra literária. Uma das principais motivações para a elaboração deste estudo reside na capacidade das obras de José Saramago de despertar seus leitores de um estado de comodismo social. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), em particular, desafia as percepções convencionais de indivíduos, histórias e memórias. É relevante considerar a ideia de que Saramago tem em vista sensibilizar o público para questões pouco discutidas. Sua obra consegue reformular a história canônica de Jesus

Cristo, destacando como o ser humano frequentemente encontra-se aprisionado pelas doutrinas tradicionais. As polêmicas encontradas, na história, propõem uma análise bíblica centrada na desconstrução de discursos baseados nos evangelhos proclamados pela igreja cristã (Mateus, Marcos, Lucas e João).

A partir dessas reflexões, esta pesquisa propõe-se a analisar como o texto de José Saramago, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), (des)constrói o discurso religioso cristão. A abordagem teórico-metodológica adotada para o desenvolvimento desta pesquisa é a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (2001, 2003) e o seu modelo tridimensional, uma vez que se pretende verificar a maneira como as formas linguísticas e as estratégias discursivas utilizadas na obra de Saramago funcionam na reprodução, manutenção e/ou transformação social dos significados do discurso religioso cristão. No modelo tridimensional da ACD proposta pelo linguista britânico, os elementos constitutivos presentes na narrativa da obra de Saramago serão analisados considerando-se as seguintes dimensões: a prática textual; a prática discursiva e a prática social.

Para a ACD, o discurso tem poder constitutivo, porque é pelo seu uso que os indivíduos constroem, mantêm ou transformam realidades sociais, isto é, criam, reforçam ou modificam formas de conhecimento e crença, relações e identidades sociais. Nesse sentido é que essa abordagem se alinha com o objetivo e a questão problema que se quer responder nesta pesquisa quanto à (des)construção da identidade social de Jesus, as crenças e as relações de poder instauradas pelo discurso religioso cristão. Considera-se, neste estudo, a perspectiva de uma "análise do discurso textualmente orientada" na linha proposta por Fairclough (2001, 2003), para quem as variadas abordagens de análise do discurso classificam-se, de modo geral, em "abordagens que incluem uma detalhada análise textual" e abordagens que não o fazem (Fairclough, 2003, p.2).

Além disso, serão exploradas as contribuições teóricas de autores como Todorov (2018), Eco (2011), Compagnon (2010), Barthes (2007), Bachur (2019), Bourdieu (2008), Cerdeira (2018), nas reflexões acerca da função social da literatura, dos aspectos de desconstrução e dos processos de ressignificação encontrados no texto literário. Também serão ressaltados os estudos de Capelli (2017), Criado (2019), Gray (2000), Lima (2007), Lopes (2012), como elemento de debate sobre a vida, obra e valores de José Saramago e seu perfil ateu. Por fim, as bibliografias que debatem sobre a história da Análise do Discurso e da Análise do Discurso Crítica, como Lopes (2007), Oliveira (2013), Mussalin (2018), Fiorin (1990), Irineu (2020/2022), Resende

(2006), Magalhães (2005), Resende e Ramalho (2004), Silva (2010), Gancho (2008) e França (2019).

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Da (des)construção à ressignificação,” dedica-se à reflexão sobre a função social da literatura e sua capacidade de (des)construir discursos no contexto literário, visando ressignificá-los em prol da mudança social. Nesse contexto, foram discutidas questões sobre modernidade tardia, conforme concebida por autores, como Giddens (1991), Fairclough e Chouliaraki (1999). Além disso, ressalta-se a vida e obras de José Saramago, enfatizando a obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), como elemento fundamental para o arcabouço teórico que embasa a análise da narrativa saramaguiana.

No segundo capítulo, intitulado “No começo era o discurso,” realiza-se a revisão teórica abrangente sobre a Análise do Discurso (AD), a Análise do Discurso Crítica (ADC) e o modelo tridimensional proposto por Norman Fairclough (2001, 2003). Este capítulo tem como propósito proporcionar uma compreensão profunda da origem e das perspectivas da AD e, por extensão, do modelo de análise que entenderá as relações discursivas e as relações de poder que se manifestam no texto.

O terceiro capítulo, intitulado “E que haja luz: Análise do Evangelho de Cristo,” apresenta a análise do objeto de pesquisa, a narrativa do Evangelho Segundo Jesus Cristo, de José Saramago, à luz do modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001, 2003), de modo a descrever e investigar as práticas textuais, as práticas discursivas e as práticas sociais.

Em última análise, esta pesquisa visa lançar luz sobre as complexas dinâmicas que permeiam o discurso religioso, a literatura e a sociedade em geral. Ao analisar *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago, sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica e o modelo tridimensional de Norman Fairclough. Entende-se como as narrativas religiosas tradicionais podem ser (des)construídas e ressignificadas para desafiar convenções, instigar reflexões profundas e promover uma compreensão mais ampla das forças que moldam crenças e identidades. Diante de tudo isso, ao longo do capítulo três, são aprofundadas e exploradas as dimensões do modelo de Fairclough, contextualizando a pesquisa em teorias discursivas contemporâneas.

Ao mergulhar-se nas páginas de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), convida-se o leitor a refletir sobre as facetas do discurso religioso e literário, bem como sobre a natureza evolutiva das crenças e narrativas que moldam nossa compreensão do

mundo. É importante ressaltar que esta investigação não tem a pretensão de questionar a fé, mas sim, de oferecer uma visão crítica e acadêmica das relações entre discurso, poder e religião.

A análise crítica, aqui proposta, visa contribuir para uma discussão mais ampla sobre a relação entre fé, linguagem e poder, e como essa relação influencia na sociedade e na identidade. Acredita-se que, ao se compreender as complexas interações, pode-se ampliar horizontes intelectuais e espirituais, promovendo um diálogo construtivo sobre questões fundamentais que continuam a moldar a cultura e a humanidade.

2 DA (DES)CONSTRUÇÃO À RESSIGNIFICAÇÃO

A literatura é uma das formas mais ricas de expressão humana. Ela nos permite explorar temas universais e complexos como amor, morte, identidade e justiça de maneira profunda e significativa. Por meio da palavra escrita, os autores conseguem criar mundos inteiros e personagens que ressoam com o leitor. Também é uma forma poderosa de transformar eventos históricos e culturais, proporcionando novas perspectivas e reflexões sobre eles. Além disso, permite-nos explorar a linguagem e suas possibilidades, brincando com palavras, sons e ritmos. Ao longo dos séculos, tem evoluído e se adaptado às mudanças sociais e tecnológicas. Sua importância e impacto na sociedade continuam inegáveis quanto ao seu poder de (des)construir e, conseqüentemente, de ressignificar.

Para o escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês, Roland Barthes, como analisa Mucci (2007, p. 151), “os saberes movimentam-se, através da escritura, em torno da literatura, identificada como exercício da linguagem, como prática na linguagem, como texto ou malha de significantes, ‘o próprio aflorar da língua’ (BARTHES, s.d.: 17)”. Em sua seminal Aula, proferida em 7 de janeiro de 1977, por indicação de Michel Foucault, no *Collège de France*, para a cadeira de semiologia literária, Barthes, a partir do prisma da semiologia, segundo Mucci (2007, p. 156), busca responder a célebre pergunta de Sartre sobre “O que é literatura?” ao pensar a linguagem como a base para a leitura da estrutura da vida social e cultural, e considerar

a enunciação, por sua vez, expondo o lugar e a energia do sujeito, quicá sua falta (que não é sua ausência), visa o próprio real da linguagem; ela reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de redentes (BARTHES, s.d.: p. 20).

Barthes (s.d: p. 18) reforça ainda que

do ponto de vista da linguagem, que é o nosso aqui, essa oposição é pertinente: o que ela põe frente a frente não é aliás, forçosamente, o real e a fantasia, a objetividade e a subjetividade, o Verdadeiro e o Belo, mas somente lugares diferentes de fala.

Portanto, é necessário desmontar o quebra-cabeça da linguagem literária para compreender as façanhas do texto como meio de combate aos discursos engessadores da sociedade. Considerando a realidade da proposta literária, sua função principal é dar suportes ficcionais ou não para a liberdade. De modo pragmático, a literatura é uma forma de reconhecimento do mundo e dos homens, dos aspectos ideológicos, retóricos e/ou discursivos da linguagem, bem como uma grande aliada na ressignificação de ideias.

Durante muito tempo, a literatura manifestou-se no ócio, no reconhecimento de si, na memória e identidades culturais, em revoluções, no consenso social, nas descrições e em inquietantes exposições. Paralelamente a esses cenários, instaurou-se uma proposta que reflete as situações e condições discursivas que fizeram do texto e dos estilos, “uma forma de modelo social [...] a última fortaleza contra a barbárie” (COMPAGNON, 2010, p.17). Essa perspectiva situa-se entre uma dualidade de significações, que caminha do consenso à dissensão, transformando-se muitas vezes em ruptura de modelos ideológicos e de embates concorrentes de formações discursivas. Dentre esse poder do texto literário, recaem as nuances de um valor social que podem concordar ou discordar entre movimentos delineados. Nesse sentido, no texto literário, a referência da língua e a visão pragmática carrega caminhos sobre uma vertente que sensibiliza o leitor de modo a desarranjar as formas habituais e automáticas da sua percepção.

Partindo-se dessa premissa, entende-se que o texto funciona a partir de “níveis de relações intersubjetivas e sociais” (Todorov, 2018, p. 12), dando possibilidade para um reconhecimento mais diversificado, determinado pela sociedade e pela cultura de um povo. A literatura, por conseguinte, participa de uma natureza comum, própria do discurso literário, não se limitando a um lugar, mas à representação de objetos, acontecimentos, vozes, fatos, ações e personagens, recebendo o título de uma fonte geradora sobre motivos conectados.

Vale salientar que unido à literatura, o discurso caminha mediante um mecanismo de atuação sobre o texto, percorrendo sistemas que fazem da linguagem um comando plurifuncional. Os textos, portanto, são entendidos como um poder imaterial capaz de assumir funções individuais e sociais, delimitando o organismo vivo que é a língua “que vai para onde quer, mas é sensível às sugestões da literatura” (Eco, 2011, p. 10). Os textos literários vinculam-se a uma tentativa de (re)produzir, interagir e ressignificar sobre diversos assuntos e infinitas formas. Através dos tempos, a

identidade e a memória cultural de um povo, além de revestir-se de ideais, caminha sobre subjetividades e individualidades de modo a comandar um “exercício de fidelidade e de respeito da liberdade da interpretação” (Eco, 2011, p. 10).

Análogo a essas concepções, entende-se que as obras literárias não carregam apenas um marasmo de conceitos, mas de expectativas em relação ao fato social, ao percorrer um plano de interpretação que enfatiza muitos objetos e/ou objetivos de leitura. Diante disso, pondo o leitor em uma posição de ambiguidades da linguagem e da vida. As diversificadas formas do texto literário ressaltam as diferenças do mundo e a soberania daquilo pode ser assumida como relevante para a coletividade. Sobre as perspectivas do que seja a literatura e sua função social, cabe à análise de um fato promissor: a funcionalidade das obras literárias.

Por meio desse entendimento, a literatura ganha vez em um cenário interpretativo, fazendo da possibilidade da narrativa se configurar como um mecanismo social para seus interlocutores. Dessa forma, as palavras conectam-se com intuítos diferentes ao longo da história, reforçando o poder do texto, como nas palavras de Carlos Drummond de Andrade (2016, p. 16):

Entretanto são palavras simples: Definem partes do corpo, movimentos, actos do viver que só os grandes se permitem e a nós é defendido por sentença dos séculos. E tudo é proibido. Então, falamos. (Andrade, 2016, p.16)

De modo geral, assim como enfatizado por Drummond, as palavras podem conectar o ser humano a lugares confiáveis e a desmistificar cenários sociais instaurados há séculos, e essa reserva propaga ideais capazes de revolucionar as fontes tradicionais de conhecimento do mundo e de possíveis ideologias. O poeta destaca também os poderes que as palavras podem ter na sociedade no decorrer dos séculos, o que por si só ressalta a necessidade de uma reescritura social, da qual tem como aporte a literatura como meio renovador de pensamentos. Tudo isso deduz que as diferentes facetas da linguagem levam os indivíduos a perspectivas diferentes ao longo dos tempos, enfatizando os processos de (des)construção e ressignificação como ferramentas de apoio aos estudos do texto.

De tal forma, a expressão “(des)construir” levanta a hipótese de uma possibilidade na diversidade existente nos textos. No contexto do gênero, há chances de infinitas formas de remodelar o pensamento e os discursos sociais, proporcionando, dessa forma, a ressignificação social. O primeiro passo para que esse processo aconteça

está na capacidade de olhar além do texto, não como mera ficção, mas como um mundo dotado de dimensões que devem ser analisadas e apuradas minuciosamente diante de camadas complexas. Assim, (des)construir está ligada não só à noção de descontinuidade de uma ideia (desconstrução) como, conseqüentemente, à perspectiva de criar ou produzir algo (construir). Dessa forma, algumas abordagens visam desmontar estruturas de poder, questionando os sistemas sociais e tendo como intuito encontrar novos significados, tomando a (des)construção e a ressignificação como uma forma de mudança social.

Em relação a ressignificação, pouco se sabe, pois o entendimento desse vocábulo ainda vem ganhando força desde épocas vanguardistas, descritas às vezes como a arte da reescritura social. Para alguns, esse conceito se resumiria ao propósito de “atribuir novo significado ao já vivido” (Oliveira, 2011, p. 2), considerando hipóteses da psicanálise de Freud e destacando abordagens que caminham sobre a psicologia, a psicanálise, a sociologia e a filosofia.

Para a psicanálise, essa expressão é entendida atualmente como uma forma de reorganização ou de rearranjo das significações, considerando que “não existe nada insignificante” (Freud, 1996, p. 50). Essa perspectiva entende que o ato de ressignificar é uma forma de acesso às representações inconsciente a fim de gerar novas representações, dando sentido diferente às coisas e às pessoas.

Semelhantemente, a ressignificação estaria ligada a uma prática coletiva, há momentos históricos e políticos movimentados por lutas de caráter sociológico, denotando a crescente disputa social que assume formas simbólicas de contestação e resistência capaz de defender e/ou reafirmar ideologias. Diante desse cenário, entende-se que esse termo carrega muito mais do que características subjetivas e individuais, mas lança a ideia de que ela “é uma estratégia para criticar as estruturas sociais vigentes, mas também uma forma de reação dessas estruturas, como forma de sobrevivência e invalidação crítica” (Bachur, 2019, p. 27). Logo, ressignificar também é um meio de reescritura de algumas representações, de desmistificar ideologias, de estruturas sociais vigentes como forma de reação e sobrevivência.

Em *A economia das trocas linguísticas*, é destacada a necessidade de “mudar o mundo social mudando a representação desse mundo, a qual contribui para a sua própria realidade, opondo uma pré-visão paradoxal, uma utopia, um projeto” (Bourdieu, 2008, p.150). O pensamento de Bourdieu reafirma a necessidade de alteração dos rumos dos acontecimentos, ao ser evidente que diante de cenários unilaterais, existam movimentos

não só políticos, mas religiosos, capazes de engessar pensamentos e discursos em prol de ideologias autoritárias.

Do mesmo modo, a Análise do Discurso Crítica, percebe que a sociedade está pautada em uma espécie de processos que afetam as bases das concepções de dado contexto histórico. De acordo com Fairclough (2003), é importante investigar o modo como essas transformações repercutem na política, na educação, na produção artística e em muitas outras áreas da vida social.

Por meio desse contexto, é importante enfatizar a proposta de Fairclough sobre as transformações sociais baseado na reflexão de Modernidade Tardia ou noções do “novo capitalismo” (Fairclough, 2003). Considerando as reflexões anteriores, é crucial que a pesquisa científica proporcione investigações que promovam não só desconstruções, mas reconstruções de discursos, pois o novo capitalismo, diante disso, é compreendido como “autotransformações periódicas radicais” (Fairclough, 2003, p. 08) que servem como elementos de promoção da mudança social.

Ao ler-se o Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago, verifica-se uma visão ressignificada da desconstrução de personagens e discursos religiosos, frente à versão tradicional cristã da representação canônica de Jesus.

A seguir, a fim de compreender melhor esse discurso de desconstrução do discurso religioso cristão, apresentam-se a vida e obra do português do escritor português.

2.1 JOSÉ SARAMAGO: O homem que se fez escritor

José de Sousa Saramago, escritor português, nasceu em 16 de novembro de 1922, na província de Azinhaga de Ribatejo, no concelho de Golegã, distrito de Santarém, Portugal, no dia 16 de novembro de 1922. Seu primeiro livro publicado foi o romance *Terra do pecado*, de 1947. Destacou-se como romancista, teatrólogo, poeta e contista. Recebeu o Prêmio Camões, em 1985, e o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998. Pertenceu à primeira Direção da Associação Portuguesa de Escritores e foi presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores, entre 1985 e 1994.

Com um estilo próprio, as formas peculiares com que escreve suas histórias são frutos de observações ao longo da vida, produções que o fizeram despertar para questões dogmáticas imperiosas e uma realidade social “desumana”. A fortaleza da

narrativa do escritor português está firmada não apenas na mera ficção, mas em construções livres de personagens importantes para a cultura literária.

Diante disso, destaca-se que a questão do homem e do escritor está ancorada em discussões profundas, tomadas por uma fronteira complexa. Essa fronteira permite que as construções e/ou desconstruções de Saramago percorram além do discurso literário de um autor separado do homem. Para o escritor, ele vive e tem como experiências as sensações da vida e da morte e as análises de uma sociedade mergulhada em problemas sociais que precisam ser debatidos. Por meio dessas perspectivas, torna-se necessário abordar os debates acerca da polêmica “homem *versus* escritor” a fim de conhecer a vida de José Saramago e, conseqüentemente, os interdiscursos que o homem-escritor se apropria para ressignificar o evangelho de Cristo, proporcionando uma visão humana para o personagem emblemático da história religiosa: Jesus Cristo.

Considerando a proposta de que Saramago tornou-se escritor em algum momento de sua vida, percebe-se a necessidade de atentar-se para a singularidade de sua proposta de escrita:

Escrever não é outra tentativa de destruição, mas antes a tentativa de reconstruir tudo pelo lado de dentro, medindo e pesando todas as engrenagens, as rodas dentadas, aferindo os eixos milimetricamente, examinando o oscilar silencioso das molas e a vibração rítmica das moléculas no interior dos aços (Saramago, 2007, p. 15, grifo nosso).

Escrever, para o português, está ligado a uma tentativa de remodelar a vida, tanto no aspecto pessoal como social. Dessa forma, como pode o homem estar distante do escritor, se ele antes de narrar percebe as diversas narrativas sociais diante de seus olhos? Tal indagação estabelece a conexão entre escritor e a realidade social que o cerca. O escritor, em meio a isso, é uma fonte de observação e absorção de infinitas narrativas sociais antes de narrá-las, ressaltando as diferentes realidades presentes na sociedade, ou seja, antes de escritor existe um homem que assume o papel social de representação de discussões significativas.

José Saramago, além de escritor, entendia a literatura como um meio ressignificador. As palavras tomam o papel de moldar, transformar ou pelo menos tirar da mediocridade o ser subjetivo que todo indivíduo carrega dentro de si. Os efeitos da obra de Saramago caminham sobre o sagrado e o profano e as perspectivas que até hoje são lançadas diante de suas obras; são cenários de conflitos ideológicos. Autor de inúmeras obras, o português caminha em quase todos os gêneros textuais: poemas, contos, crônicas, peças de teatros, artigos e romances.

Nascido em Azinhaga, no nordeste de Lisboa, o português nasceu próximo ao rio Almonda. O nome Saramago foi uma iniciativa do funcionário do Registro Civil, da qual acrescentou ao nome José de Sousa a alcunha conhecida mundialmente. Talvez como resultado da negligência do serviço público ou da tradição informal das relações interpessoais, o escritor nasce junto ao homem. De acordo com sua autobiografia, José de Sousa Saramago menciona que o icônico nome (Saramago) refere-se a uma planta herbácea — da espécie *Raphanus raphanistrum* — encontrada próxima a esse rio e tal erva servia para matar a fome dos pobres em momentos de carência.

É importante mencionar que a relação do nome Saramago faz parte da identidade do escritor, como destacado em seu diário I (Cadernos de Lanzarote):

Tendo sobrevivido a tantos acasos, baldões e desdêns, havia de parecer a qualquer um que a velha alcunha, convertida em apelido duas vezes registado e homologado, iria gozar de uma vida longa nas vidas das gerações. Não será assim. Violante se chama a minha filha, Ana a minha neta, e ambas se assinam Matos, o apelido do marido e pai. Adeus, pois, Saramago. (Saramago, 1993, p. 14)

Em tom de despedida, o escritor reflete sobre a passagem do tempo, a importância dos nomes e apelidos na continuidade familiar, demonstrando como esses elementos podem estar ligados à identidade transmitida no decorrer de gerações em meio a simbologia social de sua alcunha. Além disso, José Saramago transmite a sensação de resignação e aceitação diante de mudanças inevitáveis da vida. A melancolia apresentada anteriormente demonstra o percurso turbulento que seu cognome carrega ao longo de sua trajetória como escritor.

O fascínio pela literatura nasceu ao longo de sua jornada de vida. Fez da escrita sua única “profissão” a partir de 1980. Em sua trajetória de vida, Saramago escreveu muitas obras, dentre elas seus diários; Cadernos de Lanzarote I, II, III, IV e V (1994–1998) e sua autobiografia.

Anteriormente a tudo isso, sua vida caminhou entre técnico de serralheria, que lhe proporcionou conhecer os livros em uma disciplina de literatura ofertada pelo curso. Percorreu a área do jornalismo, de produções em editoras, de diretor-adjunto, tradutor, de crítico literário até chegar à carreira de escritor. O português teve três relacionamentos: o primeiro com Ilda Reis, seu primeiro casamento, um romance com a escritora portuguesa Isabel da Nóbrega e Pilar del Río, seu segundo casamento, e com quem viveu até a morte em 2010, a quem dedicou muito de seus escritos.

Saramago também tornou-se influente nos meios políticos e ideológicos, e via na sua influência uma forma de participação social:

Particpei em ações reivindicativas da dignificação dos seres humanos e do cumprimento da Declaração dos Direitos Humanos pela consecução de uma sociedade mais justa, onde a pessoa seja prioridade absoluta, e não o comércio ou as lutas por um poder hegemónico, sempre destrutivas (Saramago, 1998, p.04)

As perspectivas do escritor em meio à sociedade foram um impulso ousado ao desenvolvimento de obras que geram não só na sociedade, mas no meio religioso, questionamentos pouco discutidos e que lhe resultaria em muitos conflitos diante da igreja e de críticos literários. Para o mal ou para o bem, seus escritos movimentaram a sociedade em prol de debates profundos acerca da natureza do homem e das manipulações sociais existentes. Tal dimensão dos fatos ocasionaram filmes inspirados em seus livros e difundiram o pensamento e a curiosidade do público mundial à leitura e ao conhecimento de suas obras.

Foi por meio da escrita de seus romances que seu nome começou a ficar conhecido, em obras como *Terra do Pecado* e *Claraboia*, ambos em 1947, *Manual de Pintura e Caligrafia* (1975), *Levantado do Chão* e *Memorial do convento* (1980), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986), *História do Cerco de Lisboa* (1989), *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), *O ensaio sobre a cegueira* (1995), *Todos os nomes* (1997), *A Caverna* (2000), *A Maior Flor do Mundo* (2001), *O Homem Duplicado* (2002), *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), *Don Giovanni ou o Dissoluto Absolvido* (2005), *As Intermitências da Morte* (2005), *As Pequenas Memórias* (2006).

Muitos desses escritos conferiram-lhe premiações e honrarias, porém foram suas obras, embasadas em personagens religiosos, que o fez alvo de vetos e embargos. Dentre muitas obras religiosas, foi o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) que o levou ao veto de apresentação a premiações dentro de Portugal e o fez se transferir para Lanzarote, nas ilhas Canárias, em que passou o resto de sua vida.

O homem José de Sousa muito se assemelha ao homem Saramago, mesmo que existam discussões que entendam os dois indivíduos com propósitos metodológicos divergentes. O fato de Saramago ser ateu o levou a um cenário irônico, pois ele não só debatia sobre questões intocáveis e tradicionais, mas saía da obscuridade da escrita. Seu ateísmo sempre foi muito debatido, pois para muitos a vida do português se circunscreve sobre uma espécie de teologia ficcional. Essa perspectiva lança-se talvez

como um *logos* para a sua construção narrativa, pois não à toa, o escritor constrói suas histórias religiosas baseadas em interdiscursos que lhe servem muitas vezes como uma força ressignificadora de pensamentos na contemporaneidade.

Cerdeira (2018) destaca:

É que o lugar da história na ficção de Saramago é o de estabelecer um nó questionador acerca das verdades estabelecidas pelo poder e pelo discurso oficial, alçando para o centro da arena, os sujeitos que, na composição de uma visão absoluta, foram negadas voz e presença entre os fatores das transformações sociais, os da ‘arraia-miúda’ (Cerdeira, 2018, p. 21).

Saramago coloca em relevo aspectos sociais e literários profundos que tiram da comodidade do formalismo a estrutura pautada na estética do texto, evidenciando uma provável quebra do absolutismo incoerente encontrado na herança cultural religiosa tradicional. O autor português assumiria então a capacidade de “propiciar a relatividade das formas onde antes parecia imperar o dogma” (Cerdeira, 2018, p. 22). Logo, o escritor tomaria como foco a aproximação do leitor no conhecimento do ciclo histórico tradicional.

Além disso, o escritor português marcou sua escrita sobre meandros representacionais, e algumas de suas obras são inspiradas por situações específicas, descrevendo seus avós, seus pais, sua infância, sua crença e aliando seus interesses pessoais aos interesses ficcionais. Entre as temáticas mais abordadas está a religiosa, palco de grandes conflitos problematizados pela crítica e pela igreja. Sua forma de narrar não é sobre crenças, mas sobre os reflexos da religiosidade perante a sociedade. Tal estardalhaço decorre da posição filosófica do autor como ateu, declarando-o como principal antagonista da história. Sobre isso, a questão de Saramago vai muito além dos cenários literários, por refletirem a intenção do discurso desconstruído como uma ferramenta que fere o órgão vital da civilização moderna, que é a religião. A partir desse cenário divergente, recai os debates acerca do ateísmo e os efeitos do discurso sobre os interlocutores.

O ateísmo saramaguiano

Os deuses, acho eu, só existem no cérebro humano, prosperam ou definham dentro do mesmo universo que os inventou, mas o ‘fator Deus’, esse, está presente na vida como se efetivamente fosse o dono e o senhor dela. Não é um deus, mas o ‘fator Deus’ o que se exhibe nas notas de dólar e se mostra nos cartazes que pedem para a América (a dos Estados Unidos, não a outra...) a bênção divina. E foi o ‘fator Deus’ em que o deus islâmico se transformou, que atirou contra as torres do World Trade Center os aviões da revolta contra

os desprezos e da vingança contra as humilhações. Dir-se-á que um deus andou a semear ventos e que outro deus responde agora com tempestades. É possível, é mesmo certo. **Mas não foram eles, pobres deuses sem culpa, foi o ‘fator Deus’, esse que é terrivelmente igual em todos os seres humanos onde quer que estejam e seja qual for a religião que professem**, esse que tem intoxicado o pensamento e aberto as portas às intolerâncias mais sórdidas, esse que não respeita senão aquilo em que manda crer, esse que depois de presumir ter feito da besta um homem acabou por fazer do homem uma besta (SARAMAGO, 2001, s.p, grifo nosso).

Nesse trecho, José Saramago pontua a existência de Deus por meio do universo interno do homem, transfigurando a crença de uma entidade sagrada para os cristãos. Para o escritor, existe apenas uma força geradora de todos os males que é “o fator Deus”, evidencializando a forte instrumentalização da religião e da espiritualidade, seja para fins políticos, econômicos ou de controle social. O Fator Deus não aparece como deus, mas surge como uma força manipulada pelos seres humanos para justificar a violência e a intolerância existentes no mundo. As atitudes descritas no trecho acima não é uma luta contra a religião em si, mas a credos que se escondem atrás de uma entidade para justificar as más ações sociais.

Saramago não foi um homem criado sobre raízes puramente religiosas, mas sobre a sabedoria da família, da qual se pautava no tradicionalismo católico. Capelli (2017) sugere que a vida do autor português percorreu sobre uma espécie de *locus theologicus* — uma teologia própria — apresentado em quase todas as suas histórias. Verifica-se que os romances tomaram um lugar de destaque sobre os ideais que o escritor português queria disseminar por meio de reflexões severas e críticas ao dogma tirânico que se tornou o Cristianismo.

A partir desse *locus theologicus*, os romances se inscreveram sobre uma boa nova saramaguiana que impulsiona a ressignificação de um evangelho ultrapassado, portanto, “é urgente rasgar e dar sumiço a teologia velha e fazer uma nova teologia, toda ao contrário da outra” (Saramago, 2003. p. 61). Tais propostas recairiam numa lógica ateuísta sobre a alienação de que a religião incute na sociedade, de modo que a mentalidade humana, fruto de uma conservação da tradição da crença de Deus e/ou deuses, assumem para o entendimento do mundo. Por conseguinte, o cenário construído por Saramago é o de questionar não apenas a existência dos deuses, mas também de criticar o papel atribuído ao divino em nossas vidas e sociedades.

Para Saramago, Deus é apenas uma constatação lógica diante dos fatos sociais, levando o indivíduo enquanto ser humano a uma reflexão ética. Tais percepções afastam as incoerências da existência e propagam um ateísmo baseado na constatação de um

Deus criado por homens para justificar as mazelas do mundo. De acordo com Capelli (2017), essa discussão resume-se a não propor uma cruzada para eliminar a religião, mas sim construir um relativismo sobre a manipulação dos discursos em eventos e crenças religiosas.

De certa forma, a mensagem deixada por Saramago, caminha sobre uma linha de pensamento interessante, como destacado em *O Fator Deus*:

E, contudo, Deus está inocente. Inocente como algo que não existe, que não existiu nem existirá nunca, inocente de haver criado um universo inteiro para colocar nele seres capazes de cometer os maiores crimes para logo virem justificar-se dizendo que são celebrações do seu poder e da sua glória, enquanto os mortos se vão acumulando (Saramago, 2001, s/p.).

As questões que envolvem a escrita de Saramago vão muito além das palavras oralizadas, mas na profundidade filosófica em que ele insere o interlocutor, pois a linha de pensamento destacada em algumas obras trazem reflexões que fogem da obvialidade e se inscrevem sobre questões sagradas intocáveis. O próprio escritor, como destacado acima, evidencia a inexistência de Deus numa visão coerente e ética. Ele entende que a teologia disseminada no novo cristianismo se configura por raízes inconsistentes e incoerentes, baseada na crença da desigualdade e da tirania, representadas por homens que se justificam mediante normatizações da religiosidade.

No livro *Como os homens chegaram a um deus* (2019), é enfatizada a necessidade que os homens têm de criar um deus moralizador conforme as sociedades se desenvolvessem e se organizavam para manter os bons costumes presentes na cultura social. Tal proposição destaca que a sociedade tende a se apegar às instituições como ferramentas de justificação dos pecados. Assim, as entidades religiosas ganham um papel fundamental perante esse contexto, sobretudo por moldar o comportamento e o pensamento humano. Em relação a esse aspecto, a religião adotou como base para os moldes de civilização os fundamentos de um deus sagrado, poderoso e detentor de toda a criação.

O grande problema sobre essa questão está nas incoerências das mensagens passadas culturalmente. O sagrado e o profano, sob essa perspectiva, começaram a se diferenciar quando se tornaram esses dois vocábulos caixas fechadas do certo e do errado. Dessa forma, ao conceber o sagrado, o profano assume a sua natureza oposta. A lógica do evangelho divulgado por Saramago recai sobre a quebra da institucionalização e da religiosidade. As análises feitas por ele em seus diários não apontam para um Deus, mas para crenças intolerantes.

Saramago (2002), em *Este mundo da injustiça globalizada*, aponta para uma teologia cujo intuito é fazer do seu leitor um aprendiz que deve penetrar no obscuro labirinto das crenças religiosas, essas que com tanta facilidade levam os seres humanos a matar e a deixar-se matar. Pode-se dizer que a literatura de Saramago é marcada por uma estética teológica própria, que perpassa o ateísmo, transcendendo as crenças baseadas na sua trajetória de vida. Os discursos que configuram o Fator Deus são o marco retórico das obras do português, tendo sido destacadas por meio de uma relação interdiscursiva da linguagem.

Nesse sentido, surge uma discussão aprofundada sobre o ateísmo e como este termo, muitas vezes, é fundamentado em uma teologia que aponta para a reestimulação das crenças propagadas pela religiosidade humana. Sendo assim, ao compreender as fundamentações, Saramago inspirou-se para elaborar argumentos que desconstruíssem a perspectiva tradicional do pensamento atual.

Sobre a visão de John Gray, em *Sete tipos de ateísmo* (2021), a perspectiva adotada por Saramago e muitos escritores tem raízes históricas oriundas de uma problematização acerca da religião. O entendimento dessa expressão não estaria firmado em credos, mas em hipóteses errôneas instauradas socialmente. O ateísmo fundamenta-se na compreensão da existência, em vez da crença em um deus poderoso e detentor da ordem e da justiça divina. Afirmar essa ideia é mais do que simplesmente rejeitar uma religião, é questionar uma entidade divina que se fundamenta na tendência do ser humano em atribuir significado à própria existência, justificando as debilidades sociais.

Gray (2021) salienta que a religiosidade conduz o anseio por significados, implicando uma busca incessante, uma vez que a insatisfação humana, apesar de ter uma explicação lógica, pode conduzir a conflitos éticos. Esse conflito levaria a evidências do império cristão, que há muito tempo vem sendo questionado, mas pouco difundido. A própria concepção de Jesus é entendida por alguns como aquele a quem foi escolhido como profeta dentre muitos homens. Um ser descrito por muitas perspectivas.

As histórias religiosas, fictícias ou não, apresentam grandes conflitos, como a supremacia da palavra sagrada, o fenômeno cristológico, as boas novas e as visões abnegadas sobre esse ideal. De que maneira essas narrativas ficcionais se manifestam? Quais são os discursos utilizados para refutar ou reformular os pensamentos tradicionais? A próxima seção aborda essas indagações em relação à Bíblia e seus diversos textos sobrepostos à ideologia cristã. Dessa forma, o próximo tópico terá como objetivo

discutir o evangelho sagrado — livro canonizado pela igreja — como um elemento relevante na perspectiva de (des)construção e, conseqüentemente, de reequilíbrio.

2.2 EVANGELHOS SAGRADOS

É importante enfatizar que a ideia de um evangelho vai muito além de meras ficções, mas traduz um cenário ideológico religioso que fez e ainda faz parte de lutas hegemônicas. O Cristianismo, em seus primeiros séculos, configura uma forma de expressão baseada na pregação do evangelho e tal proposta possibilita o anúncio das “boas novas” difundidas por Jesus e seus discípulos.

Partindo de uma noção etimológica, verifica-se que a expressão evangelho é oriunda da combinação dos termos em grego *eu* (bom) e de *-angelion* (mensagem), ou seja, *euaggélion*, boa mensagem, boa notícia ou como tradicionalmente é conhecido, boa nova. Durante muito tempo, o termo evangelho foi empregado para configurar notícia de vitória, “apontando um acontecimento histórico de grandes proporções” (Silva, 2019, s/p)¹. Para o Cristianismo, a palavra evangelho carrega duas perspectivas importantes: a primeira ressalta a grande mensagem deixada por Jesus de “salvação vindoura, a época da salvação que terá início no fim dos tempos.” (FATEC, p. 04), a segunda perspectiva faz referência aos livros canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), gêneros literários configurados como livros com estilos e características distintas entre si.

O evangelho, sob a forma de gêneros literários específicos, apresenta uma “forma de registro de atos e palavras de Jesus” (FATEC, p. 05), caracterizada por estilos próprios para a compreensão do conteúdo. Diante disso, os evangelhos se tornam uma proclamação a respeito da tarefa missionária e discipuladora dos leitores. Os quatro livros do Novo Testamento (NT) têm como propósito uma explicação teológica acerca dos eventos que circunscrevem a história do Messias, noção que traz sobre a comunidade científica perguntas importantes: a história de Jesus contada no NT é verdadeira ou é mais uma ficção sobre o Messias? Se Jesus existiu, como foi sua história?

Respondendo às indagações elencadas, constata-se que “Descobrimos mais sobre Jesus nos últimos 100 anos do que nos dois últimos milênios. As pesquisas sobre

¹ Rodrigo Silva é filósofo, teólogo e arqueólogo. Sua área de atuação discorre sobre a arqueologia bíblica, debatendo-a sobre preceitos filosófico, teológicos e arqueológicos. Um de seus maiores livros é A enciclopédia histórica sobre Jesus (2023), trazendo evidências da existência do Messias.

o Jesus histórico são, ao mesmo tempo, um grande campo de estudo e um gigantesco mercado.” (Luiz, 2020, p. 10)².

Devido à fé cristã e à curiosidade acadêmica científica sobre o polêmico personagem cristão, entende-se que a história do Messias tem sido alvo do grande comércio mundial, reforçando mentiras e equívocos significativos para a construção da história do emblemático personagem. Com base nos progressos científicos realizados nos últimos anos, é factível supor que um Jesus histórico tenha sido moldado conforme tradições judaicas.

É sobre essa concepção que a história dos evangelhos canônicos se desenvolve, ela serve como elemento teológico importante para entender o grande líder cristão. A busca de um Jesus histórico movimenta até hoje debates acerca do Cristianismo, do seu modelo doutrinário e das ideologias desenvolvidas em nome da divinização do seu nome. Os estudos acerca do Messias descrevem uma história desenvolvida por meio de achados arqueológicos e da exegese bíblica. Assim, a história do Jesus histórico é comandada por meio de análises lógicas e de fatos comprovados no decorrer dos estudos científicos.

Quanto à discussão que envolve a questão de os evangelhos serem ou não uma biografia autêntica de Jesus, é destacada a validade dos elementos encontrados nos quatro evangelhos. Os evangelistas, como ficaram conhecidos, tinham como intuito uma forma de testemunho ocular dos fatos ocorridos, sem pormenorizar os aspectos que envolveram a vida de Jesus ou o que ele fez em certa época.

Tal perspectiva é controversa, pois ainda assim existem compreensões biográficas sendo difundidas a partir dos estudos dos evangelhos, envolvendo a polêmica existência de Jesus: Existem elementos arqueológicos ou historiográficos que comprovem sua existência? As perspectivas que surgem a partir da existência ou da inexistência de Jesus estão atrelados à veracidade de muitos episódios bíblicos. Diante dos fatos supracitados, a contestação dos evangelhos e o seu biografismo estabelecem muito mais que uma história, mas uma ideologia em busca de se reafirmar como doutrina verdadeira.

A questão do evangelho configura-se sobre o personagem Jesus e sobre a propagação da doutrina cristã diante do mundo. Assim, a difusão do Cristianismo foi de grande relevância para o entendimento dos evangelhos canônicos e do personagem

² Prefácio escrito por Ademir Luiz no livro, de Luciene Rocha Guisoni Galdino Pereira, **No princípio era o verbo: o estabelecimento do cânone bíblico do novo testamento**. Ponta Grossa-PR: Atena, 2020.

messiânico. O homem-Jesus “certamente cresceu cercado pelo misticismo judaico e, em determinado momento, resolveu abraçá-lo” (Luiz, 2020, p. 11). A história do evangelho é comandada pela história de Jesus e o desenrolar das constatações sobre a sua vida fundamentam muitas ideias hoje difundidas. De acordo com os fatos supracitados, Jesus é de origem judaica e sua trajetória foi desenvolvida sob as tradições culturais desse povo, o que reflete o pensamento e as leis dessa comunidade. Logo, a origem do povo judeu é um marco para a compreensão da história e dos propósitos da doutrina cristã.

A cultura judaica faz menção a um povo que tem como origem perspectivas teológicas baseadas na Torá e na Bíblia canônica cristã. De certa forma, a expressão judaico-cristã carrega um viés puramente ideológico; uma cultura, um pensamento ou até mesmo uma doutrina que pressupõe uma compreensão teológica sobre a origem do Cristianismo.

A expressão judaico-cristã é uma forma sintetizante para apontar as raízes do Cristianismo, uma doutrina que tem como principal propósito a divulgação da boa nova de Jesus, o Cristo. A cultura judaica, portanto, é considerada um elemento crucial para o entendimento da cultura cristã, uma vez que enfatiza as crenças e doutrinas do povo de Israel cuja história desenvolveu o cristianismo. Assim, a história da cultura cristã está atrelada sob diversas formas à cultura judaica, tendo em vista que em algum momento histórico as duas religiões se choquem quanto às práticas doutrinárias.

Quanto à origem da tradição judaica, existem muitas controvérsias sobre sua “verdadeira” história, pois a polêmica está relacionada à perspectiva historiográfica e à perspectiva teológica. Esses conflitos lideram um movimento que traz para os estudos dos textos bíblicos uma proposta material dos fatos narrados, ou seja, a Bíblia só ganha validação no momento em que comprova por meio de dados palpáveis e da combinação de múltiplas fontes. Elton Soares (2012) menciona que existe uma série de fatores a serem considerados sobre a origem do povo judeu, dentre eles, a perspectiva material da historiografia e a versão teológica.

Constata-se que a origem do povo judeu é incerta e tal pensamento se baseia na noção de que “não podemos encontrar um legado material de sua cultura, podemos sim entender que, seus descendentes herdaram uma formidável tradição como fonte de memória” (Soares, 2012, p. 10). Diante da incerteza de sua origem, são atrelados estudos arqueológicos aos estudos da Teologia como ferramenta de validação das histórias contadas na Bíblia e na Torá. Historiadores como Flávio Josefo e Rodrigo

Silva tomam a história dos judeus vinculados aos eventos bíblicos e destacam alguns episódios descritos nos acervos mundiais.

Com base na perspectiva dos historiadores aqui citados, entende-se que os aspectos que envolvem a Torá e a Bíblia canônica são tomadas como fontes de conhecimento sobre a origem, a cultura e as doutrinas dos judeus. O historiador Flávio Josefo (2004) alinha a história do povo judeu à antiguidade revelada na Bíblia, desde o Antigo Testamento (AT) até o Novo Testamento (NT) como elementos historiográficos de grande valor.

Considerando *A História dos Hebreus*, de Flávio Josefo, o povo judeu tem como patriarcas Abraão, Isaque e Jacó e as matriarcas Sara, Rebeca e Raquel. De Jacó descendem doze tribos (Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Naftali, Gade, Aser, Issacar, Zebulom e Benjamim), cuja trajetória os levou até o Egito por meio de José. A notoriedade do povo hebreu começou a partir da fama de José, inserindo-os em um momento de grande êxito. Com a alteração do reinado, os hebreus foram submetidos à escravidão, que os acompanhou por mais de 400 anos.

A história dos judeus tem como origem a extensão da história do povo hebreu, uma população nômade, cujo trabalho garantiu-lhes prosperidade e riqueza no decorrer dos tempos, travando lutas que os subjugarão, tendo em vista o crescente restabelecimento inspirados e comandados por YHWH (em hebraico: יהוה) que significa YAHWEH ou Javé. É de suma importância destacar que a cultura hebraica era monoteísta, ou seja, adorava e venerava um único Deus, ao contrário da maioria dos outros povos politeístas da época.

Rodrigo Silva (2013), historiador e arqueólogo, destaca que o povo hebreu é oriundo do grupo semita, genealogicamente vinculado a Sem, filho de Noé, do qual deu origem também a línguas como o hebraico. A expansão do povo hebreu se deu primeiramente sobre o sul da Mesopotâmia, atual Iraque, até a região de Ur, onde Abrão (Abraão), reconhecido até hoje como “o pai do povo hebreu ou até mesmo o primeiro hebreu” (Silva, 2013) ganhou notoriedade.

A cultura judaica, dessa forma, configura-se a partir da história de Jacó, filho de Abraão, o qual também é reconhecido como Israel. Os aspectos que envolvem a história judaica se desenvolvem por meio da saída do povo de Israel das terras egípcias lideradas por Moisés até a terra de Canaã conquistada por Josué. Flávio Josefo (2004) menciona que dentre as doze tribos de Israel se acharia a tribo de Judá, cujo desenrolar da história originou o atual povo judeu. A nomenclatura “judeu” ganha destaque após a

divisão das doze tribos em dois grandes reinos; o reino de Israel (ao norte) e o reino de Judá (ao sul). Com o tempo, os Assírios tomaram a região da antiga Israel e os babilônios a terra de Judá. De acordo com Flávio Josefo (2004), após 70 anos, os conhecidos judeus retornaram à sua terra e restituíram a cidade de Jerusalém, bem como a sinagoga e suas doutrinas.

É importante pontuar que é sob o período de domínio babilônico que o povo hebreu passou a ser chamado tradicionalmente de judeu:

Todos animaram-se com essas palavras e puseram mãos à obra. Foi então que se começou a chamar de judeus os que de nossa nação regressaram da Babilônia e da judéia ao país, porque fora outrora propriedade da tribo de Judá. (Josefo, 2004, p. 499).

O historiador Flávio Josefo menciona que o termo, versado atualmente, tem como principal contexto histórico o retorno dos hebreus às terras de Judá. A tradição judaica estende-se até o presente, incorporando a noção de monoteísta, regida pelas leis de Moisés no Antigo Testamento, representadas na Torá, resguardada pelos livros de Gênesis, Deuteronômio, Levítico e Números.

A tradição cristã, nesse contexto, se estabelece por meio do desenvolvimento da crítica à religiosidade ligada às Leis de Moisés. Diante disso, a perspectiva cristã pretendia por meio da história de Jesus estabelecer um pensamento crítico ao culto do povo judeu tradicional, os quais se movimentavam para uma versão semelhante aos cultos pagãos. Marques (2016) destaca que existe um grande embate teológico entre judeus e cristãos (judeus convertidos ao Cristianismo), pois um se configura sobre o tradicionalismo das Leis de Moisés e o outro sobre os ensinamentos de Jesus. Assim, conclui-se que o Cristianismo de fato é apenas uma doutrina baseada nos preceitos da doutrina judaica, visando não somente imitá-la como religião, mas se expandido sob nova ótica doutrinária.

É importante frisar que mesmo diante dos conflitos que percorrem as duas doutrinas, o evangelho tem como proposta a continuação das perspectivas judaicas, elaboradas para difundir uma grande mensagem ao mundo. O Cristianismo como nova perspectiva judaica traduz as doutrinas e crenças sob a ideia de martírio. A promessa de um libertador inspirava a tradição judaica e trazia a eles a idealização de um Messias com as mesmas características dos outros líderes, porém não idealizada por Jesus como defende o Cristianismo. O rabino Sobel explica que “na teoria judaica, com seu enfoque

rigorosamente monoteísta, Deus não pode se materializar em nenhuma forma (Sobel, 2004)³, pois todos são iguais perante a lei divina de criação.

Tal ponto de vista é divergente às ideias lançadas no evangelho de Mateus, capítulo 28 e versículo 11–15:

E, quando iam, eis que alguns da guarda, chegando à cidade, anunciaram aos príncipes dos sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido. E, congregados eles com os anciãos, e tomando conselho entre si, deram muito dinheiro aos soldados, Dizendo: Dizei: Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram. E, se isto chegar a ser ouvido pelo presidente, nós o persuadiremos, e vos poremos em segurança. E eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. **E foi divulgado este dito entre os judeus, até ao dia de hoje.** (Mateus 28:11-15, grifo nosso).

Considerando que o livro de Mateus é oriundo da Bíblia Sagrada dos cristãos, entende-se que as ideias sobre a divindade de Jesus tornam as duas religiões alvo de grandes conflitos teológicos e ideológicos, pois uma confronta a veracidade dos fatos da outra, numa espécie de disputa da verdade. A Bíblia cristã enfatiza os meandros da cultura judaica para invalidar a história de Jesus.

A história de Jesus tem um papel relevante na elaboração da doutrina cristã, uma vez que estabelece as suas leis a partir da ideia de um ser divino encarnado na terra.

O grande movimentador do Cristianismo é Jesus, um personagem emblemático, nascido no contexto do Império Romano a fim de proclamar as boas novas ao povo judeu e aos gentios (não-hebreus). A boa notícia difundida pelos atos de Jesus no contexto histórico da Roma antiga, estabelece crítica ao sistema religioso judeu daquele período e anuncia a mensagem de salvação testemunhadas nos evangelhos.

Como dito anteriormente, a questão do evangelho é vista sob vários ângulos. A primeira perspectiva está baseada nas mensagens deixadas pelo próprio Jesus a fim de garantir salvação ao povo judeu, como proclamado no livro de João:

E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para o mundo ser salvo por ele (João 3:14-17).

A boa mensagem ou mesmo boa nova está vinculada inicialmente à ideia de salvação destinada aos judeus que seguissem a Jesus. Essa mensagem tem como intuito

³ Entrevista da Folha de São Paulo, 2004, ao rabino Henry Sobel, presidente do Rabinato da Congregação Israelita Paulista (CIP) sobre “A existência de um Messias para os judeus”.

ser espalhada e pregada ao povo gentil (povo não judeu) como parte do propósito da doutrina cristã.

A segunda perspectiva está atrelada à questão dos gêneros textuais bíblicos que contam os atos e a mensagem de Jesus, dentre eles os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Esses livros têm como características literárias perspectivas particulares de cada evangelista. De acordo com Denova (2022) na *World History Encyclopedia*, o evangelho de Marcos carrega uma visão apocalíptica da passagem de Jesus na terra. Rodrigo Silva (2021) enfatiza que ele se configura como um livro direcionado por meio dos relatos de Pedro, um dos discípulos de Jesus. O evangelho de Marcos é construído de forma simples, sendo reconhecido como o primeiro evangelho, o qual os outros evangelistas seguiram como base de construção textual:

As conclusões dessas observações são: Mateus e Lucas conheciam o evangelho de Marcos e se basearam nele. Portanto, Marcos deve ser o evangelho mais antigo. Talvez tenha havido um “Marcos-primitivo”, no qual Lucas se baseou. Isso explicaria algumas diferenças entre Mateus e Lucas (FATEC, p. 10).

Os evangelhos de Mateus e Lucas são entendidos como uma espécie de paráfrase do livro de Marcos, sendo considerados evangelhos com características relevantes para o contexto religioso, uma vez que carregam características e propósitos diferentes. No que tange às características do gênero literário, o livro de Marcos tem como principais características uma história predominantemente despreocupada com a ordem cronológica dos fatos, mas preocupada com os pontos geográficos dos eventos de Deus na vida de Jesus.

O evangelho de Mateus, por sua vez, o mais preeminente dentre os outros evangelhos, é caracterizado por uma grande sequência de discursos proferidos por Jesus, organizados por alguns temas em comum. Com base nessas características, o livro de Mateus enfatiza os ensinamentos de Jesus, refletindo as perspectivas cristológicas. Esse estudo dedica-se a entender e se aprofundar na vida de Cristo, tendo como objetivo esclarecer por meio das Escrituras sobre a pessoa e a obra de Jesus. A FATEC aponta que o apóstolo Mateus, o cobrador de impostos, é o responsável por coletar e organizar as palavras de Jesus neste evangelho.

O evangelho de Lucas tem características textuais peculiares. Ele tem como principal característica uma atenção especial de Jesus aos ditos pecadores, aos marginalizados pela sociedade, às mulheres e aos pobres. Diante disso, o livro toma como foco a humanidade de Jesus, o ministério, o sofrimento, a morte e a ressurreição.

O evangelista ressalta, além da história de Jesus, histórias de outros indivíduos como Zacarias e Zaqueu, as mulheres em sua volta (as Marias e Marta) e os crucificados. Assim, o evangelho de Lucas é configurado sobre “uma relação entre a história de Jesus e a história do mundo” (FATEC, p. 38).

Quanto ao evangelho de João, pode-se entender que “a ênfase está nos discursos de reflexão e meditação que giram em torno da revelação de Deus em Jesus, do conhecimento de Deus e da fé naquele que está se revelando” (FATEC, p. 43). O evangelho de João tem como principais características o teor biográfico, comandados por dados históricos importantes, como alguns nomes e lugares da Palestina. Um fato interessante é que o evangelista João é apontado por evidências teológicas como João, filho de Zebedeu, o “discípulo a quem Jesus amava” (João, 21:20). É importante salientar que este evangelho sugere um evangelho testemunhado de fato por João.

Quanto à veracidade desses livros, existem muitas controvérsias, ao relacionarem a escolha dos textos bíblicos a questões ideológicas da igreja. Tal debate revisita as indagações vinculadas à polêmica da verdadeira história de Jesus e da manipulação do sistema religioso de enviesar o pensamento cristão. Essa reflexão fez ressurgir indagações sobre o cânon bíblico escolhido pela igreja católica, os quais ainda carrega uma série de dúvidas.

De acordo com Lima (2007), a palavra cânon tem como origem no grego (*kanoni*) que significa “régua”, uma forma de medir e guiar a vida dos fiéis. Dessa forma, a expressão “livros canônicos” se refere aos textos autorizados pela igreja para compor a Bíblia Sagrada, uma espécie de biblioteca, constituindo um elemento relevante na cultura cristã. Há de salientar que a seleção dos livros inseridos na Bíblia foi controversa, pois sobre a administração humana, a manipulação religiosa se configura como aspecto importante para a hegemonia cristã. A separação de alguns inscritos — como os livros de Mateus, Marcos, Lucas e João — tornou-se um marco crucial no condicionamento social sobre ideologias que se inspiraram e se inspiram neles e muitas vezes podem instigar um contexto desigual e autoritário.

Retomando a questão do cânon, os textos sagrados, especialmente os evangelhos, são uma maneira “de estabelecer uma lista de livros autorizados para proteger os fiéis” (Lima, 2007, p. 258). É importante refletir que, assim como existem textos relevantes para a igreja, também existem aqueles que foram excluídos da Bíblia pela igreja católica, conhecidos como os textos apócrifos (livros sem autoridade canônica). Dessa forma, é perceptível que esses tipos de texto ocupam um lugar

marginal na literatura cristã, uma vez que não se adequam aos padrões da igreja, tornando-se textos subversivos, profanos e produtos heréticos.

Pode-se destacar que os textos apócrifos estão inseridos no rol de livros “ignorados” pela igreja como forma de resistência aos preceitos tradicionais da cultura cristã. Lopes (2012) destaca que esses evangelhos tenham ao longo dos tempos se tornado uma espécie de gênero literário, caracterizado pelo conteúdo e por discursos que configuram memórias constituídas por apóstolos e seguidores de Jesus. Diante desse cenário e de outros livros, talvez devido a elementos sociais relevantes, o evangelho de Maria Madalena foi um dos textos excluídos do cânone, pois não representa, de alguma forma, a sociedade daquela época.

Rodrigo Silva (2021) destaca que os evangelhos apócrifos são uma tentativa de redesenhar o personagem Jesus e os indivíduos a sua volta, tomando como verdades mais aceitáveis a realidade deles. Essa concepção anda, de certa forma, em conjunto com as ideias de José Saramago (1991), pois o escritor destaca que os evangelhos são apenas papel e tinta, nada mais.

Tal perspectiva aponta para algo representativo por refletir uma religião baseada em “réguas” incoerentes. É importante destacar que a seleção estava baseada em aspectos sociais importantes, sinalizando discriminação, preconceitos e desigualdade social estruturadas sob convicções cristãs, pois “é preciso dizer que existem vários destes evangelhos apócrifos compostos por autores cristãos desconhecidos, não gnósticos, e que aparentam refletir um tipo de cristianismo popular marginal” (Lima, 2012, p. 15). Dessa forma, a seleção canônica revela um caráter convencional e autoritário, tomando marcos históricos que refletem perseguição contra aqueles que desafiam os dogmas da igreja, como na Inquisição⁴.

Diante de muitos contextos de supremacia da igreja, pode-se concluir que o Cristianismo e as bases sagradas dos evangelhos são importantes para a manutenção de uma ideologia que permanece viva. Essa proposta torna necessária uma reflexão sobre

⁴ Decreto papal de 1233 que visava erradicar os heréticos da doutrina cristã: “Decidido a erradicar a heresia de uma vez por todas, o papa Gregório IX, enviou um exército de freis dominicanos para interrogar suspeitos. Aos albigenses e aos adeptos de outras seitas proibidas foi concedido o prazo de um mês para que renegassem a antiga fé por livre vontade. Ao término do prazo, os frades começaram a submeter os suspeitos a um tribunal formal. Os métodos não eram agradáveis. Os tribunais eram conduzidos em segredo, sem o benefício de um júri e ninguém tinha permissão de confronto. ar seus acusadores, nem chegava a saber a identidade de seus delatores. As confissões eram extraídas de todas as maneiras possíveis, já que nos termos da lei canônica os réus só seriam condenados mediante confissão. Um exército de torturadores trabalhava diligentemente para atingir esse fim” (Nogueira, 2022, p. 39).

as convenções sociais que têm um impacto na sociedade, pois, desde épocas remotas, baseadas na doutrina de um Deus único e de um filho que trouxe a boa notícia, são incentivadas mensagens que indicam desigualdade, autoritarismo e discriminação.

É importante destacar que este estudo não questiona a autoridade da Bíblia Sagrada dos cristãos e tampouco da fé, mas tece críticas a uma ideologia preconceituosa, incoerente e contraditória, que se instaura por meio do radicalismo da fé e das doutrinas sagradas.

Os cenários que desenham uma religião autoritária marcam gêneros literários e discursivos que comandam as ações sociais e firmam ideologias que impulsionam discursos incoerentes à ética proclamada pela igreja. Os evangelhos canônicos, por sua vez, são importantes ferramentas para a criação de textos atuais que desconstruam e ressignifiquem ideologias conservadoras. Nessa perspectiva, entende-se que a trajetória dos evangelhos comandou uma percepção baseada no personagem Jesus, configurando elemento importante no cenário religioso e na literatura atual, sobretudo nas versões da literatura de hoje. Tal percepção aponta para um ideal de ser humano racional e autorrealizado cujo propósito é mudar discursos religiosos e, conseqüentemente, proporcionar mudança e justiça social.

Sobre essa reflexão acerca dos evangelhos e como eles podem ser ferramentas importantes para a manipulação e condicionamento social, é necessário o desenvolvimento de pesquisas que sinalizem determinados discursos cristãos e apresentem manifestações discursivas que proporcionem novos significados às vertentes modernas. Sobre essa perspectiva, algumas obras literárias consagraram-se por redesenhar os cânones bíblicos. Entre essas narrativas, a criação de novos evangelhos se tornou imprescindível, não apenas como elementos apócrifos, mas como elementos literários importantes na desconstrução de narrativas e discursos tradicionais incoerentes.

É importante reviver José Saramago em suas aventuras literárias, conduzindo um cenário religioso fortemente orientado por perspectivas gnósticas e ateístas, mas, sobretudo, promovendo reflexões críticas à sociedade. As propostas de Saramago estão baseadas na ressignificação de personagens bíblicos e dos evangelhos canônicos. Dessa forma, a história do escritor acerca do *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), destaca fatores relevantes para a literatura e comanda um evento crítico das mensagens incoerentes proclamadas pela tradição cristã durante muitos anos.

Dessa forma, a próxima seção tem como foco apresentar a Análise do Discurso Crítica, enfatizando o modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001, 2003),

visando compreender como o discurso religioso é (des)construído por meio da análise da dimensão textual, discursiva e social.

3 NO COMEÇO ERA O DISCURSO: princípios teórico-metodológicos

O estudo do discurso tomou ao longo dos séculos, principalmente no cenário de lutas no qual a sociedade está inserida, grande relevância. A Análise do Discurso (AD) é um campo de pesquisa composto por múltiplas abordagens, em grande parte qualitativas, que se ocupa das relações entre o uso da língua e o mundo social.

Os pesquisadores da AD debruçam-se sobre investigações que buscam articular o linguístico e o social, com foco na ideologia e na exterioridade do contexto sócio-histórico, baseando-se em diferentes linhas, por exemplo: Análise do Discurso Pecheutiana (doravante AD) e Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), cujo precursor é Norman Fairclough. Os estudos decorrentes do discurso contribuem para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais da contemporaneidade, desvelando a complexa relação entre linguagem, poder, identidade e conhecimento.

Na ACD, o discurso é concebido como “uso da linguagem”, ou “linguagem em uso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 31-33; RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 25-26). Nessa abordagem teórico-metodológica, é relevante a compreensão do discurso como modo de ação historicamente situado. A ideia de ação pressupõe um entendimento de sujeito e da relação linguagem/social muito específicos. Dessa forma, o discurso não é um conceito restrito, mas sim, um conceito multidisciplinar que abrange diversas esferas sociais, sobretudo nos campos político, artístico e religioso.

3.1 A ANÁLISE DO DISCURSO

O conceito de Análise do Discurso (AD) surge a partir de reflexões sobre a língua, uma vez que, de acordo com Mussalin (2018), ela não é transparente nem seus significados são claros. Portanto, é imprescindível examinar a língua, bem como o texto e o discurso. Ao promover debates a respeito desses conceitos, as discussões sobre ideologia se tornaram cada vez mais necessárias, gerando conceitos que sustentam a existência da Análise do Discurso (AD), uma abordagem fundamentada na linguística estruturalista, no materialismo histórico e na Psicanálise.

O primeiro pilar da AD está na linguística, um estudo que desencadeou muitos debates críticos e que permitiu ao longo dos tempos investigações sobre a língua

mediante ferramenta metodológica específica, pois “é no sistema que se define, que se estrutura o objeto linguístico” (Mussalin, 2018, p. 104). A definição e a estruturação do objeto instigam outras perspectivas de análise do sistema linguístico, ocasionando pressupostos de pesquisas importantes nos contextos científicos nos últimos anos comandados por marcas ideológicas significativas. Dessa forma, compreende-se que a língua não é uma abstração, mas sim uma forma de expressar algo, demonstrando que as palavras estão baseadas em uma perspectiva social, histórica e ideológica.

Consequentemente, o segundo pilar da AD recai sobre as teorias marxistas, das quais reuniram forças junto à Linguística com o intuito de evidenciar a necessidade de se desvendar o discurso político e a materialidade das práticas e dos discursos do Aparelho Ideológico do Estado (AIE). Althusser (2022) define o AIE como realidades apresentadas ao observador e configuradas em formas de instituições distintas e especializadas, dentre as quais se tem o sistema religioso, escolar, familiar, político, jurídico, sindical, informacional, cultural, das quais funcionam por meio da ideologia. Ou seja, a ideologia tem um papel importante na propagação de ideias difundidas em cada sistema.

Consequentemente, essa proposta carrega a perspectiva de que “a linguagem se apresenta como um lugar privilegiado onde a ideologia se materializa” (Mussalin, 2018, p. 104). Nessa situação, a Análise do Discurso apresenta-se como uma abordagem teórica relevante, na qual a Linguística e a Sociologia se unem para investigar um espaço material capaz de influenciar a mentalidade social.

Como uma forma de aperfeiçoar os estudos da AD, a teoria da psicanálise sugere o estudo do inconsciente como espaço do qual evidencia forças discursivas sociais importantes no sujeito. A Psicanálise, em especial a teoria de Freud (2017), promove uma reflexão sobre uma possível psique inconsciente. Diante dessa proposta, os estudos do sujeito ganharam destaque por entender que ele manifesta sintomas e determinados fenômenos importantes. Os indivíduos são comandados “por pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós” (Freud, 2017, p. 76).

Diante desse cenário, a inconsciência da língua reforça a necessidade de compreender a relação entre sujeito e linguagem, instigando a ideia de que a linguagem é formada por “leis”, as quais são apresentadas em textos como produtos de um trabalho oculto. Essa ideia se estruturou na filosofia de Michel Pêcheux (1995) da qual entende

que a linguagem não é neutra, mas sim construída socialmente, influenciada pelas relações de poder que estão no inconsciente coletivo, comandadas por determinado AIE.

Segundo Pêcheux, em *Automatic Discourse Analysis*⁵ (1995), o discurso é um processo social e ideológico que reflete e reproduz relações de poder existentes na sociedade. Ele sustenta que a análise do discurso deve considerar tanto o texto quanto o contexto social em que foi produzido e interpretado, bem como a noção de Formação Discursiva (conjuntos de discursos socialmente organizados em torno de determinados temas, que refletem relações de poder específicas) em prol de um trabalho que traga ao consciente do indivíduo ideologias importantes no contexto de lutas sociais.

Retomando as perspectivas da AD, percebe-se que ela está embasada em um campo interdisciplinar, por compreender a relação entre a linguagem e o contexto social das quais refletem as estruturas e os valores da sociedade. Dessa forma, o discurso é visto como um processo complexo de produção, circulação e recepção de significados, que envolve múltiplas dimensões, tais como a ideologia, a política, a cultura e a identidade. Nesse sentido, Soares (2018) destaca a importância da análise crítica da linguagem para a compreensão dos processos de poder e dominação presentes nas práticas discursivas. Além disso, ressalta a necessidade de se considerar o contexto em que os discursos são produzidos e recebidos, de modo a evitar interpretações reducionistas e/ou simplistas.

Destaca-se que, a partir destes três pilares: linguística, ideologia e inconsciente, a AD desenvolveu-se gradualmente a partir de fases relevantes: AD1, AD2 e AD3. A AD1 ou simplesmente Análise Automática do Discurso é o momento descrito como sendo “uma máquina fechada” (Mussalin, 2018, p. 13), por ter como intuito análises homogêneas, numa espécie de mecanismos de controle.

A segunda etapa (AD2), que trata dos efeitos da máquina, introduz a ideia de Formação Discursiva (FD). Dessa forma, compreende-se que o outro atravessa a FD, o que não exclui a identidade autônoma, mas estimula o fechamento entre eles. A Formação Discursiva é apresentada por Foucault (2018) como sendo um conjunto de regras que determinam o que pode ser dito, como pode ser dito, quem pode dizer e em quais circunstâncias. Por meio desse entendimento, a automatização do discurso evidencia uma máquina criadora de discursos que impregnam o inconsciente coletivo.

⁵ Análise Automática do Discurso (1995).

Diante desse cenário, surge a terceira fase da Análise do Discurso (AD3), pautada no interdiscurso e na identidade da formação discursiva. Na AD3 a questão da identidade e da FD está ligada às relações interdiscursivas. O campo de formação discursiva se baseia sob reflexos de outros discursos. A configuração não é autônoma e independente, mas carregada de discursos do Outro. Possenti (2022) define o outro como uma instância produtora de discursos, por estabelecer que um indivíduo não executa seu papel uniformemente. As relações existentes entre o sujeito e o outro é definida por meio de uma interação no momento da produção discursiva, definida como interdiscurso.

É importante salientar que a Análise do Discurso se estabeleceu sobre alguns procedimentos importantes, pois tanto Harris quanto Chomsky tiveram influência significativa nos métodos de análises da AD, e suas abordagens são distintas para a análise linguística, mas cruciais para o entendimento dos objetivos da análise do discurso.

A análise de Harris, também conhecida como análise distribucional, parte do pressuposto de que as palavras são mais bem compreendidas em relação ao seu contexto de uso. Para isso, analisa-se a frequência com que as palavras aparecem em determinados contextos, buscando identificar padrões que possam ser generalizados. Por outro lado, a análise de Chomsky, também conhecida como gramática gerativa, parte do pressuposto de que a linguagem é um sistema mental inato e universal que permite que os falantes gerem infinitas sentenças a partir de um número finito de regras. Nessa abordagem, busca-se identificar as regras que governam a estrutura das sentenças.

Enquanto a análise de Harris é mais descritiva e visa identificar padrões a partir da análise de dados empíricos, a análise de Chomsky é mais prescritiva e identifica as regras que governam a linguagem na totalidade. Ambas as abordagens têm suas vantagens e limitações, tendo sido utilizadas complementarmente na análise linguística e na Análise do Discurso. Como resultado desses estudos, percebe-se que a AD se apoia sobre a noção de sujeito como componente importante para a análise das sentenças. Essa ideia não se limita à definição do sujeito, mas também aos condicionamentos que ele sofre em determinadas condições de produção. Tudo isso resulta na ideia de que o sujeito está inserido em uma variedade de dizeres.

Quanto à relação diversificada da AD, Fiorin (1990) chama atenção para uma diferença interessante no campo da AD; ao invés de uma análise do discurso, o autor reflete sobre as análises do discurso. O escritor pauta a concepção de que a AD é

comprometida com infinitas análises evidenciadas no texto, ressaltando a necessidade de “explicar como o texto diz o que diz e por que o texto diz o que diz” (Fiorin, 1990, 51). A AD, dessa forma, é uma teoria capaz de ampliar o estudo do texto e do estudo discurso, da qual é reflexo de escolhas inconscientes que revelam a forma de manifestação do discurso e o motivo pelo qual ele se desenvolveu. Dessa perspectiva, é possível notar a diversidade de atuação da Análise do Discurso, uma vez que, por meio dela, é possível compreender o discurso sobre diferentes áreas do conhecimento.

Irineu (2022) destaca que a AD é uma teoria/método/abordagem transdisciplinar e que tem como intuito a análise de dados discursivos a partir de algumas ciências, dessa forma, não se pode limitá-la. Existem infinitas formas de combinação de estudo da Análise do Discurso, dentre elas a Análise de Discurso francesa, a AD semiolinguística, a AD dialógica ou bakhtiniana e a Análise do Discurso Crítica (ADC), foco deste trabalho. Tais análises se comprometem em entender o discurso por meio de perspectivas específicas.

A AD francesa destaca a relação entre linguagem e poder, refletindo sobre as estruturas linguísticas que refletem e reproduzem as relações de poder na sociedade. O campo de estudo da AD semiolinguística tem como foco a análise dos signos e dos símbolos presentes no discurso com o intuito de compreender os sentidos construídos e transmitidos. A AD dialógica, a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin, enfatiza os estudos do dialogismo, da interação social na construção de sentidos no contexto histórico e cultural. Já a Análise do Discurso Crítica tem como objetivo principal a mudança social. Sendo assim, essa abordagem tem como objetivo compreender por meio crítico as relações de poder e as ideologias presentes no discurso.

É interessante, para este estudo, evidenciar a Análise de Discurso Crítica (ADC) e o modelo teórico-metodológico de Norman Fairclough (2001/2003). A seção seguinte será destinada à compreensão da ADC e do modelo tridimensional que servirá posteriormente como ferramenta de análise do *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago.

3.1.1 A Análise do Discurso Crítica

Considerando a seção anterior, pode-se perceber que a AD, de modo geral, é fruto de uma série de eventos que a transformaram em teoria metodológica. Lucineudo Irineu (2020) salienta que, não somente a AD, mas também a Análise Crítica do

Discurso (ADC) pretendem fornecer análises para contribuir para a desconstrução ideológica e a compreensão das relações de dominação presentes nas práticas sociais. De certa forma, o indivíduo é influenciado pelas ideologias e carrega, consciente ou inconscientemente, algumas marcas.

É importante enfatizar a necessidade de desmistificar o campo de atuação da AD e, conseqüentemente, da ADC. Como já previsto, a complexidade do assunto está em volta da definição de uma análise e outra. É relevante destacar que a Análise do Discurso é a teoria que se desenvolveu sob determinadas condições de estudo do discurso. Assim como toda área, a AD faz parte de uma teoria maior que possibilita subáreas que se descrevem por seus propósitos.

A Análise do Discurso Crítica ou Análise Crítica do Discurso mesmo é uma abordagem dialético-relacional representada pelo Grupo Lancaster, tendo como um de seus representantes na Inglaterra, o britânico Norman Fairclough, e tem como principal representante no Brasil a professora pesquisadora Izabel Magalhães. De acordo com Resende (2006), a ADC tem como bases teóricas Bakhtin e Foucault, mas foi por meio da menção de Norman Fairclough no jornal *Of Pragmatics*, em 1985, que o termo ganhou notoriedade, tornando-se ciência crítica em 1989 e disciplina em 1991 a partir de simpósio em Amsterdã.

A proposta da ADC é acima de tudo conscientizar sobre os efeitos de textos na mudança social. Ela é uma teoria/método que tem como objeto o estudo do discurso e a relação dele com a sociedade. O ponto de partida da ADC é a análise textual. O analista deve caminhar sobre uma perspectiva tridimensional para entender o texto sob olhares críticos. Sobre essa condição, Lucineudo Irineu (2020) destaca que é estabelecido certa procura ética à justiça e à decência do processo de análise, pois o intuito é promover um arcabouço teórico e metodológico capaz de subsidiar a pesquisa social e dessa forma entender como se trabalha a Análise do Discurso Crítica. A metodologia se baseia em alguns procedimentos, tais quais é descrito por Lucineudo Irineu (2020):

- Identificar o problema na prática social;
- Identificar as redes de práticas e o problema que está inserido;
- Perceber a ação do discurso e da ordem de discurso — os textos produzidos, distribuídos e vinculados, a posição dos participantes, as relações que regulam essa ordem do discurso;
- Aplicar à Análise do texto (gênero discursivo) as categorias de análise textual;

- Refletir sobre o papel das práticas em relação às configurações do texto;
- Verificar possíveis caminhos de superação no bojo das práticas sociais e nos discursos;
- Refletir explanando as relações entre os discursos;

A Análise do Discurso Crítica segue uma metodologia clara. As bases teóricas buscam acima de tudo proporcionar as ferramentas essenciais para a reflexão do texto. A ADC tem elementos essenciais a serem considerados e sua metodologia foca na compreensão de alguns conceitos-chave. Antes de iniciar a abordagem dos conceitos-chave da Análise do Discurso Crítica, é de suma importância explicar qual a nomenclatura correta: ADC ou ACD? Existem muitos contrapontos acerca da terminologia adequada ao se estudar a Análise do Discurso, principalmente quando uma palavra é transformada em um rótulo. O grande problema envolvendo essa discussão está no lugar ideal da expressão “crítica”. Magalhães (2005) evidencia que a predileção por ACD é puramente voltada ao contexto internacional e tal escolha não revela o rompimento com a perspectiva crítica da Análise do Discurso. Mesmo não se utilizando da expressão ADC, Magalhães descreve a visão crítica por meio de comparações entre a Linguística Crítica e Análise do Discurso Crítica.

Irineu (2022) destaca que a expressão está pautada em duas visões assertivas: atribuir questão ética e justa às análises e proporcionar transformação social, pois toda vez que uma sociedade muda, há impacto numa mudança discursiva e vice-versa. Tal proposta é reforçada por Fairclough (2001) a qual propõe que os discursos reflitam não só entidades, mas relações sociais que podem construir e desconstruir diferentes discursos. A proposta crítica que carrega a AD não se baseia em um rótulo, mas em uma ferramenta de apoio crítico para os estudos do discurso, gerando mudanças sociais e, consequentemente, mudanças discursivas.

Fairclough (2001) enfatiza que não se pode recair numa visão estática e muito menos amoldar as ideologias na reprodução das relações de poder, mas prestar atenção às lutas e às transformações nas relações de poder e ao papel da linguagem. Diante dessa conjuntura, o problema não é uma terminologia ou outra, mas garantir uma análise crítica, ou seja, uma análise que identifique e questione as relações de poder no contexto de opressão e de lutas ideológicas de modo a proporcionar emancipação e transformação.

Voltando à proposta inicial, os conceitos-chave da ADC são compreendidos por meio do modelo tridimensional de Fairclough (2001), que é uma análise focada no texto, na prática discursiva e social. A proposta de Fairclough (2001) está ligada diretamente aos conceitos de discurso, ideologia, hegemonia, texto, prática discursiva, social e a dialética discursivo-sociedade.

Em *Discurso e Mudança Social* (2001), Fairclough destaca a necessidade de se fazer uma teoria do discurso e a partir dela “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem” (Fairclough, 2001, p. 45). Na visão do britânico, o discurso é o uso da língua como forma de prática social e não individual. Diante disso, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, por ser uma prática de representação e significação do mundo, ou seja, “a visão particular da linguagem em uso” (Fairclough, 2003, p. 09). Sobre essa perspectiva, o teórico aponta para uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social em que um constitui o outro.

Partindo do entendimento de discurso, Fairclough (2001) enfatiza não só a prática política, mas também para a prática ideológica. A primeira está ligada a entidades coletivas como uma forma de estabelecer, manter e transformar de certa forma a relação de poder. A segunda está relacionada aos significados do mundo e seus posicionamentos. Sobre as perspectivas da ADC, a ideologia está ligada ao conjunto de crenças de determinado grupo, entendida por Fairclough com algo negativo, por contribuir de muitas formas para as relações de dominação, que estabelece o conceito de poder. Para Irineu (2020) o poder é um instrumento de dominação que muitas vezes contribui para o processo hegemônico como uma relação de dominação do processo de consenso social e naturalização.

Consequentemente, para Fairclough (2001) as práticas se manifestam sobre as formas linguísticas compreendidas por ele como “traços” encontrados nos textos. Outro conceito muito importante para a compreensão da AD faz referência às questões de análise, por ser importante ressaltar que há necessidade de se destringir o texto a partir de uma metodologia indispensável: a análise textual, sociológica e interpretativa. Sobre essa perspectiva, pode-se enfatizar a necessidade de a ADC defender a ideia de signos socialmente motivados, traduzindo a oração num elemento multifuncional. Dessa forma, o contexto se faz relevante à medida que o leitor interpreta o texto. O texto, nessa perspectiva, é entendido também como produto da materialização das práticas

discursivas e um elemento chave no entendimento e análise das práticas elementares da ADC.

Vale ressaltar que existe uma diferença singular nas práticas discursivas e nas práticas sociais. Para Irineu (2020), as práticas discursivas estariam ligadas às ações habituais institucionalizadas da sociedade, enquanto a prática social seria apenas o modo coletivo de agir da sociedade. Tal proposta enfatiza a relação dialética que existe entre o discurso e sociedade, visto que o diálogo entre essas duas nuances revela um movimento cíclico, do qual traz a ideia de que mudanças discursivas revelam mudanças sociais e vice-versa.

Retomando a discussão acerca do texto, percebemos que a ideia tridimensional de Norman Fairclough (2001) compreende esse elemento não como nada puramente linguístico, mas por meio de fatores externos e internos ao próprio texto, compreendido como “qualquer instância real de linguagem em uso” (Fairclough, 2003, p. 8). Em *Analysis Discourse: textual analysis for social research* (2003), Fairclough compõe uma perspectiva de análise textual baseada em dimensões sociais e discursivas capazes de contribuir para “avaliar os efeitos causais e ideológicos dos textos” (Fairclough, 2003, p. 16).

Wodak (2001) acrescenta a ideia de que não existe uma prescrição geral, a menos que seja necessária a compreensão da própria responsabilidade. A pesquisa da ADC segue um método transdisciplinar de investigação e requer uma análise comprometida com a ética e uma perspectiva crítica desenvolvida a partir de um sistema claro. A pesquisa na ADC, desse modo, é entendida por meio de sua heterogeneidade metodológica que requer dos analistas formas de pesquisa diversificadas. A proposta metodológica da ADC não é engessar os elementos de análise, mas nortear os pesquisadores nos aspectos importantes da análise crítica. Quando se fala de ADC, o método se configura sobre a investigação da prática textual, prática discursiva e da prática social, uma espécie de caixa de ferramenta que proporcionam materiais importantes na pesquisa científica. É crucial entender que “a caixa de ferramentas linguística representa apenas uma gaveta na ‘caixa de ferramentas’ analítico-discursiva que pode ser preenchida com instrumentos muito diversos, conforme a textura do objeto a ser investigado” (Wodak, 2001, p. 36).

Dentre as caixas de ferramentas da ADC, destaca-se a de Norman Fairclough (2001/2003) das quais sugere uma análise pautada no texto e nas práticas sociais e discursivas. Sobre a análise textual, a ideia de intertextualidade é um fator muito

interessante para Fairclough (2001, 2003). Para a ADC tal proposta é marcada como uma combinação constitutiva de pedaços de outros textos e outros discursos que podem ser representados de forma manifestada e constitutiva (interdiscursivamente). A discussão enfatiza a materialização das ambivalências oriundas de representações diversas do discurso. Em *Mudança e Discurso Social* (2001) Fairclough enfatiza que o intertexto seria o responsável por distinguir os campos, a presença, as vozes, a militância e a memória.

Para o linguista britânico, existem algumas questões de interpretação do discurso representados no texto, as proposições encontradas pelo analista ou até mesmo pelo leitor podem estar emersas em um cenário de pressuposições, negações gramaticais, semânticas, metadiscursos, ironias e interdiscursividade.

As “expressões pré-construídas” (Fairclough, 2001, p. 156) são proposições capazes de incorporar o texto do outro, trazendo uma natureza intertextual para as sentenças, o oposto torna as sentenças tácitas e literais, recaindo muitas vezes em contradições semânticas que levariam para uma realidade ora manipulada, ora representada por outro. Diante das manipulações é importante destacar que a experiência do sujeito e suas suposições particulares contribuem para a constituição ideológica deles. A negação também deve ser vista sobre a natureza intertextual, pois “incorporam outros textos somente para contestá-los ou rejeitá-los” (Fairclough, 2001, p. 157). Diante disso, é importante enfatizar que não existe apenas a forma gramatical, mas a negação semântica, ou seja, o sentido que se dá a uma sentença vai muito além dos enunciados escritos.

Outra questão que envolve a interpretação dos sujeitos recai na noção de metadiscurso, pois a partir dos níveis do texto, “o autor se distancia do próprio discurso, controlando-o e manipulando-o” (Fairclough, 2001, p. 157) por meio de expressões não muito adequadas e marcas que pertencem ao texto do outro.

Ainda sobre a análise intertextual, Fairclough (2001) destaca a interdiscursividade por ela estar relacionada à interação e interdependência entre diferentes discursos presentes na sociedade. Dessa forma, leva-se em consideração que os discursos são construções sociais que se influenciam mutuamente, entrelaçam-se e conectam-se, sendo afetados por contextos históricos, políticos, culturais e ideológicos.

Diante disso, tal discussão evidencia necessidade de analisar o texto por meio de seus contextos sociais e culturais, a fim de compreender as formas de construção de sentidos negociados socialmente. Na perspectiva da mudança social, a análise crítica da

discursividade contribui para revelar as vozes privilegiadas ou marginalizadas sob uma relação de poder dentro e entre os discursos.

Logo, como sujeitos sociais e intérpretes não submissos às posições estabelecidas nos textos, é importante lançar uma leitura resistente às articulações intertextuais, por serem “um modo de luta hegemônica” (Fairclough, 2001, p. 173) com o intuito de dar ferramentas para que se possa avaliar adequadamente a eficácia política e ideológica. Dessa forma, a abordagem refletirá acerca da linguagem como uma prática social, que está entrelaçada com relações de poder e moldada por estruturas sociais.

Diante disso, a seção seguinte utilizará a ferramenta teórico-metodológica da perspectiva tridimensional de Norman Fairclough (2001/2003), baseada em três dimensões estudadas sob a perspectiva textual, discursiva e social, proposta no livro *Discurso e Mudança Social* (2001), com o intuito de contribuir para os estudos da ADC.

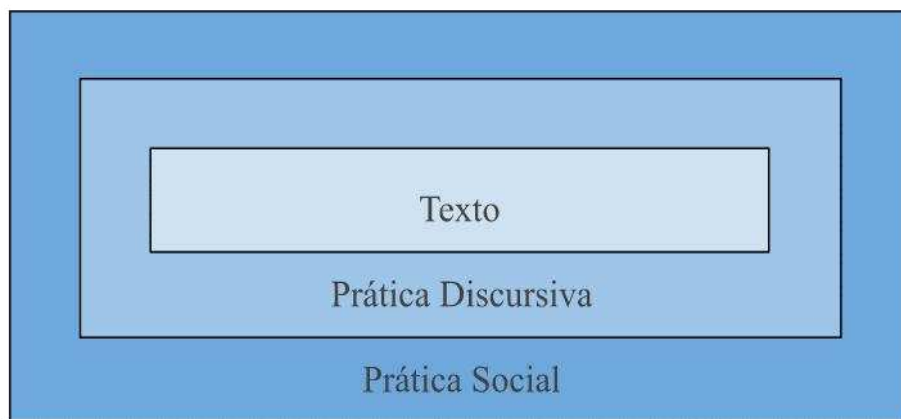
3.1.2 O modelo tridimensional de Norman Fairclough

Fairclough baseia seus estudos em uma proposta tridimensional, por retomar alguns aspectos importantes dos estudos da Linguística Sistêmica Funcional de Michael Halliday (1994), baseando-se em três funções: ideacional, interpessoal e textual. As três propostas enfatizam aspectos bem próximos ao que Fairclough defende em *Discurso e Mudança Social* (2001). Resende e Ramalho (2004) destacam as características de cada uma dessas funções. Embora o modelo tridimensional revele traços de uma AD voltada para as noções do discurso, as perspectivas de Halliday demonstram importantes mecanismos de análise crítica: a função interpessoal é dividida em duas subcategorias (identitária e relacional); a função ideacional defende uma proposta dialética entre o social e o discurso; enquanto a função ideacional aborda as questões voltadas às crenças e às cadeias de conhecimento. Por fim, a função textual refere-se à organização e à relação do texto.

Assim como em Halliday, a proposta de Fairclough (2001) está baseada em um movimento linguístico e social, sobretudo nos estudos do discurso entendido como uma prática social que reflete a ação sobre a sociedade, pois o objetivo da AD é “desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação, favorecendo a desarticulação delas” (Resende; Ramalho, 2004, p.186).

Dessa forma, o foco está na análise do discurso a partir de três dimensões interconectadas: o texto, a prática social e a prática discursiva, como no modelo abaixo:

Figura 1- Modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001)



Fonte: Elaborado por Norman Fairclough (2001, p.111).

Essa sugestão de estudo é reforçada pela lógica da ADC. O texto está inserido em uma prática discursiva e ambos em uma prática social. Essa concepção vai muito além do contexto da obra, pois para interpretar cada uma dessas dimensões é necessário considerar aspectos importantes na própria língua, pois a materialidade é marcada por fatores que vão além dos elementos que atravessam um cenário infinito de possibilidades.

Diante desse contexto, agrupam-se as categorias analíticas conforme proposto no quadro abaixo, a fim de compreender as propostas do modelo de Fairclough (2001) e Resende (2004):

Quadro 1 — Categorias de análise do modelo tridimensional

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
vocabulário gramática coesão Estrutura textual	Produção distribuição consumo coerência intertextualidade	Ideologia (<i>pressuposições, sentidos, metáforas</i>) Hegemonia (<i>orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas</i>)

Fonte: Elaborada por Resende (2004)

O quadro 1 ilustra como as categorias se estruturam sobre dimensões textuais, sociais e discursivas. Vale ressaltar que esse modelo retoma a concepção de caixa de ferramenta de Wodak (2001), por refletir um guia de análise que não é engessado, mas

estruturado sob elementos que precisam ser vistos com atenção no momento da análise. Na perspectiva dos estudos textuais é importante analisar os aspectos linguísticos, como o vocabulário, a gramática, a coesão e a própria estrutura textual, que está relacionada ao sistema organizacional do texto. As práticas discursivas estão ligadas às atividades cognitivas de produção, distribuição e consumo, bem como a força, a coerência e a intertextualidade, esta por sua vez referindo-se a elementos dialógicos entre textos e outros textos (intertextualidade) e as ordens do discurso (interdiscursividade). A prática social é a dimensão revestida dos aspectos ideológicos e hegemônicos, o primeiro considerando os sentidos, as pressuposições e as metáforas e o segundo considerando as orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas.

Essas ferramentas, assim como na perspectiva de Wodak (2001), demandam das pesquisas científicas a condução de uma investigação completa, medidas adicionais que “implicam, em primeiro lugar, uma justificação do projeto e do que se investiga, acompanhada de uma explicação da abordagem teórica e do método ('parte teórica'), necessária e útil para compreender e acompanhar a análise” (Wodak, 2001).

Diante de tudo isso, percebe-se que o uso da linguagem como uma prática social e discursiva é ferramenta que contribui para a compreensão de relações de poder e ideologias, evidenciando posições sociais e estruturas institucionais, além de contribuir para a emancipação de estruturas engessadas na sociedade. Dessa forma, há de se considerar uma mudança social contemporânea, sobretudo nos contextos da Modernidade Tardia.

Tal conceito é discutido por Fairclough e Chouliaraki (1999) com o propósito de questionar aspectos sociais em âmbitos políticos e morais. Esse último conceito-chave disposto aqui está pautado na compreensão total da proposta da ADC, da qual carrega como proposta principal a mudança social significativa. A finalidade do estudo do discurso se baseia numa visão científica e social crítica e na teoria e análise linguística e semiótica.

Nesse contexto, é importante destacar a necessidade de entender a dinâmica discursiva que envolve as relações de poder na sociedade contemporânea, por existirem narrativas difundidas e empregadas para justificar as desigualdades sociais e instigar uma lógica neoliberal. Esse processo de resistência serve também como espaços de transformação social por meio de discursos alternativos e contra-hegemônicos.

A seção seguinte será dedicada à análise da obra *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, sob a perspectiva de Norman Fairclough (2001, 2003), para

analisar como se dá o processo de remodelamento (também chamado de desconstrução) e de construção dos discursos religiosos que estão presentes no evangelho saramaguiano.

4 “E QUE HAJA LUZ”: análise d’O Evangelho de Cristo

Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, **e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens,** para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus (Mateus 5:13-16, grifo nosso).

É importante salientar que a Bíblia instiga a ideia de iluminação como sinal de esperança aos homens. Tal perspectiva ressalta a necessidade de iluminação de cada

indivíduo como uma maneira de testemunho para o bem-estar coletivo. Entende-se, diante disso, que a boa obra é um elemento de grande importância no processo de transcendência cristã, estimulada por práticas adotadas pelos demais “homens” na perspectiva de promover o bem comum. A busca pela luz, nesse fragmento, é um ponto de partida para uma análise social crítica, gerando autorreflexão, desconstrução dos indivíduos e transformação social em meio a discursos engessados que se contradizem em relação à narrativa bíblica.

Semelhante a essa perspectiva, a luz deve ser um elemento a ser compartilhado em prol de boas propostas, excluindo qualquer forma de manipulação ao povo, pois “A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (João 1: 5). A luz serve como um fenômeno norteador capaz de apontar os caminhos da verdade, revelando uma forma de esperança social capaz de inculcar na mentalidade humana uma maneira de conhecimento pautado no esclarecimento dos fenômenos sociais. A luz, assim como na Alegoria da Caverna de Platão, é uma maneira de romper com a mecanização e desconstruir ideias preestabelecidas socialmente aceitas como verdades.

Diante disso, o conceito de luz está baseado na iluminação, no ato de fazer enxergar o que existe em meio à escuridão. Tal proposta é uma forma de entender os objetivos da ADC, principalmente em meios religiosos. Quando se menciona essa instituição, enfatiza-se o papel da religiosidade nas práticas e na construção de certos discursos na sociedade. Discursos que promovem muitas vezes discriminação, preconceitos, ciclos de intolerância e, sobretudo, injustiça social.

A igreja, diante desse cenário nefasto, carrega consigo uma herança pautada em contradições com os próprios valores bíblicos. Com certeza, a boa notícia não está nas raízes de um ciclo de inquisições, mas na desconstrução de discursos que contribuem para a justiça social. Dessa forma, é importante que as marcas ideológicas e de poder sejam desveladas por meio de estudos críticos comprometidos a trazer luz aos leitores, não intolerantemente, mas de forma esclarecida, proporcionando liberdade de adquirir mais conhecimento sobre questões complexas. A própria Bíblia ressalta que o “povo está sendo arruinado porque lhe falta conhecimento da Palavra” (Isaías, 5: 13). A falta de conhecimento pressupõe uma forma de comportamento manipulado, da qual surgem discursos contrários às questões éticas e morais da realidade social. Sendo assim, estimular o conhecimento, até mesmo em questões religiosas, não deveria ofender a fé, mas sim trazer luz e esclarecimento para a divulgação de boas mensagens.

Diante desse entendimento, é importante destacar que os estudos críticos da literatura carregam a função de proporcionar meios de reflexão à sociedade, sobretudo discussões que estejam baseadas na mudança social e, conseqüentemente, na mudança discursiva. Muitos foram os escritores que contribuíram para esse ideal, dentre eles, aqueles que têm como finalidade não desconstruir a fé, mas a ideologia que manipula e condiciona muitas vezes inconscientemente o sujeito. A desconstrução está na crítica de um discurso que se baseia na Bíblia como elemento de manipulação de pensamento.

Desde escritores mais antigos até os mais contemporâneos, a intenção é fazer pensar além do que é imposto socialmente, que transcende às questões meramente religiosas. José Saramago, como muitos desses escritores, propõe uma literatura pautada em tentativas de esclarecimento e de luz. *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) estabelece um campo fecundo para uma análise do discurso crítica dos valores que moldam a compreensão do mundo a partir do entendimento das boas novas difundidas pelos evangelhos bíblicos. Diante disso, a seção seguinte se pautará na análise crítica do evangelho saramaguiano por meio das ferramentas metodológicas de Norman Fairclough (2001/2003).

4.1 ANÁLISE TRIDIMENSIONAL DO EVANGELHO DE CRISTO

Considerando a perspectiva de Norman Fairclough, é importante enfatizar que a linguagem é estabelecida a partir de suas funções sociais. Diante disso, “não estamos apenas interessados nos textos, mas também em um processo interativo de produção de significado” (Fairclough, 2003, p. 15). Existem dimensões que estabelecem as produções de sentidos e tudo isso é resultado de interações sócio-linguístico-discursivas que ressaltam a relevância do estudo do discurso como chave para a transformação social. O discurso, por sua vez, é concebido aqui como “um momento da prática social” (Silva, 2010, p. 39) capaz de instigar mudanças significativas. Por essa razão, é crucial que essa dimensão seja compreendida e tal proposta se relaciona às perspectivas do modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001), baseado em uma análise do aspecto social, linguístico e discursivo no texto.

Entende-se que o texto é uma das ferramentas por meio das quais as ideologias se materializam, dessa forma, é pelo texto que a investigação toma partida, não como uma proposta de investigação puramente textual, mas de uma análise crítica dele. Considerando o caráter transdisciplinar da Análise do Discurso, tornam-se fundamentais

as ferramentas metodológicas da ADC, apoiando-se na orientação do caráter social, enfatizando como primeiro aspecto a ser analisado o próprio texto.

Sobre a análise textual, é importante que a gramática e a semântica se façam cruciais para o exame minucioso das propriedades organizacionais gerais do texto *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991). A presente pesquisa se apoiará sobre a perspectivas de Fairclough (2001, 2003) e de Viviane Resende (2004), apoiando-se em subcategorias que ressaltam a necessidade de investigar o texto a partir da análise da estrutura textual, do vocabulário, da gramática e da coesão.

4.1.1 A dimensão textual

Em relação à estrutura textual, a obra *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago, está inserido na literatura ficcional como uma narrativa histórica. Seu estilo está baseado em características próprias que envolvem o texto numa discussão acerca da historicidade de seus romances. Saramago está firmado no remodelamento do tradicionalismo e se apropria de elementos do romance histórico a fim de redefinir categorias tipológicas do texto, definindo seu texto numa espécie de evangelho, gênero literário bíblico importante na preservação dos ensinamentos de Jesus. O hibridismo literário saramaguiano carrega aspectos próprios de um gênero e de outro, haja a vista a perspectiva literária e teológica diante do texto. Diante disso, o gênero se baseia em um estilo singular, relevando a escrita de Saramago. Ou seja, o português adota um estilo baseado na reconstrução e se inspira na fluidez de estruturas textuais engessadas.

Lopes (2017) destaca que Saramago se apropria, na verdade, de uma teologia ficcional, visto a grande necessidade de se apropriar de temáticas bíblicas baseada em elementos intertextuais e interdiscursivos. Isso significa dizer que o estilo do escritor em relação aos romances está muito além da arquitetura do tipo textual. Angélica Soares, em *Gêneros Literários*, ressalta:

Podemos localizar o nascimento da narrativa moderna que, apresentando transformações, vem-se impondo fortemente, desde o século XIX, quando se caracterizou sobretudo pela crítica de costumes ou pela temática histórica (Soares, 2007, p. 42).

Considerando as reflexões de Angélica Soares, entende-se que o texto de Saramago está entre as muitas obras modernas que reconstroem as formas narrativas,

adotando elementos próprios em um mesmo gênero textual. A crítica pressuposta por Soares está firmada nas transformações que a narrativa possibilita a partir de seu contexto de produção.

Cunha (2012) destaca que os evangelhos pertencem a um grande gênero literário e dentro dele há outros gêneros (narrativas, milagres, parábolas, alegorias, metáforas, apocalipse). Sendo assim, a obra de José Saramago se caracterizaria por um evangelho que tem como predomínio a narrativa da história de um personagem chamado Jesus. Essa narrativa histórica se desenvolve sob uma estrutura específica identificada em muitas outras histórias do português.

Em relação à estrutura da narrativa, organizada por Gancho (2008), as histórias são contadas sobre elementos fundamentais, a saber, o enredo, os personagens, tempo, espaço e narrador. Acerca do enredo, Saramago, organiza um conjunto de fatos interessantes. A história começa, de fato, na crucificação:

O sol mostra-se num dos cantos superiores do rectângulo, o que se encontra à esquerda de quem olha, representando, o astro-rei, uma cabeça de homem donde jorram raios de aguda luz e sinuosas labaredas, tal uma rosa-dos-ventos indecisa sobre a direcção dos lugares para onde quer apontar, e essa cabeça tem um rosto que chora, crispado de uma dor que não remite, lançando pela boca aberta um grito que não poderemos ouvir, pois nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada. (Saramago, 1991, p. 04)

É interessante enfatizar que a história de Jesus, para Saramago, é mais uma ficção dentre as muitas propostas pela tradição cristã. A narrativa dele, no entanto, começa pelo episódio emblemático que é a morte de cruz, pois esse fato simboliza até hoje o sacrifício do “filho de Deus” tendo como intuito garantir a salvação da humanidade. Tomando o que Cândida Vilares Gancho (2008) defende, cada fato da história tem uma motivação, nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos. *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) tem seu enredo⁶ construído sobre uma organização não-linear⁷ e isso pressupõe uma história que remodela as formas circunstanciais do momento da crucificação. No início é pautado a questão da moralidade humana, enquanto no final da história é pautada a moralidade do personagem Deus.

⁶ Gancho (2008) aponta que o enredo está baseado na organização dos fatos por meio do conflito ou dos conflitos.

⁷ É um enredo complexo, pois “não é previsível” (Gancho, 2008, p. 53).

Quanto ao **enredo** desse evangelho, é importante pontuar que ele se configura sobre muitos conflitos: o primeiro conflito a ser destacado é o cenário de crucificação:

Por baixo do sol vemos um homem nu atado a um tronco de árvore, cingidos os rins por um pano que lhe cobre as partes a que chamamos pudendas ou vergonhosas, e os pés tem-nos assentes no que resta de um ramo lateral cortado, porém, por maior firmeza, para que não resvalém desse suporte natural, dois pregos os mantêm, cravados fundo (Saramago, 1991, p. 01).

O narrador começa a história com a descrição da crucificação. O propósito deste martírio destaca a morte de Jesus como uma justificativa para os pecados humanos e a possibilidade de salvação eterna, enfatizando de maneira irônica aspectos que relacionam a curiosidade do leitor perante a proposta dos evangelhos canônicos. Dessa forma, considerando os aspectos físicos da condição do homem crucificado e os aspectos morais, tornam-se evidentes questionamentos sobre justiça, dignidade e sofrimento humano.

Outro conflito interessante é a anunciação do nascimento de Jesus, Maria recebe a mensagem do mendigo (anjo), reconstruindo a história canônica, pois neste evangelho o anjo não visita José para defesa de Maria como em Mateus⁸. A jovem também não é apresentada como uma mulher virgem, mas uma mulher casada, que concebeu seu filho de forma biologicamente sexuada. Maria é posta em dúvida quanto à visita do mendigo, sendo indagada pelos “delegados da sinagoga” (Saramago, 1991, p. 22).

É importante frisar que a desconstrução do discurso religioso cristão começa nesse momento, pois muitos elementos simbólicos são recontados como uma espécie de adequação da história de Jesus a aspectos racionalmente aceitos, trazendo de alguma forma, credibilidade às histórias contadas no evangelho saramaguiano. A concepção de Jesus e a conversa de Maria com o anjo se revestem de crítica em meio a um cenário puramente preconceituoso. Saramago se apropria dessa passagem como elemento de denúncia social em meio a um contexto em que o papel da mulher é alvo de uma construção ideológica histórica, da qual aponta para pensamentos misóginos alimentados até a contemporaneidade por discursos religiosos tradicionais.

O recenseamento foi outro momento de grande tensão entre José e Maria, pois no fim da gestação ela tinha que seguir viagem rumo a Belém. A primeira parte das peripécias de José e Maria, antes do nascimento de Jesus, estabelece diálogos entre os

⁸ “Em sonho lhe apareceu um anjo do senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria como tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo” (Mateus, 1:20)

aspectos religiosos e a racionalidade humana, dando margem a debates acerca das contradições humanas diante de um cenário religioso. Sendo assim, o nascimento de Jesus também se torna um momento de grande relevância porque é a partir dele que José entra em uma das maiores contradições: escolher salvar a vida dos bebês de Belém ou tentar salvar o seu filho. Em tom crítico e irônico, José Saramago, remodela a história do nascimento de Jesus como uma forma de debater questões filosóficas importantes no contexto social no que pese à moralidade e às contradições humanas.

Diante desse contexto, um dos eventos mais emblemáticos foi a morte de José. A peregrinação de Jesus começa para entender os eventos por trás da morte do pai que se manifestavam mediante sonhos: “Jesus herdara os sonhos do pai, não exatamente da mesma maneira, mas como se o pai e o filho, cada um em seu lugar, o estivessem, ao mesmo tempo, sonhando” (Saramago, 1991, p. 118). Um ponto de grande tensão de Jesus se configura sob a descoberta de seu tormento, herdado do pai biológico. A partir dessas reflexões de Jesus, José Saramago destaca os conflitos existenciais na vida desse personagem e como as escolhas sociais influenciam diretamente a história de outros indivíduos.

Em meio à trajetória de Jesus, ele se encontra com o Pastor (diabo) e em seguida com Deus. Os dois personagens colocam Jesus em momentos de profundas reflexões morais e existenciais. A sequência dos eventos bíblicos é quebrada na história de José Saramago por destacar que o personagem Jesus, ainda muito jovem, encontra o pastor (diabo), revestido em outras formas de tentações pontuadas e desenvolvidas nas próximas seções.

Maria de Magdala também ocupa um lugar de destaque, pois é com ela que acontece a quebra da ideia canônica do celibato de Jesus: “Dormiram juntos, mas não apenas nessa noite. Quando acordaram, já manhã alta, e depois de uma vez mais os seus corpos se terem buscado e achado, Maria foi ver como estava a ferida do pé de Jesus” (Saramago, 1991, p.189). Saramago enfatiza essa história como um elemento de desconstrução do cânone bíblico e do discurso cristão, relacionando à questão da sexualidade de Jesus à desconstrução preconceituosa da prostituição de Maria de Magdala.

Um dos pontos intrigantes que se tem no enredo deste evangelho é o momento da descoberta de que Jesus é o filho de Deus: “eu tinha misturado a minha semente na

mente de teu pai⁹ antes de seres concebido, era a maneira mais fácil, a que menos dava nas vistas” (Saramago, 1991, p. 246). Dentre os dilemas que Jesus vivia, estava o dilema de seguir os planos de Deus, como filho obediente, ou viver como um homem comum, sem raízes divinas. Jesus se recusa a realizar qualquer tipo de milagre e/ou atividades divinas e morre como rei dos judeus. Diante de tudo isso, a morte de Jesus é iminente. O desfecho da história se dá por meio da crucificação, assim como começou. Tudo isso seria uma forma de humanizar a história que fundamenta a ideologia conservadora, tendo como principal doutrina, as leis religiosas, em especial as leis de origem judaico-cristã.

Em relação aos **personagens**, Saramago reorganiza o evangelho e expande algumas passagens bíblicas. O primeiro a ser destacado neste evangelho é o pai biológico de Jesus, “um carpinteiro chamado José” (Saramago, 1991, p. 3). José configura o símbolo do homem na sociedade. Seu papel é breve, mas significativo em relação às reflexões morais e ideológicas num contexto tradicional:

Regularmente hábil no mester, **porém sem talento para perfeições sempre que lhe encomendem obra de mais finura**. Estas insuficiências não deveriam escandalizar os impacientes, pois o tempo e a experiência, cada um com seu vagar, ainda não são bastantes para acrescentar, ao ponto de dar-se por isso no trabalho de todos os dias, o saber oficial e a sensibilidade estética de um homem que mal passou dos vinte anos e vive em terra de tão escassos recursos e ainda menores necessidades. Contudo, não se devendo medir os méritos dos homens apenas pela bitola das suas competências profissionais, convém dizer que, apesar da sua pouca idade, é este **José do mais piedoso e justo que em Nazaré se pode encontrar, exacto na sinagoga, pontual no cumprimento dos deveres** (Saramago, 1991, p. 11, grifo nosso).

A vida de José nesse evangelho é reservada a uma vida medíocre. Os saberes do carpinteiro não eram de grande sensibilidade estética, produzia apenas para se sustentar. Dessa forma, as competências do personagem são postas à prova. O ofício de José é uma alusão ao ditado popular “casa de ferreiro, o espeto é de pau”, destacando a negligência do carpinteiro na incapacidade de produzir coisas a seu próprio favor. O pouco cuidado estético se resguarda a obras encomendadas. Em contraste a esse indivíduo negligente em suas tarefas profissionais, o narrador apresenta um personagem comprometido com os deveres religiosos. José é a representação “mais piedosa e justa que em Nazaré se pode encontrar”. A sentença carrega crítica ao modelo patriarcal, pois

⁹ Esse diálogo acontece entre Deus e Jesus. A fala é de Deus e a expressão “teu pai” é referente a José, pai biológico de Jesus.

em José se observa preconceitos, discriminações, incoerências e contradições morais, uma forma de ironizar o perfil religioso diante de alguns contextos sociais.

O personagem também reflete a desigualdade entre homens e mulheres: “a culpa dessas mazelas morais, a culpa é da língua que fala, senão dos homens que a inventaram, pois nela as palavras justo e piedoso, simplesmente, não têm feminino” (Saramago, 1991, p.13). É por meio dessas injustiças sociais que José morre mergulhado em agonias e arrependimentos, na tentativa de fazer o que ele achava certo ao resgatar seu vizinho Ananias: “Séforis ardeu toda, de ponta a ponta, enquanto, um após outro, os crucificados iam morrendo. O carpinteiro, chamado José, filho de Heli, era um homem novo, na flor da vida, fizera há poucos dias trinta e três anos.” (Saramago, 1991, p. 106).

É importante destacar que o narrador aponta outro personagem chamado José. José de Arimateia¹⁰ “Ora, este José de Arimateia é aquele bondoso e abastado homem que ofereceu os préstimos de um túmulo seu para nele ser depositado o corpo principal” (Saramago, 1991, p. 2). O personagem é apresentado no início da história, em meio ao cenário de crucificação, por apontar a hipocrisia humana em contextos capitalistas de atuação. Saramago dá ênfase na aparência excessiva, gerando debate sobre o verdadeiro significado de compaixão e de solidariedade. A narrativa saramaguiana introduz José de Arimateia para trazer reflexões à verdadeira generosidade e bondade, que não devem ser medidas pela ostentação ou formalidade externa, mas sim pela intenção genuína e pelo impacto das ações no bem-estar dos outros.

Junto a José (carpinteiro) tem-se Maria, “Ao contrário de José, seu marido, Maria não é piedosa nem justa” (Saramago, 1991, p. 13). A personagem Maria é a representação da mulher discriminada e submissa ao homem:

Descalça vai Maria à fonte, descalça vai ao campo, com os seus vestidos pobres que no trabalho mais se sujam e gastam, e que é **preciso estar sempre a lavar e remendar**, para o marido vão os panos novos e os cuidados maiores, mulheres destas com qualquer coisa se contentam. Maria vai à sinagoga, **entra pela porta lateral**, que a lei impõe às mulheres, e se, é um supor, lá se encontram ela e trinta companheiras, ou mesmo todas **as fêmeas de Nazaré**, ou toda a população feminina de Galileia, **ainda assim terão de esperar que cheguem ao menos dez homens para que o serviço do culto**, em que só como passivas assistentes participarão, possa ser celebrado. (Saramago, 1991, p.13, grifo nosso).

¹⁰ “Ao pôr-do-sol chegou um homem rico, de Arimatéia, por nome José, o qual havia se tornado discípulo de Jesus. Este chegou a Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus.” (Mateus 27:57-58)

Nesse excerto, Saramago destaca uma Maria que é a tradução da mulher do sistema patriarcal: servas de seus maridos e à margem das tradições religiosas. Maria é descrita por Saramago como uma personagem com pouca influência na narrativa. Também é atribuída a Maria de Nazaré a ideia de Eva Pecaminosa, um discurso religioso que enfatiza artimanhas das mulheres a fim de incutir uma mentalidade social à subserviência em razão do contexto bíblico de enganação de Eva a Adão: “À hora da morte se não-de pedir contas ao varão por cada conversa desnecessária que tiver tido com sua mulher” (Saramago, 1991, p. 16). Maria é descrita como uma mulher ajustada às doutrinas cristãs, sendo fiel às leis, ao marido e aos desígnios de Deus.

Diante de tudo isso, percebe-se que Saramago se utiliza da reorganização dos personagens como uma forma de desconstrução dos personagens bíblicos. As personagens femininas, não só Maria, mãe de Jesus, mas Maria de Magdala, servem como elementos importantes na construção de reflexões críticas acerca do papel da mulher no âmbito religioso. Em contraponto à mãe de Jesus, Maria de Magdala é uma personagem polêmica neste evangelho por desconstruir a ideia do celibato de Jesus. Maria de Magdala ou “Maria de Betânia” (Saramago, 1991, p. 222) é descrita como prostituta e símbolo de libertação para o personagem Jesus: “Jesus, sobre ela respondeu, o que me ensinas, não é prisão, é liberdade” (Saramago, 1991, p. 189). Maria de Magdala é a tradução da mulher livre e racional que está na contramão dos rituais religiosos. Isso não pressupõe uma Maria ateísta, mas uma mulher que, além de crer, racionaliza sobre tudo a sua volta.

Ambas as Marias, seja a de Nazaré ou a de Magdala, são figuras que exploram aspectos de grande relevância social. As duas são formas de desconstrução do discurso religioso cristão. O texto evidencia uma Maria cheia de dilemas, desejos e conflitos internos e outra como reinterpretação da figura bíblica, afastando-se das interpretações tradicionais que a associam a uma imagem pecaminosa. Maria de Magdala resgata uma figura forte e independente neste evangelho, capaz de tomar suas próprias decisões e enfrentar os desafios impostos pela sociedade da época.

Quanto à apresentação dos personagens, uma persona intrigante é o mendigo. No início da obra, o narrador apresenta este personagem resgatando a ideia religiosa da queda de Lúcifer. A presença de um ser celestial é destacada nesse fragmento e ela se

aproxima de alguma forma às ideias de Apocalipse 12: 9¹¹ e Isaías 14:12-15¹². De maneira poética, o narrador apresenta elementos que exaltam a beleza da queda de um anjo, iniciando a desconstrução do personagem marcante conhecido na tradição cristã como o diabo ou satanás, renomeando-o como mendigo e posteriormente como pastor.

É importante destacar que o mendigo é apresentado na história com muitos nomes e cada um deles marca a história de Jesus neste evangelho. No início o mendigo se apresenta como anjo da anunciação: “Um vulto alto e negro movia (...) Não era o filho, era, enorme, gigantesco, imenso, o mendigo, coberto de farrapos como da primeira vez e também como da primeira vez, agora quiçá por efeito do luar, subitamente vestido de trajes sumptuosos” (Saramago, 1991, p. 126). O mendigo se apresenta inicialmente para Maria como o anjo que anuncia sua gravidez. O personagem deixa rastro do propósito do nascimento de Jesus, entregando para Maria uma tigela com terra luminosa. A tigela, símbolo do encontro de Maria e do anjo, é um dos elementos mais emblemáticos nesta história, por estar no início da vida de Jesus e a qual estará no final da vida dele aparando seu sangue como Santo Graal.

O mendigo também se apresenta como pastor: “Se fazes tanta questão de dar-me um nome, chama-me Pastor, é o suficiente para que me tenhas, se me chamares” (Saramago, 1991, p. 148). Inicialmente o personagem era apenas uma espécie de anjo da anunciação “não é um anjo do Senhor” (Saramago, 1991, p.151), agora, como pastor é aquele que contribui para o confronto de Jesus em questões morais e espirituais: “diz-me tu como procederias se estivesses no meu lugar, se, como eu, fosses senhor da vida e da morte do teu rebanho” (Saramago, 1991, p. 135). Concomitantemente, o personagem promove a desconstrução da figura do “bom pastor”¹³ destacado na Bíblia Sagrada, trazendo outra representação do Jesus canonizado¹⁴. Em muitos momentos, José Saramago, em tom irônico, brinca com os elementos próprios da figura de Jesus na tradição bíblica e vincula ao pastor do seu evangelho.

¹¹ Este capítulo de apocalipse apresenta o “grande dragão” (versículo 3) faz também referência ao diabo e ao anjo caído: “*E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi lançado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.*” (versículo 9).

¹² “*Como caíste desde o céu, ó, Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: subirei ao céu, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo.*”

¹³ “*Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá sua vida pelas ovelhas.*” (Jo 10,11). “*Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido*” (Jo 10: 14)

¹⁴ O vocábulo canonizado aqui, refere-se à divinização de Jesus difundida pela igreja.

Além disso, o mendigo também é trazido em um terceiro momento como diabo: “Este é o Diabo, de quem falávamos há pouco” (Saramago, 1991, p. 247). Nesta terceira parte, o diabo aparece como o detentor da verdade, por ser ele quem confirma para Jesus a origem de seu nascimento. A verdade aqui é outra forma de desconstrução do pensamento religioso, pois no discurso cristão descrito na Bíblia canonizada o diabo é “o pai da mentira¹⁵”, em contraponto à ideia de que Deus é a verdade¹⁶. Neste evangelho, o personagem Deus, omite a verdade, enquanto o diabo esclarece tudo para Jesus. Sobre a verdade, pastor ainda aponta outra reflexão: “às minhas mentiras vejo-as como o que são, verdades de mim, porém nunca sei até que ponto são as verdades dos outros mentiras deles.” (Saramago, 1991, p. 254). A discussão polêmica transcende a questões da religiosidade e destaca questões sociais relacionadas à moralidade.

Não existe um quarto nome, mas existe uma quarta perspectiva em que o mendigo pode representar nesse evangelho, pois ele se configura como um símbolo de sacrifício. No final da história, ao saber dos projetos para a humanidade e para Jesus, ele lança uma proposta para deus:

a minha proposta é que tornes a receber-me no teu céu, perdoado dos males passados pelos que no futuro não terei de cometer, que aceites e guardes a minha obediência, (...) acaba-se aqui hoje o Mal, teu filho não precisará morrer, o teu reino será, não apenas esta terra de hebreus, mas o mundo inteiro, conhecido e por conhecer, e mais do que o mundo, o universo, por toda a parte o Bem governará, e eu cantarei, na última e humilde fila dos anjos que te permaneceram fiéis (Saramago, 1991, p. 265).

Pode-se observar que o pastor lança uma proposta ousada a Deus, expressando um desejo de redenção e perdão, além de propor uma mudança radical no curso da história humana. Ele se coloca como um agente de transformação, prometendo que o mal será erradicado para o verdadeiro bem governar todo o universo. Tal perspectiva retoma questões profundas relacionadas à natureza humana, ao livre-arbítrio, à redenção e ao papel de Jesus como mediador entre os homens e Deus. A proposta, na verdade, é desafio às convenções e ao leitor, tendo como intuito fazê-lo repensar suas próprias crenças e conceitos. De forma crítica e ousada, José Saramago brinca com elementos que envolvem o martírio e propõe solução a um discurso pautado em sacrifícios.

¹⁵ Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou, na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira (João 8: 44).

¹⁶ Disse-lhe Jesus: **Eu sou** o caminho, **a verdade** e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim. (João 14:6, grifo nosso).

Outro personagem intrigante é Deus, uma divindade poderosa que comanda tudo e todos. O Deus saramaguiano é a desconstrução do Deus monoteísta difundido pela cultura cristã da Bíblia Sagrada. As perspectivas do personagem são quebradas, pois o narrador apresenta incoerências da vontade e dos desígnios dele para os seres humanos. É importante frisar que o Deus apresentado neste evangelho carrega elementos de deuses gregos¹⁷:

A manhã subia, expandia-se, e em verdade era uma visão de beleza quase insuportável, duas mãos imensas soltando aos ares e ao voo uma cintilante e imensa ave-do-paraíso, desdobrando em radioso leque a roda de mil olhos da cauda do pavão-real, fazendo cantar perto, simplesmente, **um pássaro sem nome** (Saramago, 1991, p. 10).

Assim como muitos deuses gregos, Saramago escreve a chegada de Deus como um evento poético, ao referir-se a Zeus quando descia para ter qualquer mulher. O “pavão-real” é símbolo da aparição de Deus, assim como a chuva de ouro foi a aparição de Zeus no mito de Perseu. No evangelho saramaguiano Deus não se apresentou em forma de pomba, como idealizado na cultura cristã¹⁸. A ave real é representada como um ser belo e brilhante, demonstrando os atributos de Deus na obra, um Deus ganancioso e sedento de poder. O personagem também carrega em sua maior parte aspectos do Deus dos judeus: “Deus de nossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, grande, poderoso e maravilhoso Deus” (Saramago, 1991, p. 56).

O personagem Deus, nesse evangelho, é uma representação ao que Saramago chama de Fator Deus, uma criação humana a fim de justificar questões injustificáveis: “Meu filho, já conheces os teus deveres e obrigações, cumpre-os a todos **e encontrarás justificação** diante de Deus, mas cuida também de procurar na tua alma que deveres e obrigações haverá mais, que não te tenham sido ensinados” (Saramago, 1991, p. 91). Sobre essas percepções percebe-se um personagem cheio de contradições e de sadismos:

Jesus apertou o cordeiro contra o peito, não compreende por que não aceita Deus que no seu altar se derrame uma concha de leite, sumo da existência que passa de um ser a outro ser, ou nele se espalhe, com um gesto de semeador, um punhado de trigo, matéria entre todas substantiva do pão

¹⁷ Este fragmento retoma características próprias das histórias gregas de deuses que desciam dos céus sobre diversas formas. A história de Perseu é um exemplo de que Zeus, em suas aventuras, derramou uma chuva de ouro como elemento que fez gerar um filho em Danae.

¹⁸ “Sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.” (Mateus 3: 16-17).

imortal. O seu cordeiro, que ainda há pouco foi oferta admirável de um velho a um rapaz, não verá pôr-se o sol deste dia (Saramago, 1991, p. 147).

Consequentemente, o personagem Deus é apresentado sobre uma ótica que foge ao convencional. Nessa história, é uma presença que influencia os eventos da história e se comunica com Jesus de maneira direta e indireta, a fim de explorar ideias sobre destino e livre-arbítrio.

O Deus apresentado na obra de Saramago também se apresenta como uma entidade inalcançável: “Deus é tanto mais Deus quanto mais inacessível for” (Saramago, 1991, p. 62). O personagem é descrito como um ser divino egoísta, que carrega todas as características humanas. A construção dele traz evidências de conceitos desenvolvidos cultural e socialmente, debate da terceira fase da análise desta pesquisa, pois sobre o personagem Deus recai não só os reflexos das incoerências e contradições humanas como também faz referências à hegemonia vigente no discurso religioso cristão.

Mesmo em meio a tantos personagens intrigantes, existe Jesus, um ser humanizado e construído como um ser racional. O personagem enfrenta dilemas existenciais, dúvidas e questionamentos sobre sua missão divina, enquanto também lida com os aspectos mundanos e humanos de sua vida. Jesus também é uma forma de desconstrução do homem divinizado, como elemento de grande crítica do narrador em relação às desigualdades existentes no mundo: “o único a quem o futuro concederá a honra da maiúscula inicial” (Saramago, 1991, p. 7). O Jesus apresentado na narrativa saramaguiana é um homem humanizado, sua humanização se desenvolve a partir do momento em que o narrador descreve o estado do nascimento de Jesus igual aos demais seres humanos, “filhos de Maria e José (...) não vê mais do que uma criança igual às outras, baba-se, suja-se e chora como elas” (Saramago, 1991, p. 81). O narrador ora assemelha Jesus ao pai biológico e humano, ora o assemelha a Deus dotado de egoísmo e tormentos.

O personagem Jesus vive dois eventos importantes na história. O primeiro evento está relacionado ao sonho herdado de José: “Jesus herdara o sonho do pai, não exatamente da mesma maneira, mas como se o pai e o filho, cada um em seu lugar, o estivessem, ao mesmo tempo, sonhando” (Saramago, 1991, p. 119). A peregrinação de Jesus inicia no momento em que ele viaja à procura de respostas sobre os sonhos que o pai também tinha, esses episódios são cruciais para a construção do Jesus racional que se apresenta no final da obra.

O segundo evento recai sobre a descoberta da sua verdadeira origem. Jesus descobre que faz parte dos projetos de Deus e gerado com um propósito que não deve ser questionado:

A **alargar a minha influência**, a ser deus de muito mais gente (...) Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano, estou certíssimo de que em pouco mais de meia dúzia de séculos (...) **passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos**, à grega, E qual foi o papel que me destinaste no teu plano, **O de mártir**, meu filho, o de **vítima**, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé” (SARAMAGO, 1991, p. 248, grifo nosso).

Jesus carrega a missão de ser o Cristo, não para ser salvador dos cristãos, mas para expandir o poder de Deus na terra e criar ideologias que reforçam a perspectiva religiosa. O projeto por meio do martírio de Jesus faz parte de um evento maior que é a supremacia do personagem Deus e a consequente hegemonia do meio religioso. Tal cenário, faz com que o personagem Jesus se envolva em reflexões morais importantes e decida morrer não como o Cristo, mas como o rei dos judeus. Diante de tal contexto, a revolta de Jesus se inscreve na negação de cumprir os desígnios de Deus: “me recuso a fazer os milagres cuja oportunidade me apareço, e, sem milagres, teu projeto é nada” (Saramago, 1991, p. 151) e morre como humanamente se propôs.

Muitos outros personagens fazem parte da história de Jesus, dentre eles Judas (o galileu), Ananias, Simeão, a escrava Zelomi, o rei Herodes, os três pastores misteriosos, Marta, Lázaro, Judas e os doze discípulos. Todos com participações que influenciaram de alguma forma o destino do Messias. Dentre esses personagens, o mais emblemático é Judas, “Eu sou Judas de Iscariote” (Saramago, 1991, p. 296), pois participa diretamente da desconstrução do pensamento cristão. Judas foi o único a querer seguir os planos de Jesus para morrer como rei dos judeus, quebrando a perspectiva de traição difundida pela cultura cristã: “e os soldados procuraram e não acharam, nem uma moeda” (Saramago, 1991, p. 299). Como elemento ainda intrigante, Judas Iscariotes se enforca em uma figueira, trazendo a questão do suicídio: “e Jesus teve pena dele porque o viu enforcar-se por suas próprias mãos na figueira” (Saramago, 1991, p. 270), assunto polêmico diante da tradição religiosa.

Retomando aos outros elementos da narrativa, Saramago apoia-se em um **tempo** psicológico por concentrar experiências internas dos personagens, nas reflexões e nas emoções, independentemente de uma estrutura temporal convencional. De acordo com Gancho (2008), o tempo psicológico é reconhecido muitas vezes quando a história se apropria de flashbacks. No *Evangelho segundo Jesus Cristo*, a todo momento o

narrador ressalta os tormentos de Jesus como uma espécie de lembranças recorrentes do passado, configurando o tempo como um elemento ligado a Jesus.

Em relação ao espaço, a história de Jesus transcorre sobre Nazaré, Belém, Jerusalém, deserto, mar da Galileia, Monte das Oliveiras, templo de Jerusalém, túmulo de Lázaro, cidades, vilas e o navio de Jonas, inseridos num contexto histórico descrito na história de Saramago sobre o domínio do Império Romano sobre o povo judeu.

Em relação ao narrador, a história se circunscreve sobre uma forma específica e complexa, por deter no narrador uma espécie de evangelista¹⁹. Além de contar a história de Jesus, como fizeram Mateus, Marcos, Lucas e João²⁰, nos evangelhos canônicos, o narrador de Saramago constrói um evangelho com o mesmo propósito: “Disse José que seu filho se chamaria Jesus, e assim ficou recenseado nos cadastros de Deus depois de já o ter sido nos registos de César” (Saramago, 1991, p. 53). A principal característica desse narrador está na observação onisciente, ao ter capacidade ilimitada sobre os acontecimentos, pensamentos e emoções dos personagens da história. Tal perspectiva denota uma visão mais ampla e detalhada da trama, como no exemplo a seguir:

Durante um momento, o temor do castigo fê-lo hesitar, mas a mente, numa rapidíssima imagem, representou-lhe a visão aterradora de um mar de sangue infinito, o sangue dos inumeráveis cordeiros e outros animais sacrificados desde a criação do homem, que para isso mesmo é que a humanidade foi posta neste mundo, para adorar e sacrificar (Saramago, 1991, p. 148).

Nesse excerto, há a presença de um narrador que penetra a mente do personagem Jesus de modo a explorar suas motivações internas. O narrador apresenta uma visão panorâmica de tudo o que está acontecendo na história, permitindo múltiplas perspectivas, configurando a história sob uma visão única e crítica da história de Jesus Cristo.

É importante destacar que o título da história carrega uma visão que direciona o leitor à perspectiva da obra. A expressão “O evangelho segundo Jesus Cristo” aponta para um narrador que aborda a história de Jesus sobre um olhar subjetivo e diversificado, caracterizando Jesus como um personagem complexo e cheio de dúvidas, contradições e conflitos internos. O vocábulo “segundo” evidencia uma proposta alternativa ou

¹⁹ “Ele ou ela fala aos outros sobre Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador. O evangelista conta com palavras a história de Jesus e do propósito da Sua vida, morte e ressurreição” (YOUNG, 2006, p. 02). Disponível em: https://www.ymg.org/Documents/WorldMAP/ACTS%20Mag%20Portuguese%20ATOS_Vol21_Evangelist.pdf. Acesso em 15 fev. 2024.

²⁰ Existem muitas divergências em relação à autoria dos evangelhos em destaque.

complementar da história de Jesus Cristo, sugerindo outra versão da vida de Jesus, sob uma interpretação particular dos eventos e dos personagens bíblicos.

É interessante pontuar também que “numa narrativa é possível distinguir pelo menos dois níveis de linguagem: o do narrador e o dos personagens” (Gancho, 2017, p. 26), porém no texto de Saramago a organização em discurso direto, indireto ou livre é reformulada.

Para uma visão mais clara, destaca-se a seguir um trecho da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a fim de comparar a diversidade em infinitas organizações da narrativa:

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de Vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me Versos. A Viagem era curta, e os Versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os Versos no bolso.

_ Continue, disse eu acordando.

_ Já acabei, murmurou ele.

_ São muito bonitos. (Assis, 1899, p. 04).

Sobre as características que dominam a história machadiana, percebe-se a presença de discursos diretos, responsáveis pela organização textual que separa o narrador e os personagens. Ao observar a dinâmica de organização da história Saramaguiana, percebe-se que ela não se insere sob vertente parecida, mas apresenta características textuais próprias como exemplificado no fragmento a seguir:

A frincha da porta fazia parte da casa, como as paredes ou o tecto, como o forno ou o chão de terra apisoada. Em voz baixa, para não acordar a mulher, que continuava a dormir, pronunciou a primeira bênção do dia, aquela que sempre deve ser dita quando se regressa do misterioso país do sono, **Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que pelo poder da tua misericórdia, assim me restituis, viva e constante, a minha alma.** (Saramago, 1991, p. 9, grifo nosso).

Na história de Saramago existe uma diferenciação das demais narrativas. Os enunciados, em cada possibilidade do gênero, são reorganizados por meio de características que apontam para uma das grandes assinaturas do escritor em suas obras, a presença do discurso indireto livre. As sentenças são organizadas entre vírgulas em uma espécie de contínuo, pois suas histórias são contadas sobre uma cultura de linguagem oralizada. É interessante destacar que a diferenciação entre a narração e os diálogos dos personagens é caracterizada pela presença de letras maiúsculas, vírgulas e

pontos, como no exemplo acima. Diante disso, cabe ao leitor identificar as falas das personagens e a manifestação do narrador por meio de uma leitura atenta.

Gramática

É importante pontuar que a questão da gramática em ADC é uma das ferramentas capazes de apontar “certas combinações e ordenamentos de formas gramaticais” (Fairclough, 2003, p. 19) no texto. A gramática para a Análise do Discurso Crítica é dirigida pela prática social. Isso significa que as sentenças são processos de grande liberdade composicional, ou seja, a ordem de apresentação de uma frase ou oração é um fator relevante na análise do aspecto social, uma vez que elas modelam as combinações das sentenças e tornam o texto um evento relacional. Diante disso, a gramática é analisada sobre a composição de palavras e a relação entre elas e as frases.

É importante destacar que a gramática da obra de Saramago caracteriza-se por construir uma narrativa descritiva e sensorial, proporcionando ao leitor uma imersão no ambiente e nas emoções dos personagens. Essas questões descritivas e sensoriais são organizadas por meio de palavras que pertencem a diversas classes morfológicas, principalmente, na diversidade de adjetivos, verbos, advérbios e substantivos que contribuem para a criação de uma narrativa rica, como no exemplo a seguir:

A noite ainda tem muito para durar. A candeia de azeite, dependurada de um prego ao lado da porta, está acesa, mas a chama, como uma pequena amêndoa luminosa pairando, mal consegue, trémula, instável, suster a massa escura que a rodeia e enche de cima a baixo a casa, até aos últimos recantos, lá onde as trevas, de tão espessas, parecem ter-se tornado sólidas. José acordou em sobressalto, como se alguém, bruscamente, o tivesse Sacudido pelo ombro, mas teria sido ilusão de um sonho logo desvanecido, que nesta casa só ele vive, e a mulher, que não se mexeu, e dorme (Saramago, 1991, 06).

Esse excerto apresenta uma variedade de verbos no presente e no pretérito perfeito: “tem”, “está”, “consegue”, “suster”, “rodeia”, “enche”, “parecem”, “ter-se tornado”, “acordou”, “tivesse sacudido”, “teria sido”, “vive”, “dorme”. Essa variedade de tempos verbais contribui para a construção da narrativa e para a expressão de ações e estados em diferentes contextos. Existe também a presença de adjetivos qualificativos: “trémula, instável, escuras, espessas” que qualificam os substantivos (chama, trevas) e contribuem para a descrição sensorial do ambiente e das sensações do personagem. As locuções adverbiais: “mal consegue”, “de cima a baixo” acrescentam informações sobre como as ações são realizadas ou o local onde ocorrem.

Essas características gramaticais colaboram para a construção da narrativa impactante do evangelho de Saramago, transmitindo ao leitor a intensidade do momento descrito e proporcionando a compreensão das escolhas linguísticas feitas pelo autor. A configuração da gramática deste evangelho permite que o leitor identifique nuances, intenções e estilos específicos presentes na escrita, como a grande presença de adjetivos especificadores/qualificadores e advérbios. A proposta do narrador é estruturar e organizar as frases e os parágrafos colaborativamente na construção do significado e na fluidez da história a ponto de trazer legitimidade ao evangelho.

Quanto à pontuação das frases e dos diálogos, o narrador se utiliza de poucos recursos, restringindo o evangelho a pontos e vírgulas, como destacado anteriormente:

Turbou-se Maria e perguntou, Isso que quer dizer, e o mendigo respondeu apenas, Mulher, tens um filho na barriga, e esse é o único destino dos homens, começar e acabar, acabar e começar, Como soubeste que estou grávida, Ainda a barriga não cresceu e já os filhos brilham nos olhos das mães (SARAMAGO, 1991, p. 14).

Na expressão “O que isso quer dizer,” o narrador insere uma vírgula. A pausa sugere a pergunta do diálogo entre o anjo da anunciação e Maria. O fragmento destaca a organização gramatical da narrativa, a questão da pontuação se configura sobre o excesso de vírgulas em alguns trechos, substituindo pontuações importantes para a compreensão do leitor. A narrativa também apresenta períodos longos:

Esta postura solene, este triste semblante, só podem ser de José de Arimatéia, que Simão de Cirene, sem dúvida outra hipótese possível, após o trabalho a que o tinham forçado, ajudando o condenado no transporte do patíbulo, conforme os protocolos destas execuções, fora à sua vida, muito mais preocupado com as consequências do atraso para um negócio que trazia aprazado do que com as mortais aflições do infeliz que iam crucificar (Saramago, 1991, p.02).

O primeiro período “Esta postura solene, este triste semblante, só podem ser de José de Arimateia, que Simão de Cirene, sem dúvida outra hipótese possível, após o trabalho a que o tinham forçado, ajudando o condenado no transporte do patíbulo, conforme os protocolos destas execuções, fora à sua vida”, apresenta uma estrutura complexa, com frases coordenadas que descrevem as ações e as características dos personagens. No segundo período, “muito mais preocupado com as consequências do atraso para um negócio que trazia aprazado do que com as mortais aflições do infeliz que iam crucificar” tem-se a construção comparativa que contrasta com as preocupações de Simão de Cirene. A oração destaca a priorização das questões comerciais em detrimento das aflições do condenado. Tais perspectivas demonstram que os períodos

em destaque são longos, elaborados para contribuir na densidade e na complexidade da narrativa, permitindo ao evangelista explorar detalhadamente as situações e os pensamentos do personagem José de Arimateia, talvez preocupado numa ideia mais oralizada da narrativa.

Coesão

A coesão, ferramenta de análise da ADC, é uma proposta que entende como as orações e os períodos estão conectados, se existem marcadores coesivos e que tipos de marcadores são encontrados no texto. Fairclough (2001) apresenta pelo menos alguns marcadores coesivos, dentre eles, de referência (indica uma entidade ou situação), elipse (omissão de alguns termos), conjunção (relação entre as frases por meio de conjunções) e lexical (tem relação de sinonímia, hiperonímia, hiponímia e antonímia).

Como já mencionado, as orações e os períodos são conectados por meio do excesso de vírgulas e o surgimento de alguns pontos. No entanto, alguns elementos linguísticos são encontrados, como no exemplo a seguir:

Ora, este José de Arimateia é **aquele** bondoso e abastado homem que ofereceu os préstimos de um túmulo **seu** para nele ser depositado o corpo principal, **mas** a generosidade não **lhe** servirá de muito na hora das santificações, sequer das beatificações, **pois** não tem, a envolver-lhe a cabeça, mais do que o turbante com que sai à rua todos os dias, ao contrário desta mulher que aqui vemos em plano próximo, de cabelos soltos sobre o dorso curvo e dobrado, **mas** tocada com a glória suprema dum auréola, no seu caso recortada como um bordado doméstico (Saramago, 1991, p. 2, grifo nosso).

O fragmento acima demonstra alguns marcadores importantes para a construção de sentido no evangelho, dentre eles o termo “ora” que desencadeia uma mudança ou transição no discurso, “este” referência a José de Arimateia, estabelecendo a coesão referencial. Além disso, a conjunção “mas” indica uma oposição ou contraste entre duas ideias. Também há o uso de pronomes como “lhe” e “seu” que retomam termos já mencionados anteriormente, mantendo a coesão do texto. É importante frisar que a utilização da escolha do elemento “ora” estabelece ligação entre o evangelho saramaguiano e os evangelhos bíblicos, visto a semelhança linguística escolhida pelos evangelistas, como exemplificado em Mateus capítulo 11 e versículo 13: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?”.

Existe também a presença de elipse como no exemplo “a escrava fez uma fogueira que era como uma aurora. Logo, **acendeu** a candeia” (Saramago, 1991, p. 49, grifo nosso). A presença da elipse, nesse caso, contribui para a coesão entre as sentenças, estabelecendo continuidade e concisão ao longo do parágrafo. Outro caso de elipse da obra é evidenciado no seguinte fragmento: “Ficaram então ao rei, como herdeiros do trono, os seus três filhos, Alexandre e Aristóbulo, de cujo desgraçado fim já tivemos notícia, e Antipatro, que irá pelo mesmo caminho não tarda” (Saramago, 1991, p. 52). Na sentença “que irá pelo mesmo caminho não tarda” o sujeito da ação (Antipatro) é omitido, mas facilmente inferido pelo contexto. Do mesmo modo, a expressão “ficaram” retoma “os seus três filhos” que conseqüentemente ligam “Alexandre e Aristóbulo” e “Antipatro”, filhos do rei Herodes.

Ao examinar como elementos linguísticos que se conectam para criar significado, a ADC tem em vista identificar como essas conexões refletem e reproduzem relações de dominação. A análise da coesão revela as estratégias discursivas utilizadas para construir e perpetuar visões de mundo específicas, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas ideológicas e do papel do discurso na reprodução ou subversão das relações de poder.

Vocabulário

Quanto aos estudos do vocabulário (léxico), entende-se o conceito defendido pela ADC como “relações de colocação, isto é, padrões de coocorrência entre itens do vocabulário (palavras ou expressões)”²¹. Em outras palavras, Fairclough destaca como as palavras ou expressões aparecem juntas em um contexto linguístico específico. Ele demonstra a relevância das relações entre as palavras e expressões em um texto, bem como a influência dessas relações sobre o significado e a interpretação. Em outras palavras, ele destaca a relevância dos padrões de co-ocorrência no vocabulário para se entender como as palavras se relacionam entre si em diferentes contextos discursivos.

Cada texto exige e apresenta uma gama diversificada de palavras para trazer diferentes efeitos de sentido. A noção do vocabulário na literatura também desempenha um papel importante por apresentar o estilo literário do escritor, além da escolha das palavras, afetar como a mensagem é percebida e interpretada pelos leitores ou ouvintes. Sobre tais perspectivas, percebe-se que o léxico é responsável pelos “mais óbvios traços

²¹ (Fairclough, 2003, p. 34).

de distinção de um discurso, pois aparecem como traços de vocabulário — discursos que ‘nomeiam’ ou ‘lexicalizam’ o mundo de modos particulares” (Fairclough, 2003, p. 121) e significam a partir das ações socioideológicas, construindo características próprias do texto, lançando suas marcas e sinalizando discursos.

O léxico saramaguiano, em especial no Evangelho segundo Jesus Cristo (1991), é composto por palavras que contribuem para a atmosfera densa e provocadora do romance e, sobretudo, desafia as convenções narrativas, tendo como intuito desencadear reflexões sobre questões filosóficas, religiosas e sociais.

Um ponto importante da obra *Evangelho segundo Jesus Cristo* são os nomes de personagens e lugares significativos, visto que o escritor se apropria de nomes simbólicos ou sugestivos para personagens e lugares, adicionando significado e profundidade à história. Retomando o nome de alguns personagens, percebe-se que Saramago se apropria de um acervo extenso de nomes, visto a possível desconstrução da sacralizada história de Jesus.

Diante do cenário de desconstrução, é importante destacar que alguns nomes e expressões ganham destaque na obra. O “Bom Ladrão” (p. 4) e o “Mau Ladrão” (p. 6) agem como primeiras rupturas dos evangelhos tradicionais, visto a diferente interpretação do narrador sobre os homens que estavam juntos de Jesus na crucificação²². Na obra, os papéis são invertidos e o narrador lança críticas às percepções desses dois indivíduos. O Bom e o Mal Ladrão são personagens emblemáticos sobre a questão do justo e do injusto, do certo e do errado. Ao Bom Ladrão existem duas pontuações a serem feitas: a primeira questão a ser evidenciada é o trocadilho com as palavras “bom” e “ladrão”, visto que a segunda expressão é pejorativa para combinar com a primeira. A segunda questão a ser pontuada é o efeito da combinação que serve para descrever uma pessoa má e hipócrita por desconsiderar o mal cometido em vida em prol da “salvação”.

O Mau Ladrão, dessa forma, seria, na verdade, o justo, como descrito no fragmento a seguir:

Mau Ladrão, rectíssimo homem afinal, a quem sobrou consciência para não fingir acreditar, a coberto de leis divinas e humanas, que um minuto de

²² Na história canônica, Jesus foi crucificado perto de dois homens, um foi salvo por acreditar na divindade de Jesus enquanto o outro apenas duvidava: “E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino” (Lucas 23: 39-42).

arrependimento basta para resgatar uma vida inteira de maldade ou uma simples hora de fraqueza (Saramago, 1991, p. 6).

Esse fragmento é uma reflexão sobre a complexidade da moralidade e da redenção. A expressão “Mau Ladrão, rectíssimo homem afinal” sugere a mudança de perspectiva em relação a alguém que foi rotulado como “mau”. A frase questiona as crenças, por ressaltar que um instante de arrependimento pode redimir uma vida inteira de más ações ou fraquezas passageiras. Essa análise sugere uma crítica à simplificação excessiva das questões morais e éticas, questionando a validade de concepções que buscam reduzir a complexidade da moralidade humana a fórmulas simples e rápidas soluções.

Sobre essas duas expressões recaem a reflexão sobre a questão do arrependimento. Tais elementos são importantes para a desconstrução não só dos aspectos religiosos, mas de contradições do próprio homem como ser social, que se apropria de crenças para escapar das “punições morais” descritas por um contexto desigual e discriminador.

Muito semelhante a essa discussão, o narrador reflete sobre o crime dos homens bons: “não imaginas quantos antes dele os cometeram também, é que os crimes dos homens bons não têm conta, e, ao contrário do que se pensa, são os únicos que não podem ser perdoados.” (Saramago, 1991, p. 72). A questão do crime é um conceito intrigante, por apontar para a ideia de que os homens bons representam o “egoísmo e cobardia” e assim como o Bom Ladrão não merecem ser perdoados ao considerar questões morais de justiça. Diante disso, a expressão carrega uma lexicalização importante quanto à percepção paradoxal da combinação dos termos “crime” e “homens bons” em uma mesma sentença.

O escritor também utiliza as palavras “pastor, demónio, anjo, mendigo” como uma forma de variação e resignificação, visto que elas fazem referência ao mesmo personagem, da qual é compreendida como uma criatura fora dos preceitos religiosos que subverte os pensamentos de Jesus e o faz pensar além dos dogmas e incoerências da igreja. Saramago se apoia nos textos bíblicos para construir a imagem do pastor, ao configurar, na verdade, a postura do bom pastor ao salvar Jesus em muitos momentos de conflitos existenciais. Talvez inspirado pela passagem do evangelho canônico, João capítulo 10²³, o Pastor segue guiando Jesus como uma ovelha perdida diante das leis da

²³ “Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas.” (João 10:11)

sinagoga e aos adestramentos delas: “Não sou judeu, não tenho de cumprir obrigações que não são minhas. Jesus recuou um passo, escandalizado” (Saramago, 1991, p. 137).

É importante frisar que existe um choque de ideias proposital nas escolhas do narrador. Ele desconstrói a ideia dos termos “demônio” e “satanás” na utilização das expressões “pastor” e “anjo”. O narrador remodela ideias pejorativas e negativas de uma entidade religiosa, caracterizando-as com nomes imaculados (pastor e anjo) para a igreja e ao discurso cristão.

Outra questão de grande destaque sobre o mesmo personagem, é destacada por algumas expressões pejorativas, além de “mendigo” o narrador destaca as expressões “pedichante” e “um pobre desses de pedir”. Ambas as expressões são declarações de José, denotando discursos preconceituosos proferidos por ele ao anjo da anunciação, transfigurado em mendigo. As expressões destacadas reforçam a ideia de que a condição de pobreza está diretamente associada à necessidade de pedir, contribuindo para a estigmatização e desvalorização daqueles em situação de vulnerabilidade social. Diante disso, é crucial apontar para que José é descrito na obra como um homem religioso, desvelando no personagem a incoerência e a contradição do comportamento cristão em determinados contextos sociais.

O nome Maria, por sua vez, ganha destaque entre as palavras escolhidas pelo narrador, por traduzir diversos aspectos na obra, ressaltando as personagens Maria de Nazaré, Maria de Magdala e as demais Marias que vivem em um contexto social parecido. O narrador lança o nome Maria sob diversas perspectivas e enxerga na história das mulheres um meio de discussão e reflexão sobre o papel do público feminino na sociedade, especialmente no contexto da tradição religiosa. A expressão “Marias de todas as idades e condições” (Saramago, 1991, p. 42) pode ser interpretada como uma generalização que reduz a diversidade e a individualidade das mulheres, ao agrupá-las sob um único nome e pressupor características comuns a todas elas. Especificamente, o vocábulo Marias, em sua forma pluralizada, considera a trajetória, os desejos e a realidade, as generalizações e estereótipos que contribuem para a diversidade e singularidade das experiências femininas.

Do mesmo modo, a expressão “fêmeas”, utilizada na sentença “todas as fêmeas de Nazaré” (Saramago, 1991, p. 13), é a representação de um vocabulário preconceituoso, de conotação reducionista em relação às mulheres. Sobre essa palavra percebe-se a manifestação do discurso cristão baseado na criação divina entre macho e

fêmea²⁴. A expressão macho e fêmea apontada na Bíblia retoma o papel do homem e da mulher num contexto de lutas ideológicas misóginas. A ideia do narrador de usar esse termo, pode ser uma forma de destacar ideias no contexto religioso desigual no qual a obra se desenvolve.

Outras expressões que fazem parte do vocabulário do evangelho em questão estão relacionadas ao personagem Jesus. O narrador apresenta o personagem principal sob diversas perspectivas, uma delas está relacionada à humanização de Jesus: A expressão “homem Jesus” (Saramago, 1991, p. 300) ressalta a dualidade da natureza do personagem, o qual é considerado divino e humano pelos cristãos. Ao referir-se a essa expressão, busca-se destacar a capacidade de compreender as experiências humanas, as emoções, os desafios e os sofrimentos de Jesus.

O narrador também se refere a Jesus como “o maioral” (Saramago, 1991, p. 150, 152) fazendo críticas à religiosidade representada no personagem e destacando a supremacia de Jesus no meio religioso. É importante enfatizar que Jesus é a representação do sacrifício de Deus em prol da humanidade e estabelece uma religião dotada de doutrinas e tradições que comandam grande parte dos cristãos²⁵ e da população mundial. A crítica do narrador recai sobre os privilégios maximizantes das doutrinas cristãs sobre o personagem Jesus: “o único a quem o futuro concederá a honra da maiúscula inicial, os mais nunca passarão de crucificados menores.” (Saramago, 1991, p. 5). Essa percepção sugere exclusividade e superioridade em relação a outras figuras históricas ou religiosas, desvalorizando a importância ou o significado de pessoas crucificadas ao longo da história, numa missão de martírio religioso.

Outra expressão que se refere a Jesus é “o mano Jesus”. Em um primeiro contato, entende-se o estabelecimento de certa conexão afetiva dos irmãos com a figura de Jesus. A expressão também está relacionada à informalidade de se dirigir ao ser divinizado da Bíblia, apontando intimidade e proximidade, de uma entidade descrita pelo discurso cristão como um ser inalcançável. Dentre outras perspectivas, está a conexão do narrador em refletir uma linguagem mais moderna. Dentre muitos nomes dados por Jesus na tradição cristã, o escritor português se utiliza de “Mano Jesus” (p.

²⁴ “Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez Macho e Fêmea. Por esta razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne. Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne” (Marcos 10: 6-8).

²⁵ A expressão “cristãos” está relacionada a todo e qualquer indivíduo que tem como base o Cristianismo. Essa doutrina foi constituída a partir da morte do personagem emblemático da Bíblia Sagrada Jesus de Nazaré. Os feitos de Jesus foram amplamente difundidos pela igreja católica, espalhando-se sobre diversas ramificações de instituições religiosas.

172) para dialogar com a sociedade atual sob um debate crítico sobre a humanização do emblemático personagem.

“O rei dos judeus” também é uma forma utilizada para se referir a Jesus na obra. Na Bíblia cristã, essa mesma expressão foi posta como título na cruz de Jesus²⁶; na versão saramaguiana, o narrador destaca que o próprio Jesus colocou a expressão como uma forma de retomar as características e destacar sua humanidade. A frase ressalta e reconstrói o sentido de “rei dos judeus”, por trazer um novo olhar para Jesus e desmistificar a vontade de Deus, quebrando padrões da soberania divina, que para o narrador é baseada em aspectos morais negativos.

Diante dessa perspectiva, entende-se que o vocábulo “Deus” é desconstruído, pois não é apresentado na história deste evangelho como um ser bom e justo. Deus tem seu perfil divino descaracterizado, pois a todo instante o narrador tece comentários que enfatizam, o que Saramago chama em *Este mundo de injustiças*, de Fator Deus, construção ideológica de entidades incoerentes que se projetam como a construção de características puramente humanas. Essa ideia torna-se evidente no seguinte fragmento:

Podemos ver a imensa mão que se retira, os longos dedos sujos de barro, a palma onde estão traçadas todas as linhas de vida e de morte dos homens e de todos os outros seres do universo, mas também, é tempo de que se saiba, a linha da vida e da morte do mesmo Deus (Saramago, 1991, p. 42).

A primeira vista, o fragmento acima reflete sobre duas questões importantes, a primeira sobre a noção de destino e ao poder supremo que determina o curso da existência. A segunda questão sugere a reflexão sobre a vulnerabilidade ou finitude do personagem Deus, indo de encontro com a concepção religiosa, em especial, a noção judaico-cristã de que “O Senhor é misericordioso e justo; o nosso Deus é compassivo” (Salmo 116: 5).

Tomando ainda o vocabulário de Saramago no *Evangelho segundo Jesus Cristo*, tem-se a sentença: “José é **assaltado** por um terrível pensamento” (Saramago, 1991, p. 68, grifo nosso). O uso do vocábulo “assaltado” refere-se à surpresa, diferenciando-se do seu sentido atual²⁷. Nesse contexto, a palavra “assaltado” é empregada metaforicamente para transmitir a ideia de que o pensamento negativo invadiu a mente de José de forma inesperada e avassaladora, causando-lhe desconforto

²⁶ “E por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: este é Jesus, o rei dos judeus”. (Mateus 27: 37). Em latim: INRI (IESUS NAZARENUS REX IUDAEORUM).

²⁷ Segundo o dicionário, Michaelis “Ato ou efeito de assaltar; assaltada, ataque. Ataque mediante ameaça ou violência com o propósito de roubar.”

ou perturbação. Essa expressão é comumente utilizada para ilustrar a intensidade e a natureza invasiva de um pensamento indesejado, enfatizando o impacto emocional que ele pode ter sobre a pessoa que o experimenta.

O escritor também utiliza a palavra “deserto” como um elemento reflexivo diante da compreensão social mecanizada: “José, Maria e o burro tinham vindo a atravessar o deserto, pois o deserto não é aquilo que vulgarmente se pensa, deserto é tudo quanto esteja ausente dos homens” (Saramago, 1991, p. 43). O léxico escolhido, denota mecanismos variados de envolver o público leitor em interpretações variadas de uma mesma expressão, pois o vocábulo tem pelo menos dois possíveis sentidos: o deserto material (geográfico e/ou ecológico) e o ideacional (psicológico, filosófico, religioso). O deserto na Bíblia é reflexo de peregrinação e parte de um projeto de Deus para o seu povo, como no livro Deuteronômio: “Porque o Eterno, teu Deus, te há abençoado em toda a obra das tuas mãos; soube da tua longa caminhada por este grande deserto; há já quarenta anos que o Eterno, teu Deus, está contigo e nada te tem faltado” (Dt. 2: 7). Pode-se afirmar que a questão do deserto está ligada ao sacrifício humano e, como afirma França (2020), a um lugar em prol de encontro, de descoberta e, sobretudo, de crescimento. Não é, como costumeiramente se entende, um lugar de zona árida, mas um ambiente de reflexões acerca da existência e do seu lugar no mundo.

Saramago também apropria-se de algumas expressões bíblicas para construir o seu léxico, expressões do tipo “o galo cantou” (p. 8), “Em verdade, em verdade vos digo” (p. 19), são referências à crítica social destacada em todo o evangelho, uma forma de apresentar um novo caminho e também anunciar novas mensagens. No fragmento “Era costume, ao primeiro sinal destas alvoradas, responderem-se uns aos outros os galos da vizinhança, mas hoje ficaram calados, como se para eles a noite ainda não tivesse terminado ou mal tivesse começado” (Saramago, 1991, p.10), o narrador aponta a chegada de um evento dramático na vida de Maria e José relacionado ao nascimento de Jesus. A expressão sugere a ideia de negação e mentira, como na história de Pedro²⁸. Maria, ao ver o mendigo, foi colocada em uma espécie de julgamento social devido à suposta fama das mulheres de enganar os homens, retomando a ideia do pecado de Eva em gênesis²⁹.

²⁸ Pedro foi um dos discípulos de Jesus mencionados nos evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, João e Lucas. Segundo esses evangelhos, Pedro negou Jesus três vezes. O evento foi sinalizado por meio de galos cantando antes do amanhecer.

²⁹ No livro de gênesis, especialmente no capítulo 3, a história de Eva e Adão faz menção ao fruto proibido. Nesse contexto, a mulher come o fruto e oferece ao homem e ambos são punidos por Deus. Tal

Sobre a mesma perspectiva, constata-se então que na expressão “Em verdade, em verdade vos digo, não há limites para a malícia das mulheres, sobretudo as mais inocentes” (Saramago, 1991, p. 19), o autor enfatiza a crítica do narrador sobre o discurso religioso tradicional e destaca, de forma irônica, as contradições existentes no cenário social. Esta afirmação generalizante de perpetuar o estereótipo negativo sobre o público feminino, traz discussões sobre a individualidade, a dignidade e a capacidade moral do público feminino. Ambas as expressões evidenciam, nas entrelinhas do texto, um convite à luta das mulheres sobre o sistema patriarcal e religioso como ferramenta significativa da justiça social.

Novamente a questão da mulher é desenvolvida na narrativa saramaguiana. A expressão “galo preto” (Saramago, 1991, p. 120) que tem como associações simbólicas e culturais a expressão “gato preto”, símbolo de azar no discurso popular, vincula a suposta insensibilidade de Deus ao azar de Maria de ver o filho tendo os mesmos pesadelos do pai José.

A expressão “galo preto” também pode estar inserida em discursos regionais ou populares, adquirindo significados específicos em contextos linguísticos e culturais de Portugal. O galo preto nas terras portuguesas³⁰ remete ao símbolo de bravura e salvação e pode estar relacionado aos remodelamentos da vida em meio a situações de perigo. No contexto do evangelho, tem-se a perspectiva de uma realidade cheia de momento desvantajosos para Maria. Por esse motivo, a expressão “galo preto” se relaciona a duas perspectivas: a de azar ao Maria perder seu marido José e ao perigo eminente da perda do filho em meio à grande peregrinação que também o levaria para a morte.

O narrador também emprega a expressão “católicos à grega” (Saramago, 1991, p. 248). Os sentidos transmitidos nessa expressão conotam a ideia de católicos à maneira grega, ou seja, católicos com características culturais próprias dos gregos antigos. Na Grécia antiga a religião é descrita como uma vertente politeísta. Do mesmo modo, a fé católica é representada pelo culto de santos canonizados. Apegada a esse ideal, o narrador ironiza a perspectiva de um Deus único, divergindo dos planos do

concepção dá suporte às ideologias cristãs de submissão da mulher ao homem, que projetam no episódio bíblico a justificativa para discriminar e subjugar o público feminino.

³⁰ A lenda do Galo preto em Portugal é um dos símbolos culturais do país. Até hoje o galo preto é utilizado em festividades e comemorações como elemento folclórico importante. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/293850833/A-Lenda-Do-Galo-de-Barcelos>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.

personagem Deus deste evangelho cujo intuito é expandir seu poder ao mundo e não apenas aos judeus.

As expressões “de pessoa” e “da pessoa” (SARAMAGO, 1991, p. 263) é uma forma do narrador lançar críticas à figura do personagem Deus. A expressão “de pessoa” se conecta aos heterônimos de Fernando Pessoa como destacado a seguir:

Jesus não sabia responder, Deus, se calado estava, calado ficou, porém do nevoeiro desceu uma voz que disse, Talvez este Deus e o que há-de vir não sejam mais do que heterônimos, De quem, de quê, perguntou, curiosa, outra voz, De Pessoa, foi o que se percebeu, mas também podia ter sido, Da Pessoa. (Saramago, 1991, p. 263).

O excerto apresentado parece fazer referência à obra do escritor português Fernando Pessoa e à sua concepção de heterônimos de personas literárias distintas, criadas pelo autor para expressar diferentes vozes e perspectivas. A primeira expressão aponta para uma criação de Deus do próprio Fernando Pessoa, visto que a expressão “da pessoa” faz referência direta ao personagem Deus e a sua personalidade enquanto às incoerências sociais.

Outro aspecto importante recai sobre a retomada de debates filosóficos próprios de pensadores gregos na definição da pessoa. A crítica relacionada aos heterônimos de Fernando Pessoa destaca uma discussão sobre a existência da racionalidade, da consciência de si, do controle e da capacidade para agir. Em tom irônico, o Deus saramaguiano se configura como sendo um ser dominado pela soberba e por aspectos contrários à percepção racional de pensamento clássico.

Ao examinar as palavras e expressões utilizadas no Evangelho segundo Jesus Cristo (1991), é importante pontuar como o poder, a ideologia e as relações sociais se manifestam no discurso. Por meio da análise do vocabulário, desvelam-se representações e construções de sentido que refletem e reproduzem estruturas de poder e hierarquias sociais. Dessa forma, a análise do vocabulário, na perspectiva da ADC, contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas discursivas e das relações de poder presentes nas práticas linguísticas.

4.1.2 A dimensão da prática discursiva

Resende (2003) ressalta que a prática discursiva é mediadora entre o texto e a prática social. Dessa forma, está conectada não só aos elementos textuais, mas sociais. Essa ferramenta permite compreender como a linguagem é utilizada na interação social,

como as estruturas de poder criam significados e, conseqüentemente, como o discurso influencia. Diante dessa perspectiva, a proposta de Norman Fairclough (2003) para a análise dessa dimensão está baseada, num primeiro momento, no exame minucioso da produção (interdiscursividade e intertextualidade), da distribuição (cadeias intertextuais) e do consumo do texto (coerência). Em seguida, a investigação pautará nos tipos de atos de fala desempenhados, conexões e inferências necessárias, relações dialógicas de intertextualidade e interdiscursividade.

A concepção de Fairclough (2003) sobre a Análise da Prática Discursiva se configura sobre a investigação dos tipos de discursos encontrados no texto, como ele se liga a outros textos, porque faz essas ligações e para que ele as faz. Além da análise por meio do texto, vale ressaltar a relevância dos efeitos gerados por esses discursos.

Primeiro, vale ressaltar que a obra de José Saramago, *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), é uma produção composta por meio da interdiscursividade, os quais são os tipos de discursos apresentados na narrativa. Diante disso, a produção pode estar atrelada a convenções ou a construções tradicionais e conservadoras. A intertextualidade, elemento que se desenha sob pedaços de outros textos, pode ser explícita ou implícita, mesclados a outros textos como uma grande teia, apresentados de diversas formas para ressoar ou contradizer outros discursos de maneira irônica, apontando as incoerências e contradições presentes no texto.

Produção

Em relação à produção do texto, a análise segue em caracterizar não só os tipos de textos encontrados, mas os tipos de discursos, pois essa categoria está baseada na investigação de camadas intertextuais e interdiscursivas encontradas na obra literária. Sobre a perspectiva interdiscursiva, “um texto não se baseia apenas em um gênero; normalmente mistura ou cruza diferentes gêneros” (Fairclough, 2003, p. 205). Tal proposta se firma nos processos de mudança social que combinam elementos abertamente como uma proposta de remodelamento das ordens do discurso.

É importante destacar que, sobre *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), firmam-se alguns discursos, tais como o discurso religioso, o filosófico, o político-social, o paródico e o discurso histórico. Antes de partir-se para a análise da prática em si, é importante destacar o teor paródico que José Saramago traz ao evangelho em estudo. A paródia, tem como propósito “o resultado de uma ‘mise en écart’ desejada’

entre um texto e outro e que isso implica em um trabalho de re-escritura, trabalho no qual o parodista faz entrar, através da ironia, doses ínfimas, pequenas ou grandes de *vis comica*” (MACHADO, 2012, p. 3). Ou seja, a escolha da paródia na narrativa configura uma forma de crítica ao apontar questões, contradições e incoerências em meio ao discurso religioso cristão. Saramago a todo mundo faz algumas considerações próprias de um evento paródico ao discutir questões sociais firmadas no tradicionalismo religioso, fonte de discussão posteriormente.

Baseando-se nos tipos de discursos, vale salientar que, em meio a um gênero textual, existe uma marca que delineia um gênero discursivo, por combinar variados discursos como elemento de (des)construção. Sobre o estilo do autor, percebe-se que ele reinventa a proposta do evangelho sobre aconselhamentos críticos e pontuações das contradições e incoerências humanas e religiosas. Dessa forma, no texto, torna-se evidente as transformações do aspecto textual e também discursivo dos evangelhos sagrados, tomando como aspecto predominante debates sobre o discurso religioso cristão.

A obra saramaguiana inicia a história de Jesus com o mesmo prólogo de Lucas (1: 1-4)³¹. O escritor tece a narrativa sobre fios intertextuais que fazem alusão à perspectiva do que se tem ao longo do texto. Tal proposta é reforçada, pois ele se apropria de elementos não só do evangelho de Lucas, mas da expressão de João (19: 22): “o que escrevi, escrevi”, como uma forma de mistura entre gêneros literários bíblicos.

A desconstrução da narrativa é iniciada a partir da carta de Pilatos a Teófilo, uma quebra ao cânone bíblico cristão que tem como referência uma carta de Lucas para Teófilo. Segundo evidências teológicas, Silva (2022) aponta que Lucas é um médico encarregado de organizar a história de Jesus para Teófilo, apontando um aspecto mais “científico” aos textos canonizados. O início do texto saramaguiano é uma forma de reconstruir uma nova história do personagem icônico Jesus. Saramago, por meio de cadeias intertextuais, como a Bíblia e em especial os evangelhos canônicos, constrói uma narrativa focada em reinventar e dar asas à ficcionalidade, “pois nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada” (Saramago, 1991, p. 1). Ou seja, a ideia principal não é construir um evangelho como os tradicionais, mas

³¹ “Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, Segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio, e foram ministros da palavra, Pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelente Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio; Para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado”

criar uma história a partir dos gêneros bíblicos como uma maneira de refletir sobre questões religiosas pouco discutidas.

A ideia do escritor é evidenciar os discursos empregados na mentalidade cristã. Diante disso, Saramago se apoia em estratégias para ressaltar sua crítica e por meio dela desconstruir e construir novas percepções de entendimento da mensagem passada do homem Jesus.

É importante destacar que a narrativa do evangelho se desenvolve baseado em algumas passagens dos evangelhos canônicos Mateus, Marcos, Lucas e João. O narrador utiliza-se do Novo e do Antigo Testamento para construir sua história como uma forma de diálogo entre as raízes judaicas e a perspectiva cristã difundida no Catolicismo. Foram encontrados, ao longo do texto, fragmentos explícitos e implícitos do livro de Gênesis, Gálatas, Tessalonicenses, Salmos, Cânticos de Salomão, Coríntios e Ezequiel. Também são encontrados pedaços de outros textos de forma implícita, como referência a Thomas Hobbes (*Leviatã*), Fernando Pessoa, da mitologia grega e alguns provérbios populares.

O primeiro elemento a ser pontuado sobre as camadas intertextuais do evangelho saramaguiano são as evidências dos evangelhos canônicos. O narrador se apropria de elementos importantes para construir sua versão de Jesus, o Cristo. A primeira evidência de pedaços de outro texto à narrativa é o episódio do **nascimento de Jesus**. Um anjo visita Maria e anuncia sua gravidez: “Ainda a barriga não cresceu e já os filhos brilham nos olhos das mães” (Saramago, 1991, p. 14), e o anjo, sob uma nova perspectiva, avisa Maria que ela está grávida. É importante enfatizar que Maria não era virgem como apresentado pelos evangelhos canônicos, mas vive sobre uma vida conjugal com José.

O narrador também retoma a passagem dos **três magos**: “Descendo a encosta, aproximam-se três homens. São os pastores” (Saramago, 1991, p. 50). Nessa passagem, o narrador remodela os personagens, não só na nomenclatura de magos para pastores, como também reinventa os presentes dados a Jesus (ouro, incenso e mirra) para leite, queijo e pão. Um dos pontos-chave da narrativa é dado pela presença do personagem Pastor, também chamado de diabo. Dentre os três homens, que visitam Jesus, um deles é o personagem Pastor, que entrega a José e a Maria o pão, símbolo importante no meio religioso, como uma forma de sentença diante do futuro martírio de Jesus. Na cultura judaica cristã, o pão carrega uma grande simbologia, representando a igreja e o corpo de

Jesus³². Diante disso, o personagem Pastor faz uma segunda anunciação, dessa vez, revelando os planos do personagem Deus para Jesus, cuja simbologia recairá na tradição cultural cristã do pão (corpo sacrificado) e do vinho (o sangue derramado).

Outro fio intertextual são os momentos em que Jesus é criticado pelos sacerdotes. Os líderes religiosos das histórias canônicas apresentam aspectos que ferem as leis de Moisés, elemento de grande crítica de Jesus, seja no evangelho saramaguiano ou nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Diante disso, a proposta da narrativa é debater sobre o sistema religioso, a incoerência moral existente no ritual dos fariseus³³ e dos sacerdotes da época.

O narrador também menciona a passagem que está relacionada ao **destino em gálatas**³⁴. A lei da sementeira destaca aspectos sobre a consequência das escolhas do personagem José, pois “do destino ninguém se livra” (Saramago, 1991, p.75), uma forma irônica de refletir sobre o sentimento de culpas que o personagem José e Jesus sentiam ao se deparar com o passado que os atormentava em forma de sonho.

O narrador se utiliza das declarações de Jesus para apontar as contradições de discursos proferidos no meio religioso. Ao longo do texto são encontradas algumas contradições existentes em meio a bênçãos exclamadas pelos personagens:

Ora, não será tal o caso deste rapaz que acaba de enterrar o pai, com ele não se vai acabar o mundo, ainda cá ficaremos milénios e milénios em constante nascer e morrer, e se o homem tem sido, com igual constância, lobo e carrasco do homem, com mais razões ainda continuará a ser o seu coveiro. (SARAMAGO, 1991, p. 111, grifo nosso).

“Em verdade, em verdade te digo, querido Jesus, assim não se pode conversar” (SARAMAGO, 1991, p. 119, grifo nosso).

Os discursos do narrador assemelham-se na maioria aos discursos de Jesus. A expressão “ora” e “em verdade, em verdade”, encontrados nos evangelhos canônicos, e também no evangelho saramaguiano, tem o propósito de anunciar novas mensagens neste evangelho, pois a proposta de “todo evangelho” é espalhar as boas-novas, bem como demonstrar em formas linguísticas os poderes hegemônicos do texto por meio do ensinamento. O narrador também lança, por meio do interdiscursivo, uma expressão

³² “Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (1 Coríntios 10:17)

³³ “Os fariseus foram uma seita judaica que emergiu em 150 a.C. e promoveu a ideia de pureza sacerdotal para todos os judeus, a crença na providência ou destino, e o conceito da ressurreição dos mortos.” (Denova, 2022). Acesso em 21 de fev. 2014. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-20491/fariseus/>

³⁴ “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá.” (Gálatas 6:7).

bíblica utilizada para confirmar **a palavra dos profetas**. A expressão “assim se cumprindo a profecia” (Saramago, 1991, p. 111) faz referências a “Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o SENHOR havia dito através do profeta” (Mateus 1: 22). Nesse sentido, a expressão de Saramago dialoga com a narrativa bíblica, fazendo uma releitura crítica e ficcional de eventos e profecias presentes no Novo Testamento. A intertextualidade ocorre pela referência implícita à passagem bíblica, enquanto a interdiscursividade se estabelece por meio da inserção da voz narrativa de Saramago, que reinventa e reinterpreta os eventos e profecias conforme a perspectiva literária e crítica presente em sua obra.

O narrador também utiliza o momento em que Jesus declara: “**Não me chames teu filho**”. A intertextualidade desse discurso se configura sobre uma questão indireta do evangelho por possuir uma camada que remete à passagem bíblica do Evangelho de João, capítulo 2, versículo 4. Nesse trecho, Jesus responde à sua mãe, Maria, durante as Bodas de Caná, dizendo: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora”. A relação intertextual se estabelece pela semelhança na estrutura e no teor das frases, ambas refletindo certa distância ou desvinculação entre o falante e o termo de parentesco mencionado. A frase de Jesus é reconhecida como um momento de distanciamento e preparação para o início de seu ministério público. Sendo assim, José Saramago se apropria dessa sentença como um elemento importante na peregrinação de Jesus.

Uma das grandes críticas do narrador recai sobre os **discursos proferidos em I Tessalonicenses**, capítulo 5, versículo 18: “Deem *graças* em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus”. Em todo momento, o narrador lança as incoerências religiosas em seus rituais:

Bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que com justiça te criou, que com justiça te manteve a vida, que com justiça te alimentou, que com justiça te fez conhecer o mundo, que com justiça te há-de fazer ressurgir, bendito sejas tu, Senhor, que os mortos ressuscitas.

A maioria dos personagens religiosos profere bênçãos em momentos de contradições morais alarmantes. No excerto citado, Jesus lança graças pela discussão que teve com o personagem Pastor sobre a insignificância do homem perante Deus. A análise crítica desse fragmento aponta a condição humana frente ao divino, destacando a noção de finitude e limitação perante algo transcendente. Além disso, a sugestão de que esse reconhecimento emerge da própria consciência ressalta a dimensão individual e

existencial desse entendimento, sublinhando a profundidade e impacto pessoal dessa percepção.

Outro fator que chama atenção quanto à intertextualidade e à interdiscursividade é o momento em que Jesus critica severamente a família. Esse cenário tem um fio intertextual com o NT, pois se baseia em Mateus 12:46-50³⁵ e Marcos 3:31-35³⁶. Tanto a passagem de Mateus quanto a de Marcos ressaltam a falta de reconhecimento dos parentes mais próximos ao ministério proposto. A relação interdiscursiva estabelece-se ao enfatizar a missão como prioridade, demonstrando que mesmo os laços familiares devem estar subordinados à vontade divina.

Nos evangelhos canônicos, a ideia da falta de **reconhecimento missionário** é destacada na história de Maria Madalena. Ao se sentar com os discípulos para ouvir Jesus, Marta a repreende numa espécie de insatisfação e descompromisso em razão do papel da mulher no cenário patriarcal³⁷. Maria não é considerada uma discípula, sendo subjugada e definida, com o tempo, como eterna pecadora, reflexos do descaso e da segregação que está presente no comportamento social.

Outro cenário de grande destaque nas passagens deste evangelho é a transformação da água em vinho. A intertextualidade se dá por meio da realização do **milagre** de transformação, porém sob contextos remodelados. No evangelho saramaguiano Jesus aparece no casamento de sua irmã Lísia e realiza um dos seus primeiros milagres: “Então Jesus verteu em cada talha uma parte do vinho que tinha no copo, e disse, Levai-as ao mordomo” (Saramago, 1991, p. 233). É importante mencionar que esse evento é um dos mais emblemáticos dos evangelhos canônicos, por ser por meio dele que Jesus realiza seus primeiros milagres e mostra ao povo o poder vindo do céu e constrói consequentemente a divindade cristã. José Saramago, por meio de uma abordagem irônica, traz como reflexão uma história puramente humana, demonstrando conflitos familiares e como Jesus lidava com sua mãe Maria de Nazaré.

³⁵ “Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?” E apontou para os seus discípulos: “Vejam!”.

³⁶ “Falava ainda Jesus à multidão quando sua mãe e seus irmãos chegaram do lado de fora, querendo falar com ele. Alguém lhe disse: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo”. “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?”, perguntou ele. E, estendendo a mão para os discípulos, disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos! Pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”

³⁷ “E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa; E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada” (Lucas 10:38-42).

Outro caso polêmico na Bíblia Sagrada é a passagem do **endemoninhado de Gadara**. O narrador também se utiliza desse episódio como elemento intertextual para tecer comentários sobre a origem de Jesus: “Que queres de mim, ó Jesus, filho do Deus Altíssimo, por Deus te peço que não me atormentes” (Saramago, 1991, p. 237). A ideia transcorrida pelo discurso cristão de que Jesus é filho de Deus, instiga o narrador a formular uma trama que gere debates importantes ao longo da narrativa. Saramago se utiliza dessa passagem como crítica à tradição dos judeus de não se alimentarem de determinados animais e à origem divina do personagem Jesus.

O narrador apropria-se de eventos que marcaram o ministério de Jesus, como a **multiplicação do pão e do peixe**, descrito em Mateus 15, como elementos que ressaltam as boas novas do evangelho de Saramago:

É o Messias, diziam alguns, É um mago, diziam outros, mas a nenhum dos que ali estavam passou pela cabeça perguntar, És o filho de Deus. E Jesus dizia a todos, Quem tiver ouvidos que ouça, se não dividirdes, não multiplicareis (Saramago, 1991, p. 243).

Esse excerto mostra a diversidade de opiniões e interpretações sobre a identidade de Jesus. O narrador reflete sobre a variedade de crenças e expectativas do Messias e aos milagres. Além disso, a segunda parte da citação, “Quem tiver ouvidos que ouça, se não dividirdes, não multiplicareis”, transforma-se em um chamado à reflexão e à compreensão profunda das suas mensagens (boa nova). Tal proposta aponta discussões significativas sobre as diferentes percepções em relação a figuras históricas e religiosas, bem como sobre a importância da escuta atenta e da compreensão para alcançar crescimento espiritual.

Um ponto importante no evangelho saramaguiano recai sobre o momento em que chega no **templo**: “Desta casa que deveria ser de oração para todos os povos, fizestes vós um covil de ladrões, e continuava a deitar as mesas abaixo, fazendo espalhar e saltar as moedas, com enorme gáudio de uns quantos dos mil que correram a colher aquele maná.” (Saramago, 1991, p. 289). Esse fragmento é impactante por retratar a passagem em que Jesus expressa sua indignação com a transformação de um local sagrado³⁸. A metáfora de “um covil de ladrões” ressalta a gravidade da situação, sugerindo que a casa de oração foi profanada e desviada de seu propósito original como construídos nos evangelhos canônicos.

³⁸ “E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; E disse-lhes: está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões” (Mateus 21:12,13).

A **ação de Jesus de derrubar as mesas e espalhar as moedas** demonstra sua firmeza em confrontar a corrupção e a exploração que estavam ocorrendo naquele ambiente. Além disso, a menção ao “enorme gáudio de uns quantos” que se beneficiam da situação enfatiza a desigualdade e a injustiça presentes na sociedade da época. Esse trecho traz reflexões sobre a necessidade de manter a integridade e a santidade dos espaços sagrados, assim como sobre o papel da justiça social e da compaixão nas práticas religiosas.

Outro fator que marca a intertextualidade e também a interdiscursividade é o **momento da crucificação de Jesus**: “Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.” (p. 303). Esse fragmento é uma poderosa expressão de compaixão e perdão, atribuída a Jesus Cristo. A sentença revela a capacidade de Jesus de perdoar, mesmo diante de extremo sofrimento e injustiça, porém a crítica segue de forma implícita. Nessa frase, Jesus refere-se ao personagem Deus e inverte o discurso pregado nos evangelhos canônicos: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). A ordem no qual o discurso aparece reflete um dos aspectos que desconstruem a imagem da soberania de Deus.

Outro livro que ganha destaque por fazer parte da narrativa de Saramago, principalmente neste evangelho, é **Gênesis**. Ao longo da narrativa existem passagens que intertextual e interdiscursivamente retomam fragmentos da Bíblia. O narrador de Saramago no *Evangelho segundo Jesus Cristo* ressalta alguns aspectos da história de **Moisés**. No trecho “Ao entrar no deserto só é viável ir nu” (Saramago, 1991, p. 174), há referências interdiscursivas que abordam a questão de que, ao adentrar o deserto, é necessário abandonar todas as vestes e símbolos de poder ou conforto material para se entregar completamente à vontade divina. Na perspectiva Saramaguiana, o texto carrega críticas quanto à apresentação de Jesus a Deus:

Nu, dizemos nós, apesar dos espinhos que rasgam a pele e arrepelem os pêlos do púbis, nu apesar das arestas que cortam e das areias que esfolam, nu apesar do sol que queima, reverbera e deslumbra, nu, enfim, para procurar a ovelha perdida, aquela que nos pertence porque com a nossa marca a marcámos (Saramago, 1991, p. 174).

Assim como Moisés, Jesus, ao longo do evangelho, é obrigado a retirar as sandálias dos pés e as roupas para falar com Deus. A questão da nudez é associada à vulnerabilidade, à exposição e à falta de proteção de Deus. Neste trecho, Saramago utiliza uma linguagem poética e metafórica para abordar questões de identidade,

apontando para a entrega total à missão de encontrar aquilo que lhe pertence, mesmo que isso implique enfrentar os desafios e perigos do deserto.

Ligada a passagens de **Cânticos de Salomão**, Saramago se utiliza das descrições feitas de Salomão para Sulamita³⁹ para exaltar a beleza de Maria de Magdala, sua parceira de vida neste evangelho: “Os teus olhos são como as fontes de Hesebon, junto à porta de Bat-Rabim” (Saramago, 1991, p. 186). A camada intertextual é apresentada de forma explícita na narrativa para contextualizar e romantizar a vida amorosa de Jesus. Essa discussão é um dos aspectos mais controversos da história, por desconstruir a ideia de celibato que o personagem messiânico carrega na versão canonizada dos evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João.

Saramago também se utiliza de **ditado popular** para contar a história de José, pai biológico de Jesus. A expressão “que o dia de amanhã não se sabe a quem pertence, há quem diga que a Deus” (Saramago, 1991, p. 90) é utilizada para refletir sobre a imprevisibilidade do tempo e também apontar para a importância de viver o presente de forma consciente e responsável, sem a preocupação excessiva dos eventos futuros sobre os quais não temos controle absoluto. A proposta é, antes de tudo, criticar o comportamento cristão sobre intervenções divinas na sobrevivência humana, além de ressaltar o interdiscurso proferido na expressão original é “o dia de amanhã a Deus pertence”, utilizada para enfatizar a incerteza do futuro e a ideia de que não temos controle absoluto sobre o que está por vir.

Um dos grandes trunfos de Saramago para se trabalhar a relação humana está na expressão “se o homem tem sido, com igual constância, lobo e carrasco do homem, com mais razões ainda continuará a ser o seu coveiro. O sol já passou para o outro lado da montanha.” (Saramago, 1991, p. 111). O fragmento anterior liga as **concepções de Thomas Hobbes**, em *Leviatã*, ao ressaltar que os seres humanos têm o potencial para agir de maneira predatória e cruel entre si, refletindo uma visão pessimista da natureza humana. A camada intertextual transcorre sobre um fio interdiscursivo, por retomar o discurso filosófico, político e ético, de que o homem consegue ser tanto um predador quanto um algoz de seus semelhantes e que, por essa razão, ele continuará sendo responsável por sua própria destruição. O evangelho saramaguiano considera as

³⁹ “O teu pescoço é como a torre de marfim; os teus olhos são como as piscinas de Hesbom, junto à porta de Bate-Rabim. O teu nariz é como a torre do Líbano, Que olha para Damasco” (Cântico 7:4, grifo nosso).

tendências negativas da natureza humana e suas consequências para entender a importância de buscar caminhos para uma convivência mais pacífica e justa.

Ao considerar o intertexto e o interdiscurso, a ADC visa desvelar as relações de hegemonia, resistência e transformação que permeiam a linguagem. Dessa forma, a análise dessa perspectiva proporciona percepções valiosas sobre as estruturas ideológicas e políticas presentes na linguagem, contribuindo para uma compreensão mais profunda das relações entre discurso e sociedade.

Consumo

Após a descrição dos elementos que compõem a produção do *Evangelho segundo Jesus Cristo*, outro ponto importante deve ser destacado: a questão de que toda produção antecipa o consumo. Na perspectiva de Fairclough (2001), o consumo deve ser descrito seguindo a seguinte indagação: O texto é produzido (consumido) individual ou coletivamente? Percebe-se que a narrativa deste evangelho está baseada não em uma forma de “reassentar” as propostas dos evangelhos canônicos. A maneira como Saramago organiza a obra estabelece um padrão claro das disposições dos intertextos e do interdiscurso presente no gênero. Diante disso, compreende-se que o evangelho saramaguiano se utiliza ironicamente da paródia, mesclando vários gêneros do discurso, como aponta a análise anterior referente aos pedaços de outros textos e outros discursos presentes ao longo da narrativa.

O público racional é o alvo do escritor por ter como intuito atravessar o seu evangelho às concepções ideológicas do sistema religioso. A ideia de José Saramago é acima de tudo refletir criticamente sobre as tradições rígidas, não como um movimento ateu, mas um movimento renovador de pensamento. O escritor ressalta em *Esse mundo de injustiças* (2002) que a concepção de Deus é construída socialmente sob características humanas claras, pondo em dúvida o próprio homem, que se torna lobo do próprio homem ao construir uma entidade autoritária, sádica e egoísta.

É importante ressaltar que a todo momento o narrador chama a atenção do seu público para entender a abordagem racional, uma questão pouco tocada no âmbito social. A carta que Saramago apresenta no prólogo deste evangelho evidencia seu propósito como reformulador do evangelho canônico: “resolvi eu também, depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem, expor-tos por escrito e pela sua ordem, ilustre Teófilo, a fim de que **reconheças a solidez da doutrina em que foste**

instruído” (Saramago, 1991, p. 01, grifo nosso). A ideia para o evangelho saramaguiano é descrever e demonstrar a doutrina judaico-cristã, a ponto de gerar uma nova mensagem a ser passada aos povos.

O consumo do texto aponta para uma perspectiva coletiva, pois a todo momento o narrador se utiliza de fragmentos que indicam para a coletividade duas percepções: “(...) o que **temos** diante de nós é papel e tinta, mais nada. Por baixo do sol **vemos** um homem nu atado a um tronco de árvore, cingidos os rins por um pano que lhe cobre as partes a que **chamamos** pudendas ou vergonhosas” (Saramago, 1991, p. 1, grifo nosso).

No processo de escrita, o autor mobiliza suas experiências pessoais, sua visão de mundo e sua subjetividade, caracterizando uma dimensão individual na produção do texto. Por outro lado, a influência do contexto social, das normas culturais e das práticas discursivas mais amplas também desempenham um papel significativo na construção do texto, evidenciando a dimensão coletiva desse processo.

Da mesma forma, na interpretação de um texto, o leitor mobiliza sua bagagem pessoal, suas crenças e valores individuais para atribuir significados àquilo que está sendo lido. Ao mesmo tempo, a interpretação é influenciada pelo contexto social em que o leitor está inserido, pelas normas culturais vigentes e pelas interpretações coletivas compartilhadas em determinado grupo social. A leitura do evangelho saramaguiano requer do leitor uma forma de desconstrução de si e das perspectivas sociais em prol de transformação social.

É importante destacar que o aspecto coletivo é predominante, por traduzir reflexões importantes no cenário social:

Com tais razões não **pretendemos** afirmar que Maria Madalena tivesse sido, de facto, loura, apenas **nos estamos conformando** com **a corrente de opinião maioritária** que insiste em ver nas louras, tanto as de natureza como as de tinta, os mais eficazes instrumentos de pecado e perdição (Saramago, 1991, p. 03, grifo nosso).

A utilização dos pronomes “nos” e “pretendemos” indica uma atividade coletiva, uma vez que está sendo feita de acordo com uma opinião majoritária. Nesse sentido, a perspectiva expressa no texto não é meramente individual, mas sim influenciada e alinhada com a visão da sociedade na totalidade.

Além disso, a referência à “corrente de opinião majoritária” e a associação das louras ao pecado e à perdição apontam para a influência de crenças e valores estabelecidos coletivamente na interpretação de Maria Madalena. Sendo assim, é

importante destacar a influência do contexto social e cultural na construção de discursos preconceituosos e discriminadores.

A perspectiva de Fairclough (2001) sobre o consumo coletivo e individual enfatiza a importância de considerar as práticas discursivas como um campo no qual as influências sociais e individuais estão interligadas. As práticas discursivas são moldadas por estruturas sociais mais amplas, refletindo valores, crenças e ideologias partilhadas num determinado contexto cultural. Ao mesmo tempo, as práticas discursivas são também mediadas por agências individuais, permitindo que os sujeitos exerçam algum grau de autonomia na interpretação e na produção de significados. Nesse sentido, essa perspectiva reforça a complexidade da relação entre consumo coletivo e individual, evidenciando a constante interação entre fatores sociais e subjetivos no processo de consumo e produção de discursos.

Distribuição

A questão da distribuição do texto está ligada às implicações interpretativas, isso pressupõe indagar sobre a heterogeneidade e a ambivalência da produção, visto a coerência da obra em relação às teias intertextuais e interdiscursivas. Dado que a análise será centrada em questões relevantes como ferramenta crítica, é crucial estabelecer questões fundamentais para direcionar a pesquisa: “A amostra recebe leituras resistentes? De que tipo de leitor(a)?” (Fairclough, 2001, p. 284).

Para entender esses questionamentos basta rever o momento da produção de José Saramago, pois o estudo da distribuição do texto se dá também por meio do entendimento dos contextos em que a obra foi escrita⁴⁰. Lopes (2017) menciona que o *Evangelho segundo Jesus Cristo* foi uma desconstrução e reescritura que confrontou a “ortodoxia cristã”, gerando forte reação do governo português, vetando Saramago de

⁴⁰ Existem muitas polêmicas relacionadas a relação escritor-pessoa (componente da vida), pois isso pressupõe entender um pouco a vida e os contextos da história do escritor como elemento importante para a análise dos fatos. Em sua tese, Lopes destaca que importância de se considerar os certos contextos de vida do processo de análise, pois “o texto deve ser percebido a partir de suas relações internas, mas também nos alinhamos com a ideia de que é possível recorrer às relações que este mantém com o mundo” (Lopes, 2017, p. 163). Diante disso, entende-se que o escritor e a pessoa, que nesse caso é José Saramago, estão fundidos um no outro como composição de uma obra que não se reduz ao biografismo, mas entender os contextos de produção do texto.

premiações importantes⁴¹. Tal contexto pressupõe no público de José Saramago indivíduos que estão inseridos sobre uma doutrina engessada que vem tomando força até os dias atuais.

A notoriedade de José Saramago sobre a contemporaneidade estabelece o entendimento de que o leitor do evangelho em questão, requer um indivíduo com amplo conhecimento sobre a Bíblia, a ponto de racionalizar sobre as contradições e incoerências no meio religioso cristão:

O que quero com os meus livros é desassossegar, desassossegar, desassossegar o espírito do leitor e não deixar que durma, despertá-lo. Pôr-lhe a mão no ombro e dizer-lhe: homem, mulher, rapaz, rapariga, desperta. Porque o mal está aí à espera, e depois não digam que não sabiam, que não tinham dado conta.⁴²

A declaração de Saramago estabelece a descrição do tipo de leitor que ele alcança. A ideia principal é desassossegar de modo a despertá-los para questões importantes, das quais são indiferentes para determinados grupos. A proposta de José Saramago é acima de tudo navegar no inconsciente do sujeito e fazer com que certos discursos, em especial o discurso religioso, neste contexto de pesquisa, marque a consciência do seu público.

Diante disso, constata-se que a todo momento, o escritor deixa indícios do tipo de leitor de sua obra e aproveita para abordar pontos de grande relevância para a sociedade atual. A configuração da narrativa saramaguiana estabelece uma crítica sobre o poder da religião na mentalidade social. As ideologias impregnadas na comunidade evidenciam um adestramento invisibilizado que se enraízam na mentalidade Cristã por meio de discursos engessados. Por meio desse cenário, a narrativa deste evangelho está baseada sob uma configuração que tira o leitor da inconsciência de discursos manipuladores, reformulando ideais e conceitos preconcebidos. Assim, a ideia de desconstrução desses discursos requer e exige do leitor um confronto de suas crenças numa espécie de catarse⁴³ humana, destacando elementos que ferem questões

⁴¹ Uma das grandes críticas que José Saramago faz em sua autobiografia é sobre a religiosidade impregnada na sociedade atual. O escritor apresenta um mundo com raízes fortes no Cristianismo, modelo estrutural de poder, que se estabelece não só em Portugal como no mundo. Saramago destaca que o seu exílio se deu devido à resistência do público cristão e isso pressupõe uma distribuição pautada num contexto e sob um público específico. Informações disponíveis na Fundação José Saramago, na autobiografia do escritor. Acesso em 24 fev. 2024. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/>

⁴² (SARAMAGO, 2009). Informações retiradas da Fundação José Saramago. Acesso em 24 fev. 2024. Disponível em <https://www.josesaramago.org/>

⁴³ Aristóteles, em Poética, entende a expressão catarse (katharsis) como uma forma de purificação da alma e do corpo, denominando duas formas de catarse. Esse conceito está relacionado à libertação da

dogmáticas.

O narrador deste evangelho a todo momento chama a atenção do leitor e faz uma espécie de aviso aos espíritos sensíveis:

Mas o que nunca lhe irá acontecer, sosseguem os espíritos sensíveis, é cair na horrível tentação de usar, como lhe propôs o malicioso e perverso Pastor, uma cabra ou uma ovelha, ou as duas, para descarga e satisfação do sujeito com que a límpida alma tem de viver (Saramago, 1991, p. 158).

A crítica exige do leitor reflexões sobre elementos intocáveis na cultura religiosa. A proposta reflexiva é um elemento construído sobre a ironia característica das obras de José Saramago. Isso pressupõe dizer que o público deste evangelho chama a atenção para os entusiastas do emblemático Jesus, desafiando a todo momento a comunidade judaico-cristã com ressalvas sobre a proposta de discursos tradicionais.

Assim, ao apropriar-se do evangelho como gênero ficcional, José Saramago tem como intuito direcionar a leitura a um público repleto de convicções difíceis de serem desconstruídas e/ou reformuladas, ou seja, o público de leitores não se baseia apenas em pesquisadores, racionalistas e ateus, mas toda a comunidade religiosa. Pode-se dizer que, como aspectos do comunismo imbricado no escritor, Saramago apresenta por meio da ficção o vício religioso em que grande parte das pessoas estão vivendo. O escritor aponta para a perspectiva de que a religião é realmente o ópio do povo⁴⁴.

O tipo de leitor que o narrador saramaguiano solicita descreve indivíduos atravessados pelos discursos cristãos. Retomando o prólogo da obra, entende-se que o narrador tem um propósito e que seu público deve estar atento às exposições e mensagens por trás da apresentação da doutrina “a fim de que reconheças a solidez da doutrina em que foste instruído.” (Saramago, 1991, p. 1). Ao se apropriar do mesmo fragmento de Lucas, capítulo 1 e versículo 1-4, o narrador traz com ele a ênfase no termo “solidez”, servindo como elemento crítico para o seu leitor, por carregar a ideia de que as leis cristãs estão firmadas sob uma ideologia engessada que precisam ser

alma para atingir conhecimento puro e “outro, que recorda a doutrina tradicional” (ARISTÓTELES, p. 16). Diante disso, entende-se que a catarse é uma forma de alívio e purificação das emoções negativas, permitindo que o público se liberte de suas próprias tensões e emoções reprimidas. Disponível: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5737102/mod_resource/content/1/Arist%C3%B3teles_%20Po%C3%A9tica%20%282008%2C%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20Calouste%20Gulbenkian%29.pdf

⁴⁴ A expressão “a religião é o ópio do povo” faz referências a ideia de Karl Marx em *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843). Para o escritor, “a religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos, **ela é o ópio do povo.**” (Marx, 1843, p. 145, grifo nosso). Essa ideia será melhor trabalhada na seção seguinte por destacar os aspectos sociais da ADC. Acessado em fev. 2024. Disponível: <https://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Marx,%20Karl/Critica%20da%20Filosofia%20do%20Direito%20de%20Hegel.pdf>

revisitadas e sempre reafirmadas. Isso pressupõe que o leitor deste evangelho deva ser parecido ao excelentíssimo Teófilo⁴⁵ destacado no evangelho de Lucas. O intrigante Teófilo é a chave para entender que tipo de público Saramago destinou seu evangelho, dele depreende-se características de indivíduos cheios de indagações em relação às evidências da história e da teologia acerca de Jesus Cristo.

A relação da menção de Teófilo aos evangelhos está firmada sobre uma compreensão clara das mensagens deixadas por Jesus. No evangelho saramaguiano, desta forma, não será diferente, haja vista que o escritor se apropria do mesmo fragmento para construir seu texto como uma ferramenta crítica. A Teófilo vinculam-se muitas perspectivas, pois as controvérsias em seu nome deduzem muitos simbolismos, ora como alguém a quem a carta de Lucas foi endereçada, ora como uma simples referência ao significado do seu nome “amigo de Deus” vinculada ao povo cristão. Aos amigos de Deus é endereçado este evangelho dirigido como mais um elemento reflexivo do comportamento humano em meio a crenças polêmicas. Conseqüentemente, o autor espera que o leitor esteja aberto a questionar noções pré-estabelecidas, refletindo sobre as complexidades da condição humana e contemplando diferentes perspectivas sobre questões fundamentais da existência. Leitores abertos ao debate sobre temas sensíveis e controversos, que estão dispostos a envolver-se num momento crítico e analítico a partir da narrativa são bem-vindos por Saramago.

Diante disso, a distribuição do texto *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, à luz do modelo de Análise da prática discursiva de Fairclough (2001), revela a necessidade de um leitor ativo e crítico, capaz de questionar as estruturas sociais, religiosas e políticas apresentadas na obra. Ao reescrever as narrativas bíblicas e analisar criticamente os acontecimentos históricos, o autor convida o leitor a um diálogo constante com o texto, a fim de compreender suas múltiplas camadas de significado. Dessa forma, essa distribuição do texto exige não apenas uma compreensão da trama, mas também uma imersão profunda que permita ao leitor refletir sobre as complexidades da humanidade e da dinâmica social.

⁴⁵ De acordo com Easton's Bible Dictionary o nome Theophilus: “Teófilo Amante de Deus, um cristão, provavelmente romano, a quem Lucas dedicou tanto o seu Evangelho (Lucas 1:3) como os Atos dos Apóstolos (Atos 1:1). Nada além disso se sabe sobre ele. Pelo fato de Lucas aplicar a ele o título de “excelente”, o mesmo título que Paulo usa ao se dirigir a Félix (Atos 23:26; Atos 24:3) e a Festo (Atos 26:25), concluiu-se que Teófilo era uma pessoa de posição, talvez um oficial romano”. Acessado em fev. 2024. Disponível: <https://sacred-texts.com/bib/ebd/ebd363.htm>

4.1.3 A dimensão da prática social

O aspecto social do modelo tridimensional está relacionado à “natureza da prática social” (Fairclough, 2001, p. 289). A terceira ferramenta de análise crítica do modelo de Fairclough (2001) tem como intuito especificar as relações e as estruturas sociais. A proposta da ADC é entender como o texto se explica em meio à organização discursiva. Diante disso, entende-se que a investigação se dá por meio da “análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo” (Silva, 2010, p. 40), referenciando ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares, nos quais o discurso é gerado.

Por meio dessa perspectiva, a análise envolve pelo menos duas discussões: a questão da ideologia e a questão da hegemonia, ambas visando entender as orientações encontradas no texto e suas formas de representação (por metáfora? Pressuposições? Por sentidos culturais modificados, por meio de contradições? Ou por meio de ironias? De Paródias?).

É fundamental ressaltar as descobertas de Fairclough (2001/2003) acerca da ideologia e, posteriormente, as descobertas sobre a hegemonia. Estes conceitos representam reflexões macrosociológicas e interpretativas que desencadeiam mudanças tanto sociais quanto discursivas ou vice-versa. Para Fairclough (2001), a ideologia é compreendida como significados e/ou construções da realidade, apresentando pelo menos três asserções principais: ela possui existência material nas práticas das instituições, interpela os sujeitos e os Aparelhos Ideológicos do Estado, que são locais e marcos delimitadores na luta de classes.

Sobre essas reflexões, destaca-se a necessidade de identificar as ideologias e descrevê-las a fim de entender como elas se constituem e como elas reinscrevem os sistemas de crenças e valores. Concomitante, é crucial examinar como as ideologias são manifestas e reproduzidas por meio das práticas discursivas de tal modo que ela aponte as representações e as orientações hegemônicas dos discursos. Esta seção tem como objetivo apresentar as ideologias encontradas na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago, tomando como foco a ideologia religiosa cristã numa perspectiva crítica a fim de apontar a hegemonia vigente na narrativa.

É importante salientar que algumas ideias fazem parte do contexto social e isso pressupõe uma gama de pensamentos acerca de um mesmo assunto, dos quais são demarcados por eventos discursivos que se utilizam da linguagem como uma forma de

evidenciar as relações de poder. Sobre ideologia toma-se aqui o conceito mais específico de que elas são “**representações de aspectos do mundo** que podem ser mostradas para contribuir para o estabelecimento, a manutenção e a mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração” (Fairclough, 2003, p. 13, grifo nosso). Dessa forma, quanto à análise, recai a necessidade de descrever as representações ideológicas da narrativa saramaguiana lançadas na obra tendo como objetivo o exame das manifestações e representações das práticas discursivas.

É importante enfatizar que o Evangelho segundo Jesus Cristo (1991), de José Saramago, apresenta algumas ideologias e pensamentos cruciais para a construção da narrativa, partindo de uma perspectiva mais racional e filosófica até questões específicas da ideologia religiosa cristã. Conseqüentemente, essas ideias podem aparecer em consonância, reforçando ou desconstruindo ideias enviesadas.

Uma das primeiras perspectivas a serem lançadas na obra são questões relacionadas à moralidade, essa, por sua vez, revela o Crime dos Homens Bons. A ideia é construída no decorrer da história por meio de uma metáfora que toma essa percepção simbólica como um elemento figurativo, sugerindo a natureza da moralidade e da justiça, como evidenciado no fragmento a seguir:

Disse Maria, O crime de José, meu marido não cometeu nenhum crime, é um homem bom. Disse o anjo, Um homem bom que cometeu um crime, não imaginas quantos antes dele os cometeram também, é que os crimes dos homens bons não têm conta, e, ao contrário do que se pensa, são os únicos que não podem ser perdoados (Saramago, 1991, p.72).

O diálogo entre o anjo e Maria revelam uma reflexão provocativa e complexa sobre o crime dos homens bons, por discutir noções tradicionais de bondade, crime e perdão. A declaração proferida pelo anjo desafia diretamente a ideia convencional de bondade, por desconstruir a idealização moral de que um indivíduo se torna digno de perdão e/ou inocente perante a lei moral por apenas aparentar ser bom. Dessa forma, o crime dos homens bons é a negligência, a conivência e a omissão do sujeito diante de problemas sociais graves.

Essa ideia também é destacada pelo trocadilho das expressões Bom Ladrão e Mau Ladrão, discutidas nas seções anteriores, alvo de debate sobre a pureza moral associada à bondade. O Bom Ladrão se acha digno de ser salvo enquanto o Mau Ladrão se acha indigno. Tal entendimento confronta a noção tradicional de redenção e perdão numa reflexão acerca da natureza multifacetada da moralidade humana. Diante disso,

compreende-se que sobre os “homens bons” recai a polêmica do egoísmo e da covardia em meio a questões sociais importantíssimas.

Verifica-se, então, que o personagem José é representado na obra como elemento de destaque, por trazer reflexão acerca da negligência social em que muitos indivíduos estão inseridos, movidos por uma espécie de egoísmo, medo e culpa. O sentimento de culpa que o personagem José carrega revela a ideia contraditória e incoerente no meio religioso e também no meio social. É por meio dessa noção de culpa que o narrador saramaguiano se reveste de perspectivas filosóficas para debater acerca de algumas questões religiosas enviesadas.

A questão da culpa também é construída sobre a indagação do personagem Jesus acerca do dilema que ele carrega desde a morte do pai: “O que quero saber é sobre a culpa, Falas de uma culpa tua, Falo de culpa em geral, mas também da culpa que eu tenha mesmo não tendo pecado directamente” (Saramago, 1991, p.137). Esse fragmento, além de mencionar a questão do sentimento de culpa, também pressupõe a existência da condição humana em meio à responsabilidade moral do homem enquanto ser social. Saramago evidencia a negligência social representada pelo ser individual e pela coletividade. Os aspectos sociais que acontecem, a manipulação religiosa e o adestramento também são partes da inoperância da sociedade em meio a questões importantes como discriminação, preconceitos e até mortes, como exemplificado na trágica história de Jesus neste evangelho.

Saramago pontua desde o início de sua obra que a ficcionalidade da narrativa estaria ligada ao desabafo de um contexto social ideologicamente manipulado por ideais conservadores, revestidos por homens aparentemente bons. Diante desse cenário, entende-se que Saramago começa a mergulhar na ideologia religiosa mediante questões morais polêmicas. Retomando a expressão “crime do homem bom”, compreende-se então que o narrador do evangelho configura sua história sobre perspectivas complexas e profundas, que estão muito além do debate acerca da religiosidade, mas na investigação da origem dela.

O crime do homem bom, dessa forma, é a culpa dos males sociais. O narrador destaca a neutralidade e a omissão dos homens bons como um aspecto importante na luta do combate de questões hegemônicas e da consequente supremacia dessas forças. Saramago reforça essa ideia por meio da perspectiva do narrador:

O que Jesus não parece ter pensado, talvez por falta de experiência, é que se nós nos deixamos ficar à espera de que apareçam no mundo esses julgadores

sem pecado, únicos, em sua opinião, que terão o direito moral de condenar e punir (Saramago, 1991, p. 236).

É importante enfatizar que o narrador se utiliza de uma metáfora intrigante para chamar a atenção do leitor e destaca a questão dos “juízes sem pecado” para ressaltar o surgimento de indivíduos moralmente superiores, capazes de julgar e punir. O fragmento também ressalta a natureza da autoridade moral e do poder de julgamento na sociedade, evidenciando de forma também irônica a hipótese de um ser julgador sem pecados. A análise do narrador configura não só questões de moralidade e de comportamento humano, mas desafia certas idealizações simplistas, destacando a hipocrisia dos homens diante da atuação social.

Um ponto de grande relevância, que entra em cena junto à questão do crime dos homens bons e a noção de culpa, é a ideia do pecado. O narrador de Saramago lança uma versão do pensamento religioso cristão sobre o pecado e debate aspectos que conversam entre si. No evangelho saramaguiano José é crucificado devido à culpa que ele carrega e o personagem Jesus terá o mesmo destino para manter a percepção de bondade do personagem Deus, representado como símbolo de egoísmo ao longo de toda a história. Partindo de uma perspectiva moral e filosófica para as ideias do discurso religioso cristão, percebe-se que o narrador de José Saramago traduz a corrente ideológica tradicional e monoteísta da qual a ideia de pecado e culpa é desenvolvida.

Perante à discussão, Saramago descreve a base da moralidade judaico-cristã como firmada em princípios e valores comandados pela Bíblia. Essa visão tem como principais ensinamentos e doutrinas, os dez mandamentos e as mensagens de Jesus. Por meio desse debate, entende-se como a moralidade está intrinsecamente relacionada a aspectos religiosos, de tradição conservadora, e como elas até hoje fundamentam a base da sociedade mundial.

Ao longo de toda análise crítica, percebe-se que o *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) explora ideologias que têm como bases de pensamento a perspectiva moral e teológica (ideais religiosas de tradição judaico-cristã), oferecendo uma visão reflexiva e provocativa de temas fundamentais da condição humana e da sociedade. Diante desse cenário, entende-se que a desconstrução do leitor de José Saramago se baseia numa discussão sobre aspectos morais e em seguida de aspectos religiosos. Assim, o narrador enfatiza a perspectiva religiosa sobre as pontuações acerca das correntes tradicionais.

Dentre as ideias em destaque, percebe-se a crítica à ideologia conservadora, tendo como principal foco a doutrina religiosa de tradição judaico-cristã. Saramago constrói a obra sobre questionamentos importantes sobre a doutrina (Leis), a fé, a espiritualidade, as narrativas tradicionais associadas à figura de Jesus e, conseqüentemente, ao Cristianismo, além de desconstruir personagens divinizados como Deus e o diabo.

A obra aborda questões existenciais, como o propósito da vida e a busca por significado. Os personagens enfrentam dilemas existenciais e morais ao longo de toda a narrativa. Inicialmente, o primeiro a sofrer com questões desse gênero é José, como pontuado anteriormente:

O remorso de Deus e o remorso de José eram um só remorso, e se naqueles antigos tempos já se dizia, Deus não dorme, hoje estamos em boas condições de saber porquê, Não dorme porque cometeu uma falta que nem a homem é perdoável (Saramago, 1991, p.77).

O remorso de José é ressaltado como um elemento que indica a ação de Deus, ultrapassando os limites da compreensão e do perdão humano, mas revelando a análise de existência do criador. Da mesma forma, “Jesus herdara o sonho do pai, não exactamente da mesma maneira, mas como se o pai e o filho, cada um em seu lugar, o estivessem, ao mesmo tempo, sonhando” (Saramago, 1991, p. 107). O trecho ressalta a profundidade das relações familiares e espirituais entre Jesus e seu pai. Ele sugere uma conexão íntima e uma compreensão mútua que vai além das palavras ou das experiências cotidianas. Diante disso, destaca a ideia de que Jesus e seu pai, embora tivessem perspectivas e experiências individuais, compartilhavam um sonho ou um propósito profundo compartilhado, relacionado à missão de Jesus na Terra como o Messias. Essa conexão especial entre pai e filho é apresentada como algo que transcende as diferenças humanas e reflete uma dimensão espiritual e divina como a trindade mencionada na Bíblia Sagrada, em João 10:30: “Eu e o Pai somos um”. Diante disso, o narrador completa: “A culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai, Esse lobo de que falas já comeu o meu pai, Então só falta que te devore a ti” (Saramago, 1991, p. 124).

Em resumo, Saramago utiliza uma metáfora para ilustrar o impacto da culpa e como ela pode ser transmitida de geração em geração. Ele sugere que a culpa pode ser uma força destrutiva que continua a afetar as vidas das pessoas e suas relações familiares, como um lobo faminto que devora tanto o pai quanto o filho. Esse aspecto

faz parte de uma reflexão sobre a natureza persistente e potencialmente prejudicial da culpa nas vidas humanas, mas também traduz uma crítica relacionada ao próprio Deus, que põe o filho em sacrifício como forma de expurgação do seu remorso.

A religiosidade e a tradição conservadora

Algumas questões são destacadas ao longo da obra, dentre elas a perspectiva do título: *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. O título por si só carrega uma construção importante em relação aos evangelhos canonizados por pressupor um evangelho construído pelo próprio Jesus. Considerando que os evangelhos canônicos são representações da inspiração divina, uma perspectiva mais direta do evangelho ressaltando o personagem Jesus traz reflexões cruciais para o entendimento das mensagens deixadas para o público. É importante ressaltar que muito mais que questões teológicas, o evangelho de Saramago ressalta questões sociais e humanas. O escritor rompe com a religiosidade dos textos bíblicos e enfatiza aspectos à margem das discussões teológicas. Diante desse entendimento, compreende-se que o *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) ressalta a vida e a obra do personagem Jesus e é sob ele que as representações e manifestações ideológicas acontecem, sejam numa perspectiva de enfatizar as contradições e incoerências cristãs como também ressaltar as perspectivas ideológicas implícitas na obra.

O objetivo de Saramago é humanizar Jesus e descrevê-lo como um homem sacrificado por questões sociais religiosas emblemáticas: “Chorou porque o fizeram chorar, e chorará por esse mesmo e único motivo” (Saramago, 1991, p. 49). Como no fragmento anterior, Jesus nasce em meio a uma tradição de perpetuação do sofrimento e da dor. A questão do sacrifício é um ponto crítico na narrativa saramaguiana a fim de destacar a desigualdade existente no meio religioso. Por meio dessa discussão, José Saramago reflete sobre o sistema de privilégio no meio cristão capaz de movimentar ideias pautadas numa espécie de discriminação ao longo dos tempos.

Consequentemente, a noção do sacrifício, na obra de José Saramago, levanta críticas sob três perspectivas: O sacrifício de Jesus, o sacrifício humano (ou mesmo o sacrifício da carne) e o sacrifício de animais. As questões envolvem um mesmo propósito que é seguir a vontade de Deus como determinado pela cultura cristã. A proposta do grande plano divino se reveste de uma vantagem unilateral, da qual somente

o personagem Deus é beneficiado, por ter como intuito a expansão da religião cristã representada pelo catolicismo.

Ao longo de toda a história, Jesus é representado como um elemento chave para o plano de Deus, pois seu martírio é descrito como representação do sacrifício de Deus para a humanidade: “O que tu és, meu filho, é o cordeiro de Deus, aquele que o próprio Deus leva ao seu altar, que é o que estamos preparando aqui” (Saramago, 1991, p. 252). A proposta do narrador saramaguiano é trazer reflexão crítica sobre a manipulação do pensamento num contexto de supremacia que ele chamou de “sociedade religiosa” (Saramago, 1991, p. 255), da qual se desenvolveu devido ao martírio do filho de Deus. Em favor desse plano, é apresentado para Jesus uma série de mártires no decorrer da história, homens que serão sacrificados para fazer a polêmica vontade de Deus. O narrador descreve todos os episódios históricos de sacrifícios em prol da constituição da comunidade cristã e ironiza a forma de se expandir o monoteísmo.

Juntamente a essa questão está o sacrifício humano, mais comumente conhecido pela cultura cristã como sacrifício da carne:

Eu sou, dirá o espírito pela voz do corpo, aquele que trouxe a morte aos vossos filhos, julgai-me, condenai este corpo que aqui vos trago, o corpo de que sou o ânimo e a alma, para que o possais atormentar e torturar, pois sabido é que só pelo castigo e pelo sacrifício da carne se poderá alcançar a absolvição e o prêmio do espírito (Saramago, 1991, p. 146).

Essa perspectiva baseia-se em uma forma de criticar a ideologia cristã que prega a autoflagelação e o suplício como um caminho para se alcançar a redenção, tomando como exemplo maior a morte de cruz de Jesus, com foco na “absolvição” do pecado humano. Da mesma forma que o homem Jesus, a cultura humana tem como elemento importante o sacrifício dos prazeres físicos para alcançar o “prêmio do espírito”, que é a morada com Deus, denotando uma mentalidade enviesada às concepções tradicionais.

Dentre algumas formas de sacrifício encontradas na obra de José Saramago está o sacrifício de animais. O narrador faz diversas pontuações sobre essa prática e destaca as contradições existentes na ideologia cristã:

nos seus altares nada que não esteja perfeito e completo, por isso é que rejeita o animal cego, aleijado ou mutilado, sarnento ou com verrugas, imagine-se o escândalo no Templo se nos apresentássemos ao sacrifício com os quartos traseiros de um animal, e ainda assim sob condição de que os testículos dele não estivessem pisados, esmagados, quebrantados ou cortados, caso em que a exclusão estaria igualmente certa” (Saramago, 1991, p. 163).

O narrador aponta a arbitrariedade diante das práticas religiosas ao abordar a questão da perfeição e da aceitação nos rituais de sacrifício de animais. O excerto citado revela a exigência de perfeição e integridade dos animais ao questionar a lógica das práticas ritualísticas e refletir sobre a natureza da adoração e das expectativas divinas em relação aos seres humanos. Adicionalmente, apresenta uma perspectiva irônica e crítica sobre a rigidez das normas religiosas, as quais desafiam as convenções e questionam as incongruências de outras práticas culturais.

É importante mencionar que Saramago constrói outra perspectiva de martírio. O personagem Pastor (diabo), representação do racionalismo, propõe um plano de sacrifício para acabar com todos os outros martírios. A expressão “para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal” (Saramago, 1991, p. 265) destaca não só a negação de uma proposta ousada do Pastor, mas a dualidade da existência de Deus. Ou seja, a “vontade de deus” se estabelece em meio à manipulação social de tal modo que evidencia o contraste imbricados na concepção de Deus e do Diabo, destacando uma perspectiva mais profunda do que as disseminadas na ideologia cristã.

Compreende-se que o Evangelho saramaguiano enfatiza a humanidade de Jesus e sua conexão com preocupações e lutas humanas. O escritor também destaca a necessidade de se desconstruir do meio social uma visão divinizada de um personagem histórico e puramente humano. Tal proposta é reforçada pela forma como o narrador aborda a temática, utilizando-se de uma conotação crítica e irônica em relação à forma como a sociedade histórica (ou talvez até contemporânea) trata certos indivíduos: “Jesus, de seu nome, é o único a quem o futuro concederá a honra da maiúscula inicial, os mais nunca passarão de crucificados menores” (Saramago, 1991, p. 7).

Uma série de questões são abordadas nesse fragmento, incluindo a veneração religiosa, a hierarquia social e o tratamento de figuras históricas ou religiosas de forma diferente dos indivíduos comuns da sociedade. No livro, ele convida o leitor a questionar as normas estabelecidas e a refletir sobre as variações de tratamento de algumas figuras da narrativa.

A humanização de Jesus é um tema relevante e provoca reflexões sobre a diferença entre as entidades divinizadas e outras criaturas terrenas: “e não fez diferença entre Jesus e os Ladrões, pela simples razão de que tudo isto são coisas da terra, que vão ficar na terra, e delas se faz a única história possível.” (Saramago, 1991, p. 8). Sobre essa tessitura, a obra expressa uma visão filosófica e existencial sobre a igualdade e a

transitoriedade da vida e das ações humanas, dessa forma, convida o leitor a refletir sobre a natureza efêmera da existência, a valorização da vida e das ações em um contexto mais amplo.

É importante enfatizar que um dos aspectos que traduzem a humanização de Jesus recai sobre a criação de um ser divinizado em prol da justificação dos homens diante de seus atos: “Meu filho, já conheces os teus deveres e obrigações, cumpre-os a todos e encontrarás justificação diante de Deus” (Saramago, 1991, p.83). Sobre esse ponto existe referência de um Deus descrito como árbitro final da justiça, comandando obrigações morais, sociais e/ou religiosas, destacando a necessidade do homem de se justificar por meio da fé.

A perspectiva do martírio de Jesus e da justificação humana está ligada, de certa forma, à vontade Deus, configurando um Deus tirano e sádico, dotado de contradições e incoerências. O personagem Deus é apresentado na obra como uma espécie de elemento hegemônico, símbolo de poder, o qual carrega um perfil de governante injusto e impiedoso, evidenciando uma entidade que coloca sua vontade e autoridade acima de tudo, enfatizando sacrifício para a manutenção e reconhecimento do seu poder: “por toda a parte um vozear frenético, agora logo débeis balidos de cordeiros e cabritos, alguns que iam transportados ao colo ou às costas, como crianças cansadas, outros, arrastados, de corda ao pescoço, mas todos a caminho da morte no cutelo” (Saramago, 1991, p. 134).

O narrador do evangelho descreve outra cena da impiedade e da tirania de Deus:

o cordeiro era meu e tu tiraste-mo, agora a ovelha paga a dívida, Seja como queres, o mundo todo pertence-te e eu sou o teu servo, Sacrifica então, ou não haverá aliança, Mas vê, Senhor, que estou nu, não tenho cutelo nem faca, estas palavras disse-as Jesus cheio de esperança de poder ainda salvar a vida da ovelha, e Deus respondeu-lhe, Não seria eu o Senhor se não pudesse resolver-te essa dificuldade, aí tens. Palavras não eram ditas, apareceu aos pés de Jesus um cutelo novo, Vá, despacha-te, tenho mais que fazer, disse Deus, não posso ficar aqui eternamente (Saramago, 1991, p. 175).

É possível observar uma abordagem crítica da relação do personagem Deus e do personagem Jesus. O diálogo entre eles denota uma entidade desprovida de compaixão e benevolência, e essa ideia, além de desconstruir a figura do Deus, enfatiza a arbitrariedade na oferta do cutelo em meio ao sofrimento do homem Jesus. Em suma, o fragmento é uma forma irônica e crítica sobre a relação divindade-homem, da qual

traz questionamentos sobre noções preestabelecidas sobre divindade, poder e fé, provocando uma reflexão crítica sobre as estruturas religiosas e sociais.

A narrativa saramaguiana é uma crítica ao plano de Deus pregada pela cultura cristã. O Deus deste evangelho é um personagem cujo objetivo é propagar seu poder ao mundo:

A **alargar a minha influência**, a ser deus de muito mais gente, Não percebo, Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que **te reservei no meu plano**, estou certíssimo de que em pouco mais de meia dúzia de séculos, embora tendo de lutar, eu e tu, com muitas contrariedades, **passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos**, à grega (Saramago, 1991, p. 248, grifo nosso)

Ao longo desse fragmento, é destacado o controle divino em meio à busca de poder. A crítica se estabelece ao retratar a figura de Deus sobre os desejos de um domínio mundial, pressupondo a existência de uma ideologia baseada no Cristianismo e comandada pela igreja católica. A ideia do “plano divino” reserva a Jesus o cumprimento do propósito por meio da morte de cruz, desenvolvendo a imagem do Cristo, sobre uma espécie de cordeiro crucificado para justificar os males do mundo e espalhar as boas novas: “O que tu és, meu filho, é o cordeiro de Deus, aquele que o próprio Deus leva ao seu altar, que é o que estamos preparando aqui” (Saramago, 1991, p. 252).

Diante desse cenário, Saramago também retoma questões sobre a existência de Deus: “como poderá Deus sentir-se feliz em meio de tal carnificina, sendo, como diz que é, pai comum dos homens e das bestas.” (Saramago, 1991, p. 57). Nesse caso, a proposta está firmada no questionamento da consistência das características atribuídas a Deus com a realidade do sofrimento no mundo. Sendo assim, é destacado a aparente contradição entre a natureza de Deus e a realidade do sofrimento no mundo, bem como a igualdade entre os seres humanos e os animais sob a paternidade divina.

Ligado à vontade de Deus e à disseminação de uma perspectiva divinizada, Saramago apresenta a cultura ritualística da ideologia cristã e lança críticas às tradições da época, uma cultura de valores baseado no conservadorismo social, que reflete um cenário de injustiças e discriminações. O conservadorismo da narrativa do evangelho saramaguiano é representado por meio das doutrinas (leis) da sinagoga, refletindo discursos polêmicos da cultura tradicional judaico-cristã.

O tradicionalismo é apresentado sobre uma visão engessada das doutrinas judaicas desenvolvidas por Moisés. Ao longo de toda a narrativa, os personagens são

comandados por leis regidas pelos “anciãos da sinagoga” (Saramago, 1991, p. 45) e/ou “delegados da sinagoga” (Saramago, 1991, p.19). Os personagens têm como bússola moral os ensinamentos deixados pela tradição dos Templos: “José foi à sinagoga, a pedir conselho e remédio aos anciãos” (Saramago, 1991, p. 18). O tradicionalismo cristão sobre a obediência à palavra de Deus é uma das grandes críticas de José Saramago por pressupor que a cultura de um povo estabeleça uma relação direta entre a ideologia conservadora e o controle das massas, manipulando-as em prol da hegemonia de determinado grupo e crenças.

Sobre esses pensamentos, desenvolve-se na narrativa uma cultura que reverencia o Templo e a Torá como elementos de renomado poder, tomados como símbolo da religiosidade imbricada na tradição cristã. A questão do tradicionalismo configura-se em algumas situações da narrativa, as quais são apontados como momentos cotidianos de grande reflexão: “Calada, comia, enquanto José, deixando discorrer os pensamentos como se estivesse comentando na sinagoga um versículo da Tora ou a palavra dos profetas, reconsiderava a frase que acabara de ouvir à mulher” (Saramago, 1991, p. 16).

Ao longo de todo o evangelho de José Saramago são abordados temas que estão relacionados ao conservadorismo religioso, dentre eles a questão da mulher. Sendo assim, o fragmento anterior enfatiza não somente a postura reflexiva e reverente, mas enfatiza o lugar de fala das mulheres no contexto bíblico de silenciamento pautados no discurso de submissão.

Tal perspectiva é reforçada na narrativa a partir da crítica ao poder religioso sob as minorias. Conforme a perspectiva saramaguiana, a religião foi frequentemente utilizada no passado para manter o controle sobre a sociedade e construir um ideal de moralidade. Diante disso, a obra estabelece a relação entre religião e poder, destacando questões discriminatórias e preconceituosas sobre a mulher, conforme ilustrado no fragmento a seguir:

Levantou-se, cauteloso, para evitar que a mulher desse pelo que ia fazer, pois escrito está que por todos os modos se deve preservar o respeito de um homem, só quando de todo em todo não for possível, e, tendo aberto devagar a porta que rangia, saiu para o pátio (Saramago, 1991, p. 10).

É evidente a partir do excerto acima que existe a descrição do papel da mulher no contexto predominantemente conservador, nos quais preservar o respeito da mulher ao homem é de suma importância. Em consonância a esse pensamento, os homens são

responsabilizados pela proteção da dignidade e da honra das mulheres como parte de uma visão tradicional das relações de gênero. No contexto, essa ideologia pode ser vista como um reflexo das normas sociais de tradição baseada em convenções instauradas por dogmas religiosos. Diante disso, entende-se que Saramago descreve o papel da mulher no cenário religioso, descrevendo-as como um indivíduo dotado de limitações que deve obedecer aos comandos da doutrina do livro de Efésios⁴⁶.

Do mesmo modo, o narrador de José Saramago descreve a divisão tradicional de papéis e responsabilidades entre homens e mulheres, especificamente o contexto da religião e da vida doméstica: “para o marido vão os panos novos e os cuidados maiores, mulheres destas com qualquer coisa se contentam. Maria vai à sinagoga, entra pela porta lateral, que a lei impõe às mulheres” (Saramago, 1991, p.14). O trecho pode ser interpretado como uma crítica à desigualdade de gênero e às expectativas tradicionais que limitam as oportunidades das mulheres e as relegam a papéis secundários na sociedade e na religião. O autor parece apontar para a injustiça e a arbitrariedade das doutrinas judaico-cristãs. Dessa forma, destaca as divisões tradicionais de papéis e responsabilidades de gênero na sociedade, bem como as restrições impostas às mulheres no contexto religioso.

Outro fator a ser destacado é a relação das mulheres e da prostituição, conforme destacado na obra: “Tendo sido Maria Madalena, como é geralmente sabido, tão pecadora mulher, perdida como as que mais o foram, teria também de ser loura para não desmentir as convicções, em bem e em mal adquiridas, de metade do gênero humano.” (Saramago, 1991, p. 6). Saramago lança críticas à maneira como as normas de gênero e as expectativas sociais moldam as crenças e as representações culturais. A ideia é baseada na aceitação de narrativas tradicionais sem o uso do questionamento, mesmo que elas sejam simplistas ou baseadas em estereótipos de gênero. O fragmento também denota um tom sarcástico e irônico, pois o escritor sugere a representação de

⁴⁶ Livro de Efésios da bíblia sagrada, capítulo 5 e versículo 22 a 33: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor por o marido ser o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros do seu corpo. Eis por que deixará o homem a sua pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido”.

Maria Madalena como uma mulher loura. Tal perspectiva reflete uma arbitrariedade quanto à representação dela como uma mulher pecadora, visto que essa imagem delinea uma convicção social. O narrador aproveita para revelar os estereótipos e os preconceitos perpetuados na narrativa religiosa e cultural para fazer seu leitor questionar as convenções estabelecidas.

É preciso destacar que existem críticas voltadas ao corpo feminino como uma forma de refletir sobre a visão negativa e repressora da sexualização da mulher: “está atraindo e retendo a mirada sôfrega dos homens que passam, com grave dano das almas, assim arrastadas à perdição pelo infame corpo” (Saramago, 1991, p. 5). Diante disso, entende-se que a narrativa sugere uma abordagem moralista e misógina, atribuindo à mulher a responsabilidade pelo suposto desvio dos homens. A questão da culpabilidade da mulher é destaque deste fragmento por elencar aspectos importantes nos discursos preconceituosos e sexistas. O uso do termo “infame” denota a desumanização da mulher, reduzindo o público feminino a um objeto de tentação e perdição.

Consequentemente, as temáticas mais polêmicas no *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) estão relacionadas à questão da sexualidade por abordar o assunto de forma aberta e progressista, desafiando normas sociais conservadoras em relação ao sexo e ao corpo. O primeiro ponto a ser analisado tem como contexto o debate entre Jesus e o pastor:

Digo-te que escolhas uma ovelha, a não ser que prefiras uma cabra, Para quê, Vais precisar dela, se realmente não és um eunuco. A compreensão atingiu o rapaz com a força de um murro. Porém, pior que tudo foi a vertigem de uma horrível voluptuosidade que do afogamento da vergonha e da repugnância num rápido instante emergiu e prevaleceu. Tapou a cara com as mãos e disse numa voz rouca, Esta é a palavra do Senhor Se um homem se ajuntar com um animal, será punido com a morte (Saramago, 1991, p. 140).

A crítica está firmada na beatificação de Jesus em relação à liberdade sexual que o pastor lhe apresenta, pois tais ideias vão de encontro às leis de Deus e aos preceitos religiosos cristãos. Outro aspecto relevante para a análise está na desconstrução de elementos dogmáticos. A reação intensa do personagem sugere que ele foi confrontado, levando-o a recitar a passagem bíblica que proíbe a prática do sexo com animais baseado no livro de Levítico⁴⁷. Tal discussão aponta para uma

⁴⁷ O livro de Levítico é conhecido por descrever as doutrinas construídas por Moisés. Um das grandes exortações é sobre o ato de ter relações sexuais com animais: “Quando também um homem se deitar com um animal, certamente morrerá; e matareis o animal. Também a mulher que se chegar a algum animal, para ajuntar-se com ele, aquela mulher matará juntamente com o animal; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles.” (capítulo 20, versículo 15 e 16).

ambiguidade moral enraizada no ideal social e religioso. É importante pontuar que existe uma forma de representação simbólica nessa mesma passagem, pois o personagem pastor revisita questões relacionadas ao sexo. A cabra e a ovelha são elementos culturalmente significativos na perspectiva religiosa, uma vez que a cabra está ligada à ideia de transgressão dos limites morais, enquanto a ovelha é símbolo de vitalidade e pureza, como destacado em Mateus (capítulo 25, versículo 31 a 46).

É importante ressaltar que a ideia do sexo na cultura religiosa é vista como uma ação voltada somente ao casamento tradicional. A perspectiva do sexo envolve muitos tabus no contexto religioso por ressaltar a questão da santidade e da pureza comandados pelo livro de Hebreus (capítulo 13, versículo 4): “O casamento deve ser honrado por todos; o leito conjugal, conservado puro; pois Deus julgará os imorais e os adúlteros”. A proposta do sexo, de qualquer outra perspectiva, sugere o pecado e este é condenável diante de Deus.

Pode-se afirmar que a questão do celibato de Jesus foi transformada no evangelho saramaguiano como um elemento de desconstrução da perspectiva tradicional, ao diversificar a forma de enxergar o sexo e inserir uma noção de liberdade no texto. A proposta do narrador não é debater acerca da escolha do celibato, mas despertar na mentalidade social uma espécie de remodelamento de pensamentos tradicionais engessados sobre outras versões do sexo que não estejam ligadas somente ao casamento. Portanto, o narrador reconstrói essa ideia polêmica a partir da declaração do próprio Jesus: “O que me ensinas, não é prisão, é liberdade. Dormiram juntos, mas não apenas nessa noite.” (Saramago, 1991, p.168). O excerto denota a desconstrução do pensamento arraigado na Bíblia e comanda uma variação ousada da ideia conservadora, pois além de explorar a questão de sexo fora do casamento, ainda desvela o discurso cristão de que a mulher deve ser virgem e imaculada como sinal de santidade.

Nesse sentido, entende-se que a reflexão acerca de algumas ideologias enfatizadas por Saramago, comandam uma luta em relação ao público feminino e todas as minorias discriminadas e injustiçadas ao longo da história. Sendo assim, é importante enfatizar que o *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) promove debates em consonância à transformação social, desvelando questões ideológicas imbricadas nos discursos sociais.

5 CONCLUSÃO

“Escrever **não é outra tentativa de destruição, mas** antes a tentativa de **reconstruir** tudo pelo lado de dentro” (SARAMAGO, 2007, p.15, grifo nosso)

Este estudo dissertativo demonstra, antes de tudo, que a narrativa de José Saramago não é mais um evangelho a ser reproduzido religiosamente, mas sim, uma forma de reflexão crítica acerca de aspectos que promovam mudança social a partir de indagações discursivas importantes.

Diante dessa proposta, o objetivo de Saramago em seu evangelho é pautado na reconstrução e na elaboração de uma ferramenta textual poderosa para o reconhecimento e a conscientização da doutrina em que fomos instruídos ao longo de séculos e não na destruição da fé cristã. Assim, *A (des)construção do evangelho de Cristo: análise do discurso crítica no romance de José Saramago* estabelece uma reflexão crítica contrapondo as doutrinas dos evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João sob a perspectiva de um movimento racionalista e social promovido pelo escritor.

De mesmo modo, este estudo debruçou-se em investigar o processo de (des)construção do evangelho canônico a partir da análise do discurso crítica e os estudos do modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001), considerando que a AD tem como propósito a desnaturalização de discursos que dão suporte para estruturas de dominação.

Com a breve nota biográfica que realizou no decorrer da pesquisa, permite-se compreender a necessidade de debruçarmos os esforços sobre este autor e tudo o que ele significou para a sociedade atual. À vista disso, pôde-se observar um modelo patriarcal, conservador e de tradição judaico-cristã capaz de comandar discursos incoerentes e contrários à moralidade humana. Diante dessas questões, Saramago se apropria não só do Novo e do Antigo Testamento, mas também de ditados populares e dos pensamentos de Thomas Hobbes sobre a capacidade predatória do homem sob o próprio homem.

A proposta saramaguiana criou uma narrativa que se apropria de muitos argumentos, dentre eles, textos que contribuem significativamente no debate de questões óbvias e inconscientes controladas por correntes tradicionais que manipulam muitas vezes o pensamento humano. O principal debate de José Saramago no *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) é o crime dos homens bons, indivíduos covardes e egoístas que atuam em nome da religião e do Fator Deus⁴⁸ para a justificativa das injustiças sociais.

É importante enfatizar que José Saramago é ateu, inspirado por um movimento político e comunista que propõe como fonte de renovação os pensamentos de Marx. Para tal perspectiva, assume um posicionamento claro sobre pautas sociais importantes relacionadas às lutas hegemônicas e, em especial, discussões sobre o sistema religioso.

Considerando as perspectivas do evangelho saramaguiano, contata-se que o crime desses homens ditos bons são os únicos que não podem ser perdoados, pois eles

Com base Saramago (2022) no livro **Este mundo da injustiça globalizada**.

se firmam na religiosidade como um elemento de justificação diante de injustiças sociais promovidas por eles mesmos. Diante de uma indagação voltada para a humanização de Jesus, José Saramago destaca a necessidade do homem de criar um ser divino para a manutenção e expansão do seu próprio poder em todo o mundo.

No que tange à análise do modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001), observou-se, no âmbito textual, que a obra adquire características estruturais, gramaticais, organizacionais e vocabulares próprias, configurado sob uma perspectiva oral. A dimensão textual do evangelho de José Saramago é dotada de uma forma única de escrever. O texto é construído sob períodos longos de modo a chamar a atenção do leitor. O escritor lança expressões que ressignificam formas de pensamentos engessados na cultura tradicional e conservadora, destacando ideias reducionistas e preconceituosas, como a expressão “fêmeas de Nazaré” para se referir às “Marias” (mulheres) dentro de um contexto patriarcal e autoritário. O escritor também se apropria da expressão “católicos à grega” como uma forma de lançar crítica ao cristianismo, em especial ao catolicismo, por se desenhar como uma cultura religiosa ligada a ritos próprios da cultura da antiga Grécia. Essa religião carrega características próprias dos gregos, dentre elas a tradição politeísta e sacrificial, o que demonstra a expansão de uma religião baseada no martírio. Saramago também se apropria das expressões “Mau Ladrão” e “Bom Ladrão” como um trocadilho interessante que desvela, ao longo da narrativa, o crime dos homens bons.

A camada textual da obra de José Saramago é comandada por personagens polêmicos e emblemáticos como Maria de Magdala (apresentada como uma mulher racional e livre da qual desconstruiu a ideia do celibato de Jesus), e o próprio personagem Jesus por carregar a imagem humana e se distanciar da proposta divina impregnada pela cultura cristã. O personagem Deus é construído sobre a imagem e semelhanças humana, transmitindo características autoritárias, egoístas, sádicas e cruéis. Em contraponto a esse personagem tem-se o personagem mendigo, também conhecido como anjo, diabo e pastor. Muitas nomenclaturas para um único personagem, é uma das maiores desconstruções de José Saramago ao longo da obra, pois destaca críticas sobre a ideia do bom pastor impregnada pela cultura cristã.

Quanto à prática discursiva, o escritor se apropria de textos diversos para a construção de argumentos baseados no próprio discurso cristão; Saramago se utiliza do Velho e do Novo Testamento como uma forma de destacar a contradição e as incoerências discursivas diante da própria doutrina religiosa. Ademais, José Saramago

se reveste de ditados populares, dos pensamentos e ideias de Thomas Hobbes e de Fernando Pessoa como elementos críticos que reafirmam a reflexão ao longo da narrativa. De forma irônica, desde o início da obra, Saramago se apropria da passagem de 1 tessalonicenses (capítulo 5, versículo 180) como elemento chave de sua crítica. Em cada contradição moral existe o personagem José (representação do modelo tradicional) proferindo graças a Deus. Tal cenário reflete a hipocrisia humana perante um contexto de manipulação social baseado em discursos religiosos.

Na dimensão social são evidenciadas ideologias pautadas em questões sociais importantes, como o martírio, o sacrifício, o papel da mulher na sociedade, a sexualidade, a nudez e o celibato. Diante disso, constatou-se que a crítica construída no texto, enfatiza o processo hegemônico estabelecido pela cultura conservadora cristã ao perpetuar doutrinas discriminatórias e preconceituosas de um modelo tradicional e patriarcal.

José Saramago, ao escrever o evangelho, não se contentou em apenas contar a história de Jesus conforme a tradição cristã. Em vez disso, escolheu uma abordagem ousada, reimaginando a vida de Jesus a partir de uma perspectiva humana e questionadora. O escritor retrata Jesus não como o messias, mas como um homem dotado de dúvidas, desejos e fraquezas. Essa caracterização desafia diretamente a visão tradicional, ressignificando imagens simbólicas da cultura cristã. Ao fazer isso, Saramago convida os leitores a reconsiderar sua compreensão religiosa, não como um movimento pró ateísmo, mas para considerar a humanidade de Jesus de maneira crítica.

Retomando a passagem de Mateus (capítulo 23, do verso um ao 4), entende-se que o propósito de José Saramago é promover um movimento que está aliado à própria bíblia sagrada e da qual o meio religioso muitas vezes desconsidera. Mateus enfatiza o pensamento de Jesus sobre os líderes e destaca a hipocrisia religiosa, a incoerência e a contradição cristã diante de doutrinas autoritárias e engessadas. A (des)construção de Saramago se estende à narrativa bíblica, enfatizando o nascimento virginal de Jesus e a crucificação, de maneira a destacar a complexidade e as ambiguidades presentes na história. Ao questionar a historicidade desses eventos e apresentá-los de forma reelaborada, o escritor lança luz sobre a natureza subjetiva e interpretativa da narrativa religiosa.

Além disso, a (des)construção do Evangelho de Cristo de Saramago também aborda questões mais amplas sobre a natureza da fé e da espiritualidade. Sendo assim, questiona a necessidade de uma figura divina como Jesus para a busca da verdade

espiritual, sugerindo que a resposta pode residir mais na introspecção e na busca interna do que na adoração a uma entidade suprema criada, muitas vezes, a partir de perspectivas religiosas específicas. Isso não é apenas uma crítica ao Cristianismo, mas uma reflexão ampla sobre a religiosidade e o papel dela na vida humana. Sendo assim, é importante ressaltar que a (des)construção de Saramago não é mera negação do Cristianismo ou da espiritualidade em geral, mas a oportunidade para repensar e reexaminar questões pouco discutidas no âmbito social. Diante disso, o evangelho oferece uma oportunidade para um diálogo rico e significativo sobre esses temas, destacando a capacidade da literatura de estimular a reflexão crítica e a reavaliação das crenças e valores profundamente arraigados em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro** (1899). São Paulo: Principis; 3. ed. 2019.

ARISTÓTELES. **A poética** (Tradução e notas de Ana Maria Valente). 3. ed. Acessado em junho de 2023. Disponível:

https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/5737102/mod_resource/content/1/Arist%C3%B3teles_%20%20Po%C3%A9tica%20%282008%2C%20Fundam%C3%A7%C3%A3o%20Calouste%20Gulbenkian%29.pdf

ANDRADE, Carlos Drummond. **Vou crescer assim mesmo: poemas sobre infância**. Ilustração de Ale Kalko. - 1ª edição - São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado* (1970). Traduzido por Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. São Paulo: Paz & Terra; 13. ed, 2022.

BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França, pronunciada dia 07 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. – 14. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

BACHUR, João Paulo. Para uma sociologia da resignificação. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, Vol. 12, N.01 (p. 263-295), 2019.

Bíblia de Referência Thompson: com versículos em cada cadeia temática; Antigo e Novo Testamentos / compilado e redigido por Frank Charles Thompson; Tradução João Ferreira de Almeida. – São Paulo: Editora Vida, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CAPPELLI, Marcio. A teologia de José Saramago: ateísmo como locus theologicus. **revista Último Andar** (ISSN 1980-8305), n. 30, 2017.

CERDEIRA, Terese Cristina. **José Saramago entre a história e a ficção**: uma saga de portugueses. Belo Horizonte, MG: Moinhos, 2018.

CRIADO, Miguel Ángel. **Como os homens chegaram a deus**. Espanha: Revista El País, 2019

CHOULIARAKI, Lilie. FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. By Lilie. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice de Paes Barretos Mourão. – 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

DENOVA, Rececca (Traduzido por Eric Azevedo). **Os evangelhos**. 2021. Disponível: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-19436/os-evangelhos/> Acesso em 06 de mar. 2024.

DENOVA, Rececca (Traduzido por Eric Azevedo). **Fariseus**. 2022. Disponível: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-20491/fariseus/> Acesso em 06 de mar. 2024.

ECO, Humberto. **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011. Acessado em abril de 2023. Disponível em <https://docente.ifrn.edu.br/marcelmatias/Disciplinas/fundamentos-da-literatura1/fundamentos-da-literatura-2018.1/sobre-algumas-funcoes-da-literatura>

ESTUDO DO NOVO TESTAMENTO. FATEC- Faculdade de Teologia e Ciências. Disponível em: <http://www.fatecc.com.br/alunos/apostilas/teologia/2periodo/novotestamento.pdf>. Acesso em 14 de jun. 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**/ Norman Fairclough; Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Izabel Magalhaes, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2008.

_____. **Analysing Discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Sigmund (1996). **Uma breve descrição da psicanálise**. In: S. Freud. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., volume 19, pp.213-136). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1924).

_____, Zigmund. **O Inconsciente** (1915). São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Tendências da Análise do Discurso**. USP: Campinas, 1990.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed., 8ª impressão. Rio de Janeiro: Série Princípios, 2008.

GRAY, John. **Sete tipos de ateísmos** [recurso eletrônico]. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2021.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém**. Traduzido por Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: Levita Digital; 8. ed. 2004.

HALLIDAY, M. A. K. (1994). **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold.

IRINEU, Lucineudo Machado (org.) et al. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave** / Organizadores: Lucineudo Machado Irineu, Adriana dos Santos Pereira, Ametista de Pinho Nogueira Silva, Ana Lorena dos Santos Santana, Fernando Henrique Rodrigues de Lima e Suellen Fernandes dos Santos; Prefácio de Viviane Vieira.– Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

IRINEU, Lucineudo (org.). **Análise de discurso crítica: exercícios analíticos**. Organizador: Lucineudo Irineu. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

LIMA, Alessandro Ricardo. **O cânon bíblico: a origem dos livros sagrados**. Brasília, DF: 2007.

LOPES, José Marques. **Biografia – José Saramago**. Lisboa: Guerra & Paz e Pluma, 2010.

LOPES, Marcio Cappelli. **Por uma teologia ficcional: a (des)construção teológica na reescritura bíblica de José Saramago**; orientadora: Maria Clara Lucchetti Bingemer. – 2017

LOPES, Augustus Nicodemus. **Por que não aceitamos os evangelhos apócrifos**. FIDES Reformata XVII, Nº 1, 2012.

MACHADO, Assis. **Dom Casmurro** (1899). Editora: Principis; 3ª edição, 2019.

MARQUES, José da Cruz Lopes. **Considerações sobre a controvérsia judaico-cristã no pseudo-barnabé**. Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 10, n. 17, jan/jun, 2016, p. 28-40

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**, 1843 (tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus) [supervisão e notas Marcelo Backes]. - [2.ed revista]. - São Paulo: Boitempo, 2010. Disponível: <https://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Marx,%20Karl/Critica%20da%20Filosofia%20do%20Direito%20de%20Hegel.pdf>

MAINGENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradutor Adail Sobral. – 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

MAGALHÃES, Izabel. **Introdução: A Análise de Discurso Crítica**. DELTA, 21: Especial, 2005.

MUCCI, Isaías. Lições da aula, de Roland Barthes, professor no Collège de France. **Contraponto**. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17452/11089>. Acesso em: 29 mai. 2024.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade**. Uberlândia | vol. 12, 2018.

OLIVEIRA, Luciano Amaral (organizador). **Estudos do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Fatima Cristina Monteiro. A arte da reescritura: uma resignificação? **JORNAL de PSICANÁLISE** 44 (80), São Paulo, 2011. P. 127-140.

PÊCHEUX, Michel. **Automatic Discourse Analysis**. Edited by Tony Hak and Niels Helsloot. Rodopi, Amsterdã, 1995.

PEREIRA, Luciene Rocha Guisoni Galdino. **No princípio era o verbo: o estabelecimento do cânone bíblico do novo testamento**. Ponta Grossa-PR: Atena, 2020.

POSSENTI, Sírio. O “Eu” no discurso do “Outro” ou a subjetividade mostrada. Alfa, São Paulo, 2022. Disponível em <<researchgate.net>>

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações

teóricas-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso** — LemD, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise do Discurso Crítica**/Viviane Resende e Viviane Ramalho. São Paulo: Contexto, 2006.

SARAMAGO: Vida, obra e religião. PUC-Rio: **Revista Maxwell**. p. 47–73.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Saramago: Vida, obra e religião. Sistema Maxwell PUC-Rio. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/36948/36948_4.PDF.

_____, José. **Discurso em Estocolmo ao receber o Prémio Nobel de Literatura**, 1998. Acesso em 27 nov. 2022. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/saramago/1998/12/07.htm>

_____, José. **Biografia**. Acesso em 9 nov. 2022. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/biografia/>

_____, José. **O fator Deus**. 2001. Acesso em 23 março 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br › folha › mundo>

_____, José. **Manual de pintura e caligrafia** (1977). Punto de Lectura, 2007

_____, José. **Cadernos de Lanzarote** (1993). São Paulo: Companhia das Letras; 2. edição, 2023.

_____, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003

_____, José. **Este mundo da injustiça globalizada**. Ciberfil Literatura Digital, 2002.

SILVA, Francisco Norberto Moreira da. **Corpo, tempo e envelhecimento**: o discurso tridimensional de Hilda Hilst no livro “a obscena senhora d”. Brasília, 2010.

SILVA, Rodrigo. **A Origem dos Evangelhos** (2019). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=mYJcqN4kvQc&t=717s>. Acesso em 17 mar. 2024.

_____, Rodrigo. **História dos Judeus** (2013). Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=ak4IfJja7D0>. Acesso em 20 mar. 2022

_____, Rodrigo. **Como surgiu o evangelho de Marcos** (2021). Acesso em 20 mar. 2024. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=0AhLdiTXnPM&t=1388s>

_____, Rodrigo. **Como surgiu o evangelho de Lucas** (2022). Acesso em 20 mar. 2024. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=0AhLdiTXnPM&t=1388s>

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Princípios, 2007.

SOARES, Elton. **A formação da cultura hebraica**. PUC-SP, São Paulo, 2012

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari; VERSA, Cezar Roberto. **Análise Do Discurso E Literatura**: Um diálogo possível no romance O Dia Em Que Matei Meu Pai, de Mario Sabino. **Entremeios**: Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, v. 16, jan.-jun./2018.

SOBEL, Henry. **Não existe um Messias para os judeus**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Traduzido por Nícia Adan Bonatti. – São Paulo: Editora Unesp, 2018.

WODAK, Ruth. MEYER, Michael. **Methods of critical Discourse analysis**. SAGE Publications, London · Thousand Oaks · New Delhi, 2001.